

A M  
Revista not  
DI

# A MADRUGADA

Revista noticiosa, crítica, litteraria, biographica e bibliographica  
DIRECTOR OSCAR LEAL



MGADA  
ica e bibliographica  
LEAL



Coleção  
Documentos

30

## EXCURSÕES EDITORIAIS: OSCAR LEAL E *A MADRUGADA* (1894-1896)

CENTRO DE  
LITTERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



**EXCURSÕES EDITORIAIS:  
OSCAR LEAL E *A MADRUGADA*  
(1894-1896)**





**DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO**



**DIRETORIA**

**PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES**  
**VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL**  
**DIRETOR DE ACERVO – MAURO NICOLA PÓVOAS**  
**1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES**  
**2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO**  
**TESOUREIRO – VALDIR BARROCO**

Francisco das Neves Alves

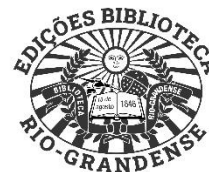
# EXCURSÕES EDITORIAIS: OSCAR LEAL E *A MADRUGADA* (1894-1896)



- 30 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2020

**Ficha Técnica**

Título: Excursões editoriais: Oscar Leal e *A Madrugada* (1894-1896)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 30

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Retrato de Oscar Leal estampado em encarte suplementar de *A Madrugada*, em composição com uma página de tal periódico

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2020

ISBN – 978-65-87216-18-8

**O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.



## **Conselho Editorial**

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)





No grande meio em que ousamos de novo entrar, cremos haver um lugar para nós, e que ao menos acreditem os ilustres confrades, que não é a jactância fofa do pedante, e sim um dever, nascido de um lugar que imerecidamente ocupamos nas fileiras dos operários do progresso – o que aqui nos traz.

**Oscar Leal – *A Madrugada*, 28 out. 1894**



# ÍNDICE

<i>A Madrugada</i> e as matérias editoriais.....	13
Crítica e recepção.....	61
Contos, crônicas, poemas, biografias e relato de viagem.....	111
Noticiário e publicidade.....	177



***A MADRUGADA E AS MATÉRIAS***  
**EDITORIAIS**

Odontólogo, naturalista, contista, cronista, poeta, periodista, conferencista, Oscar Leal (1862-1910) buscou dar um caráter múltiplo em suas ação profissional/intelectual. A essas atribuições intentou realizar outra, a de editor jornalístico. Não é para menos que ao longo de suas tantas jornadas pelo Brasil e em Portugal manteve várias propostas de edição de periódicos. Nesse sentido, fundou e dirigiu o *Dentista*, publicado em Goiás e Uberaba; a *Tesoura*, na Bahia; o *Bragantino*, no Pará; o *Boêmio*, em São Paulo; o *Correio dos Clubes* e o *Popular*, no Rio de Janeiro; a *Antessala*, em Lisboa; o *Viajante*, em Corumbá; e o *Tributo às Letras*, em Cuiabá<sup>1</sup>. Assim, ao lado dos tantos livros que publicou e das inúmeras colaborações na imprensa que redigiu, Leal dedicou-se à organização de jornais, que, como os próprios títulos indicavam, relacionavam-se com suas predileções e com seus projetos de vida, tais como a profissão de dentista, os prazeres da vida noturna, a literatura e a vocação para viajante. Um dos pontos altos da ação de Oscar Leal como editor deu-se através de *A Madrugada*, folha ilustrada e literária publicada em Lisboa, entre 1894 e 1896. Mais tarde, Leal teria outra experiência como editor, fazendo circular a *Revista de Lisboa*, entre 1901 e 1908, não de forma ininterrupta, da mesma natureza que a anterior.

A época em que circulou *A Madrugada*, ao final dos Oitocentos, correspondeu a uma etapa de expansão do jornalismo português. Nessa linha, a nação lusa não deixou de contar com um periodismo significativamente desenvolvido em patamares que envolveram alcances e limites, progressos e defasagens, escassez de recursos e aprimoramentos gráficos e editoriais, que a

---

<sup>1</sup> TRIBUTO ÀS LETRAS. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 1, n. 1, p. 1.

colocariam em condições de apresentar jornais compatíveis com o desenvolvimento da imprensa em termos mundiais. De acordo com tal perspectiva, o jornalismo lusitano evoluiria calcado em modelos externos, mas não deixando de também apresentar determinadas peculiaridades em relação à realidade de outras nações. Essa característica advinha da existência de padrões “de comunicação intermutáveis entre os diferentes países ou áreas geográficas”, levando em conta os momentos em que foi verificado “algum progresso significativo, tanto no terreno da liberdade de expressão como em nível da técnica, da difusão ou de outras questões especificamente jornalísticas”. Assim, “a especificidade de cada país ou área cultural ou linguística” viria também a estabelecer “algumas diferenças significativas na evolução da história do jornalismo desses países ou áreas”, a partir de “traços comuns, certamente com ‘empréstimos’ de um país a outro, mas com uma especificidade intrínseca” em cada um deles<sup>2</sup>.

Nesse sentido, o jornalismo luso, após as agitações bélicas e revolucionárias das primeiras décadas do século XIX, iria se afirmar constantemente e, notadamente a partir da segunda metade de tal centúria, passaria por uma de suas etapas de maior progresso. Desse modo, a imprensa aparecia como “a representação tangível do raiar de uma instituição revolucionária nos domínios da inteligência, a qual viria concitar a atenção de todas as curiosidades e atrair e seduzir as penas de todos os escritores”. Além

---

<sup>2</sup> QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 11.

disso, “com o rodar dos anos”, ela se converteria “num instrumento novo de primacial importância no intercâmbio e na reciprocidade das relações do espírito, como nas de trato ou interesse meramente utilitário”<sup>3</sup>. Assim, durante os Oitocentos, os jornais tiveram “um desenvolvimento assombroso”, de maneira que “política, ciência, artes, questões sociais, tudo” eles invadiram, “tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial”<sup>4</sup>. A relevância dos periódicos vinha ao encontro da premissa pela qual “o jornal não matava a fome do leitor, porque a mantinha acesa para o número seguinte”, além disso, “a sua duração não era como a dos livros”, ou seja, “repousada, longa e sapiente”, e sim existia “à desfilada, de dia para dia, aos saltos de povo para povo, de continente para continente, sem possibilidade de envelhecer”, e, apesar das intempéries, escapando “às guerras, às pestes e aos sismos”, e mantendo sua força viva junto à comunidade na qual circulava<sup>5</sup>.

De acordo com tal tendência de avanços, a imprensa portuguesa teria nos últimos decênios do século XIX uma etapa de vigor e expansão quantitativa e qualitativa. Ocorreria então um “movimento extraordinário” e um “desenvolvimento maravilhoso” no seio do periodismo lusitano e, apesar da população ser mais reduzida, se comparada a outras nações, e de Portugal ficar “atrás de muitos países no que se referia a vários outros elementos do progresso

---

<sup>3</sup> CUNHA, Alfredo da. *Periódicos e relações, periodistas e noticiários*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942. p. 23.

<sup>4</sup> REMÉDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Atlântida, 1930. p. 545.

<sup>5</sup> MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942. p. 10.



da civilização europeia”, no que tange às atividades jornalísticas, poderia ser colocado “ao nível das nações mais civilizadas da Europa”<sup>6</sup>. Havia então “uma verdadeira febre de jornais”, pelos quais estavam “representados não só os grupos políticos” em que aparecia dividida a sociedade portuguesa, “do mais conservador, ao mais avançado e radical, mas também os principais ramos da ciência, da literatura e da indústria”, dos quais “em quase todas as cidades”, havia “uma representação de destaque”<sup>7</sup>.

Vários levantamentos e catálogos entabulados acerca da imprensa lusa<sup>8</sup> demonstrariam esse crescimento acentuado das atividades jornalísticas ao final do século XIX. O próximo gráfico<sup>9</sup> apresenta tal evolução praticamente constante e ainda mais marcante nos anos finais da centúria:

---

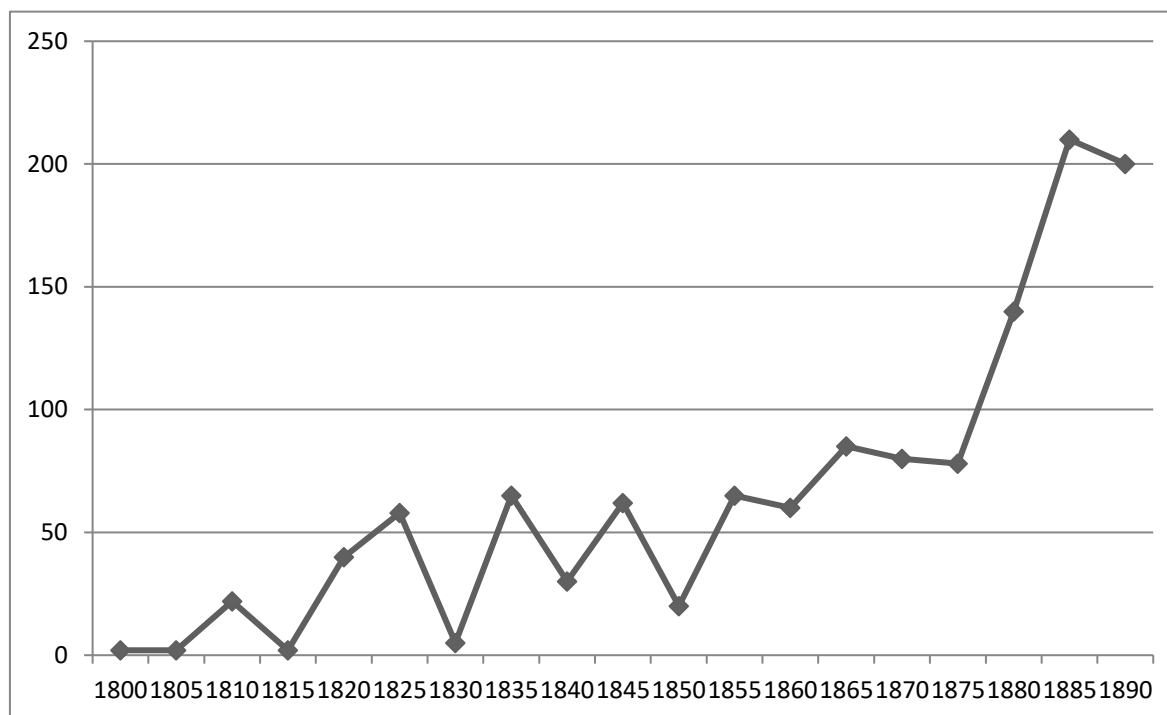
<sup>6</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900. p. 5 e 47.

<sup>7</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894. p. 12-13.

<sup>8</sup> CASTRO, José Luciano de. *Catálogo do jornalismo português antigo e moderno*. Lisboa: Liv. de João Pereira da Silva & Filhos, 1897.; MONTEIRO, Graciano Franco. *Coleção de jornais portugueses começada em 1883*. Coimbra: Tip. de M. C. da Silva, 1887.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *O jornalismo português: resenha cronológica*. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses*. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: *Revista de Sciencias Lettras e Artes*. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3), ago. 1901, p. 68-82.

<sup>9</sup> Elaborado a partir de: TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3. p. 271.

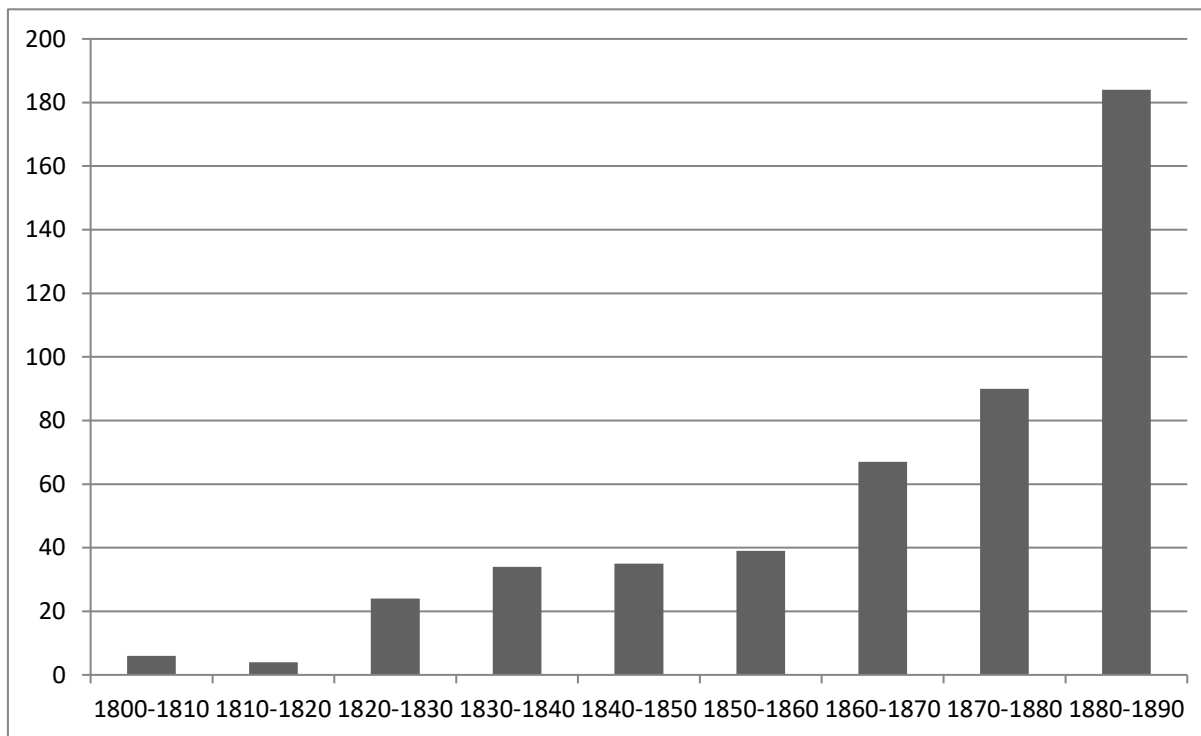
**GRÁFICO 1 – Fundação de novos jornais por lustros ao longo do século XIX  
(em números absolutos)**



Tal levantamento, apresentado por décadas e em média, demonstra ainda mais claramente o avanço quantitativo do periodismo lusitano nos últimos decênios do século XIX<sup>10</sup>:

<sup>10</sup> Com base em: CUNHA, Alfredo da. *Relances sobre os três séculos do jornalismo português*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941. p. 17.; CUNHA, Alfredo da. *Elementos para a história da imprensa*

**GRÁFICO 2 – Média aproximada da criação de periódicos em Portugal no século XIX, por decênios (em média numérica)**



---

*periódica portuguesa (1641-1821)*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1941. p. 18.; e TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 248.

Foi também “no último quartel do século XIX que a imprensa atingiu considerável expansão em todo o país”, pois, até então “o movimento periodístico reduzia-se quase exclusivamente à Lisboa e ao Porto, com grande vantagem da capital”, em um quadro pelo qual, “o público interessado das províncias” muitas vezes “se limitava a receber, por vezes com atraso de vários dias, as folhas que assinava”<sup>11</sup>. Assim, de uma primeira época em que a imprensa periódica distribuía-se no país com muita desigualdade, sendo “o grande centro, quase exclusivo durante muito tempo” aquele representado pela capital, “em ritmo sempre crescente”, o jornalismo desenvolveu-se “não só nos grandes centros, como na província, alargando-se a massa de leitores por todo o país”<sup>12</sup>, de modo que, “aos poucos, a imprensa vai-se estendendo” ao interior, “aumentando a formação cultural das populações rurais graças à melhoria das comunicações”<sup>13</sup>.

Um levantamento dos jornais publicados em Portugal nos anos finais do século XIX demonstrava esse avanço do periodismo ao longo dos vários distritos continentais e insulares que compunham o país, todos eles possuindo localidades com representantes das atividades jornalísticas, conforme expresso no seguinte gráfico<sup>14</sup>:

---

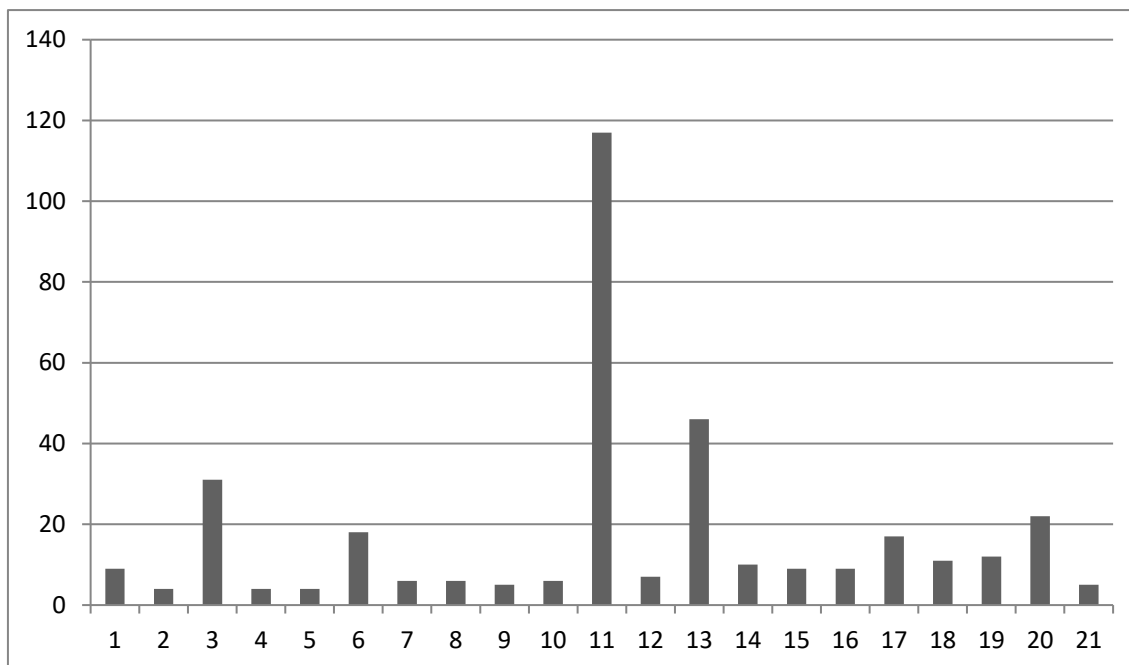
<sup>11</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 186.

<sup>12</sup> TENGARRINHA, 2000. p. 261 e 270.

<sup>13</sup> RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 361.

<sup>14</sup> Elaborado a partir de ARANHA, 1894. p. 47.

**GRÁFICO 3 – Número de jornais que circulavam em Portugal no ano de 1894 por distritos (em números absolutos)**



onde – DISTRITOS CONTINENTAIS: 1 – Aveiro, 2 – Beja, 3 – Braga, 4 – Bragança, 5 – Castelo Branco, 6 – Coimbra, 7 – Évora, 8 – Faro, 9 – Guarda, 10 – Leiria, 11 – Lisboa, 12 – Portalegre, 13 – Porto, 14 – Santarém, 15 – Viana do Castelo, 16 – Vila Real, 17 – Viseu. DISTRITOS INSULARES: Açores: 18 – Angra, 19 – Horta, 20 – Ponta Delgada; Ilha da Madeira: 21 – Funchal.

A maior concentração ficava no distrito de Lisboa, onde estava a capital, e, distanciadamente da primeira, no do Porto, no qual se situava a cidade homônima. Destacavam-se ainda os distritos de Braga e Coimbra, cujas sedes eram também as cidades homônimas, e o arquipélago dos Açores, com seus três distritos insulares. Essa distribuição dos jornais portugueses ao longo dos vários distritos, na última década do século XIX, com a utilização dos dados expressos pela mesma fonte do gráfico anterior, pode ser observada no próximo mapa:

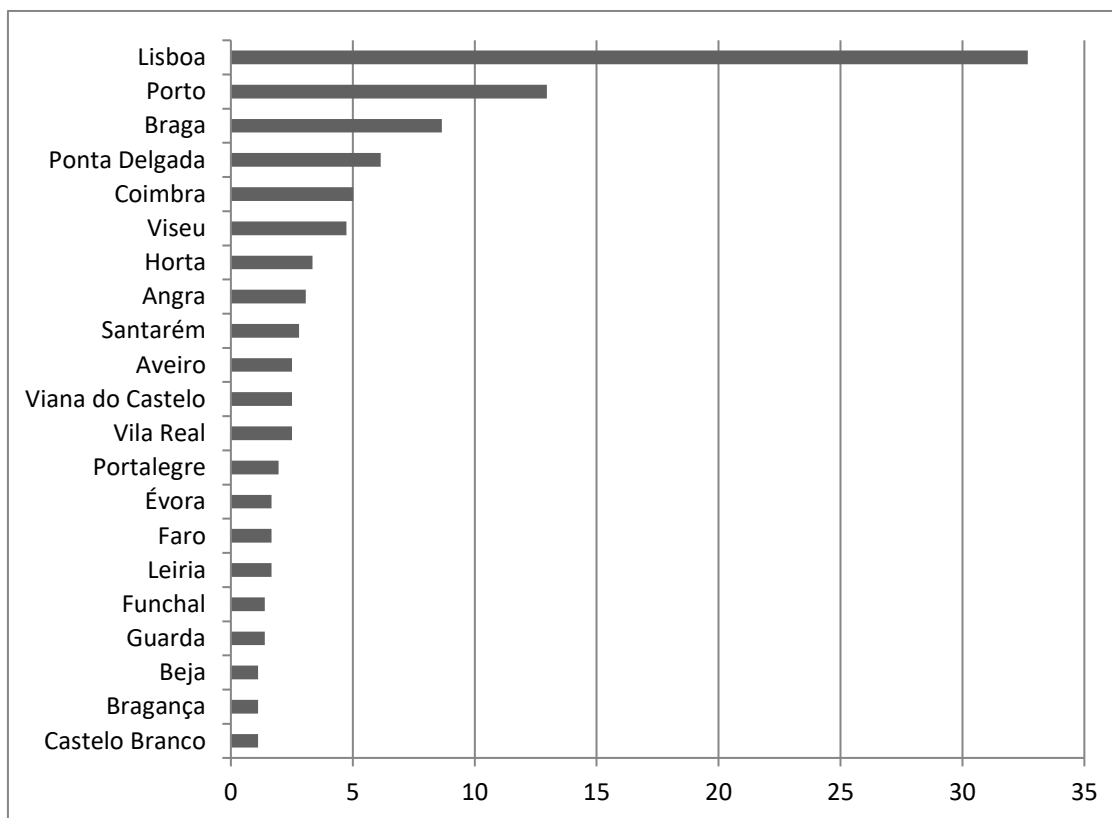
## MAPA – Jornais que circulavam nos distritos portugueses em 1894 (em números absolutos)



O número de jornais expresso para o arquipélago dos Açores compreende o somatório de seus três distritos - Angra (11), Horta (12) e Ponta Delgada (22). E o número da Ilha da Madeira compreende os periódicos do distrito de Funchal.

Com base no mesmo arrolamento, é possível verificar-se a proporção distributiva dos periódicos lusitanos editados em 1894, com ampla predominância de Lisboa, secundada pelo Porto, mas, ainda assim, presente nos mais diversos departamentos, como demarcado no próximo gráfico:

**GRÁFICO 4 – Proporção da distribuição dos jornais pelos distritos portugueses no ano de 1894 (em %)**



Os avanços do jornalismo luso nas décadas finais do século XIX foram além da própria expansão quantitativa, havendo também melhoramentos



qualitativos, expressos tanto no aprimoramento tecnológico da impressão, como também através da qualidade gráfica das páginas impressas. Os progressos se davam também no campo editorial e redatorial, ainda mais a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos dos “grandes nomes” das letras e do pensamento lusitano colaboraram “assiduamente na imprensa periódica”, fazendo com “que o nível geral do jornalismo” subisse “consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica”, fossem “redigidos corretamente e num estilo cada vez mais individualizado”<sup>15</sup>. Constituíam-se, assim, uma “nova fase da imprensa” que passou a contar “com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais portugueses”, ao contrário do que acontecera nas etapas iniciais de tal periodismo<sup>16</sup>. Era uma época em que escrever em periódicos constituía “uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião”, de maneira que, “escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras”, ou ainda, “de defender ideologias, de travar polémicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública”<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 160.

<sup>16</sup> RODRÍGUEZ, 1996. p. 360.

<sup>17</sup> PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.

Além disso, desde a segunda metade dos Oitocentos e mais acentuadamente nos decênios finais da centúria, se daria o predomínio de uma nova fase organizacional, com significativa mudança no sentido editorial da imprensa portuguesa. Passava então a predominar “uma imprensa consideravelmente imbuída pela notícia em oposição à anterior hegemonia da imprensa de opinião”, de modo que a informação constituía “a principal preocupação e objetivo”, dando-se “a gênese da imprensa contemporânea”, a qual transportava “de imediato à polêmica sobre o conteúdo da informação, à sua verdade ou à sua manipulação”<sup>18</sup>. Dava-se, assim, uma inversão entre “o antigo jornalismo”, o qual foi “um agente de propaganda, uma arma de combate” e “o novo jornalismo”, que se tornou, “ao mesmo tempo, uma indústria com importantes capitais empregados e o uso de meios mecânicos consideráveis”<sup>19</sup>.

Dessa maneira, ficavam estabelecidas no país “as condições propícias à transformação industrial da imprensa”, por meio de um periodismo “predominantemente *noticioso*”, o qual se opunha à imprensa dominada pela “*opinião*”, em um contexto no qual “estava lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo”, que tinha a informação como a sua maior meta. Tal mudança devia-se à “necessidade de encontrar um público mais largo” que fazia com que o periódico procurasse “manter uma atitude imparcialmente objetiva, dirigindo-se assim *a todos* e não a um grupo de leitores ideologicamente afim”, que, por

---

<sup>18</sup> ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 164.

<sup>19</sup> CUNHA, Alfredo da. *La presse périodique en Portugal: bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse à Lisbonne*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1898. p. 7.

sua vez, seria “necessariamente muito mais restrito”. De acordo com tal perspectiva, o que “interessava era vender o mais possível, sacrificando tudo a isso”, de modo que a publicação também passava a constituir “uma *mercadoria*”, embora fosse um produto “essencialmente transitório, apenas com valor durante algumas horas”. Ainda assim, mesmo aquele jornal que se afirmasse “exclusivamente noticioso”, também poderia ter “uma posição mais ou menos visível”, com a qual o leitor poderia ou não concordar, de forma que, “embora surgindo, cada vez em maior número e com maior projeção”, periódicos “exclusiva e preponderantemente noticiosos, continuavam a aparecer importantes jornais de opinião”, ou ainda, “simultaneamente de informação e opinião”. Nesse sentido, “ao lado dos jornais puramente noticiosos, continuavam a existir, ou até a aumentar em número e importância, os de caráter político e as publicações de todas as espécies”<sup>20</sup>, acentuando-se uma especialização das atividades jornalísticas<sup>21</sup>.

Em tal contexto, as publicações ilustradas caíram no gosto do público, ainda mais nas derradeiras décadas do século XIX. A presença de periódicos ilustrados também servia como um dos fatores para demonstrar os avanços do periodismo luso em relação a outros países com atividades jornalísticas amplamente desenvolvidas. Além disso, “a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão,

---

<sup>20</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 213, 215, 219-220, 222 e 231.

<sup>21</sup> ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além-mar: a primeira década da República Brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2017, v. 1, p. 61-66.

identificando melhor o leitor com o fato descrito". Tal perspectiva "tornou-se sobretudo mais evidente com a larga divulgação dos 'jornais populares'", destinados a um "público mais amplo", uma vez que, "reconhecia-se que a imprensa muito ilustrada de caráter popular permitia mais facilmente transmitir mensagem" até para os "menos letrados que tinham dificuldades de leitura ou mesmo eram analfabetos"<sup>22</sup>.

Em muitos casos, a imprensa ilustrada encontrava-se com a literatura, dando ênfase aos propósitos de expansão da cultura, difusão da leitura e divulgação de criações literárias. Muitos escritores, desde os iniciantes até os mais renomados, encontravam na imprensa ilustrada-literária um elemento propulsor de sua obra. *A Madrugada* esteve plenamente vinculada com tais tendências, promovendo por meio do texto e da gravura um mútuo conhecimento entre as realidades culturais lusa e brasileira. Sob a direção de Oscar Leal, circulou entre outubro de 1894 e dezembro de 1896, contando com quatro páginas e o tamanho de 46 centímetros<sup>23</sup>. O estudo da ampla participação de Leal na elaboração desse periódico constitui o objetivo deste trabalho, o qual está vinculado ao Estágio Pós-Doutoral realizado junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (Assis), Programa de Pós-Graduação em Letras, sob a supervisão do Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior.

---

<sup>22</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. p. 865-866.

<sup>23</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manoela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2, p. 82.

A *Madrugada* constituiu uma das culminâncias do projeto cultural de Oscar Leal, no sentido da consolidação de seu reconhecimento como intelectual. Nessa linha, essa revista caracterizou-se por ser praticamente uma execução unipessoal do escritor que, além de dirigi-la foi o seu mais importante redator. A execução e redação da folha giravam em torno do próprio Leal, de modo que as diversas seções apresentavam textos de sua lavra, ou traziam interseções com as suas próprias atividades. Desse modo, por meio da *Madrugada*, Leal afirmou seus contatos e mesmo relações mais intrínsecas com a intelectualidade de então, o que trazia por repercussão uma ainda mais acentuada notoriedade para o diretor da revista e, conseqüentemente, sua incorporação definitiva no rol dos homens de letras de sua época, tanto no contexto português, quanto no brasileiro.

A folha literária e ilustrada apresentava em seu frontispício o dístico “Revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica”, revelando a proposta bastante ampla de seu norte editorial. O diretor era Oscar Leal, aparecendo ainda F. Palmerim, como administrador até a edição de agosto de 1895. A folha anunciava também que sua redação seria “composta dos melhores escritores portugueses”. Tinha uma proposta de circulação mensal, mas houve várias interrupções na sua edição, de modo que foi publicado um total de quatorze números, referentes a outubro, novembro e dezembro de 1894; em janeiro de 1895 houve uma falha na edição, que prosseguiu em fevereiro do mesmo ano, ocorrendo nova interrupção em abril, retornando em maio e junho de 1895, ocorrendo outra interrupção em julho, para retornar em agosto,

setembro, outubro e dezembro de 1895, com mais uma falha em novembro de tal ano. O último ano de edição foi o mais irregular, havendo publicações apenas nos meses de janeiro, março, setembro e dezembro de 1896, com interrupções em fevereiro, abril, maio, junho, julho, agosto, outubro e novembro do mesmo ano.

No “Número programa” de outubro de 1894, não foi apresentado o local de impressão, o qual passou a ser informado na edição de novembro de 1894 estendendo-se a junho de 1895, na Tipografia Minerva Central. Posteriormente o periódico passou a ser impresso, desde o número de agosto de 1895, até o derradeiro, de dezembro de 1896, na Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica. As assinaturas, desde a primeira edição até a de outubro de 1895, custavam para o Brasil: ano ou uma série – 10\$000 francos; e semestre ou meia série – 5\$000 francos; e, para Ilhas e Ultramar: ano ou uma série – 1\$500; e semestre ou meia série – \$800. Tal custo foi reduzido, visando à ampliação do quadro de leitores no contexto brasileiro, de modo que, entre dezembro de 1895 e março de 1896, a assinatura passou a ser na ordem 5\$000 francos por ano, para o Brasil; e, para Ilhas e Ultramar, um ano ou uma série custava 1\$500, e um semestre ou meia série, 1\$000. Finalmente, da edição de setembro de 1896 em diante, o valor da assinatura anual para o Brasil voltou a custar 10\$000 francos, permanecendo para Ilhas e Ultramar, 1\$500 para o ano ou série, e 1\$000 para o semestre ou meia série.

# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCAR LEAL

N. 3

Lisboa 27 de Dezembro de 1894

ANNO I

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos)... 10000  
Seis meses ou meia serie, réis... 5000  
Em notas ou em sellos remetidos dentro de  
carta registrada ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis... 1500  
Seis meses, ou meia serie, réis... 800

## EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem ainda o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por nota serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cedulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil dentro de carta ou vale do correio.

Esta empresa encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser illustrada com gravuras de Pastor.

Nestas condições considera a direcção como meio mais proficuo e consante ao seu patriótico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos diferentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para o Correio Geral n.º 222—Lisboa.

## João de Deus

Eis o bohemio descuidado e leviano transformado no homem pensador, espirito disciplinado pela reflexão e estudo, amadurecido pela desventura, purificado pelo trabalho.

E instinctivamente, uma das phisiconomias mais sympathicas e promettentes da moderna geração dos litteratos portuguezes, impondo-se irresistivelmente á nossa admiração, á nossa alma, ao nosso sentimento.

Quem o conheceu na vida airada de Coimbra, arrastando uma existencia incoherente e desordenada, nunca poderia ter pensado que elle, apesar do seu talento, das suas notaveis aptidões intellectuaes, do seu genio poetico, fosse capaz um dia de prestar á sociedade portugueza um serviço de tanto valor e alcance, como o de abrir novos e radiosos horizontes ao easmo primario.

O seu grande espirito creou e produziu uma obra admiravel, de fecundissimos resultados, que encheu de luz tantos cerebros obscurecidos e d'esperança tantas almas abatidas.

Com a sua *Cartilha Maternal*, conquistou um dos primeiros logros entre os homens mais notaveis do seu tempo, e conquistou, sobretudo, a gratidão das mães.

Mas não é sob tal aspecto que n'este livro pretendemos estudar João de Deus. Queremos fallar do poeta, do grande lyrico que enriqueceu a litteratura portugueza com versos do mais fino ouro, genuinos interpretes do sentimento, em todas as suas phases e manifestações, exponents e cristallinos como os gorgheios do rouxinol.

Os seus primeiros trabalhos poeticos não foram tímidos ensaios,—participavam já dos vãos da agua, librando-se ás maiores alturas.

Denunciaram logo a existencia d'um poeta de raça, d'uma natureza privilegiada, que sabe ferir magistralmente todas as notas do sentimento humano e traduzir, sem o menor esforço, ou artificio, todos os seus pensamentos, todos os seus desejos, todas as suas aspirações.

O verso sabe-lhe espontaneo, e teve sempre o grande merecimento de não sacrificar a idea á forma, de apagar o pensamento na metrificação.

A cada passo vamos descobrindo nas suas produções novas belezas, novas nuances: é musica que nunca enfadista, fallam constantemente ao ouvido e á alma, e em todos os tempos láo-de ser apreciadas, sejam quaes forem as transformações porque tenha de passar a poesia em Portugal.



ALBERTO PIMENTEL

Escolheu de preferencia para os seus cantos, para os seus hymnos, para os seus quadros, o que ha de mais terroso, mimoso e puro no mundo do sentimento. Ah! temos o homem revelado. Não forçou o temperamento, as tendencias moraes para produzir a sua obra. E' nisto que consiste o seu principal merecimento.

O poeta, o escriptor, o orador, que não escrevem ou dizem o que sentem, podem seduzir a imaginação, mas não convencer. A verdadeira eloquencia está no sentimento.

O grande defeito de muitos litteratos modernos é escreverem o que não sentem. Todos os seus esforços limitam-se á forma, ao *estyllo*, á phrase retumbante, vasta como os seus cerebros.

A poesia de João de Deus tem um cumbo de melancholia poetica, mas sentida.

João de Deus é do seu natural triste: tem a im-

pressão da realidade das cousas. As mais sedutoras, as mais brilhantes, as mais *côr de rosa*, são, no fundo, no amago, pungentes desillusões.

A sua alma volve-se uma vez por outra para o mysticismo: é uma necessidade de sua organização irremediavel. Fatigado das cousas terrenas, que o entristecem e desanimam, põe para cima, para o vago, para o desconhecido e, por momentos, tem fe no quer que seja que não pertence ao mundo da materia. Canta e exalta como ninguém, a formosura, a pureza, as virtudes da Virgem. Consagra-lhe as melhores melodias da sua lyra fecunda. Tem a crença n'outra vida, n'um mundo melhor do que este, em que a cada passo topamos com um infortúnio irreparavel, com desesperos, encontros, com decepções crudelissimas.

A poesia a Vida é como um desluzado do seu coração dorido. E' uma das paginas mais bellas, commoventes e verdadeiras da sua grande obra d'inspiração. As vezes tem ironias finissimas, não serão lagrimas disfarçadas? O sorriso, muitas vezes, é uma forma especialissima da dor: ri-se para distrahir a alma d'uma grande tristeza.

O lyrismo em Portugal nunca atingiu maior grau d'explosão, sendo quando se revelou João de Deus.

CYRILDO DE NOBREGA.

## O Progresso

Os pesos caminham, não ha obstaculo que lhes empegue a marcha, não ha força que os obrigue a parar. O sol, que em nevoeiro serrado e sombrio nos escondera hontem, apparece hoje radiante e formoso, inundando com a sua luz vivificadora os campos da peleja.

Que não já os seculos para esta rapida carreira da humanidade? Que é uma idêia para occupar todo o globo?

Offuscados por uma luz tão viva, turbados com demonstrações tão claras, os poderosos da terra approximam-se d'essa lava candente, que se abre melodia para os servir.

Um anno já basta para annunciar um novo principio, para alliviar corporações, para destruir um absurdo, para riscar uma iniquidade.

Neste jogo de principios, n'esta effervescencia de crenças, n'esta temtilha de paixões ha uma força irresistivel que nos conduz, que nos arrasta—mais forte que o homem, mais prompta que o pensamento, impellem-nos na senda que trilhamos ate aclarar o que tínhamos por indistinctivel.

Se n'alguma d'essas horas de repouso, em que a humanidade para, para crear novas forças, olhamos para o passado, que admiração não sentimos pelos trabalhos que outras gerações nos têm legado, que respeito não cousagramos a esses homens que á força de de-

As edições da *Madrugada* foram inicialmente marcadas por “ano”, “série” e “número”. A colocação do “número” só durou nas quatro primeiras edições, de outubro de 1894 a fevereiro de 1895, quando tal classificação foi suprimida. O “ano I” circunscreveu-se às edições de 1894, ou seja da primeira à quarta; iniciando-se o “ano II” em fevereiro de 1895, perdurando até dezembro do mesmo ano; ao passo que o “ano III” compreendeu as quatro últimas edições de 1896, correspondentes aos meses de janeiro, março, setembro e dezembro. Já no que se refere às “séries”, a 1ª foi de outubro de 1894 a fevereiro de 1895; a 2ª, de maio a setembro de 1895; a 3ª, de outubro de 1895 a março de 1896; e a 4ª, de setembro a dezembro de 1896. A partir da edição de 18 de setembro, foi acrescentada ao frontispício a inscrição “publicação mensal”, a qual permaneceu até a edição de março de 1896. Da edição de outubro de 1895 em diante ocorreria novo acréscimo ao cabeçalho, com a informação “publicação mensal – tiragem 5.000 exemplares”. Ainda houve nova alteração no frontispício a partir da edição de janeiro de 1896, aparecendo o informe “edição especial para o Brasil e Ultramar”. Tais dados eram relevantes, pois traduziam uma tiragem bastante expressiva para os padrões da época, ainda mais no que tange àquele gênero jornalístico; bem como o destino específico para “Brasil e Ultramar”, revelava as áreas de preferência quanto ao público-alvo.

Uma estratégia de venda utilizada em larga escala naquela segunda metade do século XIX foi também empregada pela administração da *Madrugada*, a qual informava que “as pessoas residentes no Brasil que receberem o presente número da *Madrugada*”, e desejassem “continuar a



receber os seguintes, para serem considerados assinantes”, deveriam remeter “em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos), importância correspondente a uma série, um ano, ou cinco mil réis por meia série”. Era destacado ainda que tal remessa poderia “ser feita em notas ou cédulas do tesouro ou em selos do correio (novos) do Brasil ou vale postal”. No primeiro expediente editado, ficava firmado que a empresa encarregava-se “de biografias de pessoas notáveis, vindo a pedir “aos amigos do Brasil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação”, que seria “ilustrada com gravuras de Pastor”, referindo-se ao ilustrador F. Pastor, responsável pela edição do *Almanaque Ilustrado* e parceiro de Leal desde a década de 1880<sup>24</sup>.

Buscando ampliar ao máximo a distribuição no quadro brasileiro, a empresa anunciava que contava com “colaboradores-correspondentes no Brasil” os quais se espalhavam pelas diversas regiões, norte, sul, sudeste, centro-oeste e nordeste, estendendo-se até mesmo ao Peru, não por acaso demarcando lugares que contaram com a presença de Oscar Leal durante suas tantas excursões. Nessa linha, os “colaboradores-correspondentes” eram: Estevam de Mendonça – Mato Grosso; Alberto Rodrigues – Rio Grande do Sul; Arthur Goulart, Carlos Ferreira, Lafaiete Toledo, Furtado Filho e Alberto Veiga – S. Paulo; Luiz Monteiro – Goiás; Dr. Salazar Pessoa e Dr. Alfredo Fleury – Minas; Augusto Cardoso e João Barbosa – Rio de Janeiro; Arthur de Albuquerque – Pernambuco; Sérvulo Juaçaba e Dr. Aurélio Lavor – Ceará; Luiz Pinheiro e Dr. Oscar Galvão – Maranhão; Cônego Ulisses Pennafort – Pará; e Dr. Benjamin

---

<sup>24</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1.

Graça – Iquitos<sup>25</sup>. Um outro país sul-americano viria a somar-se a tal listagem, com mais um “colaborador-correspondente”, Dr. Rafael Calzada – Buenos Aires<sup>26</sup>. Tais interfaces permitiam amplo intercâmbio, o que ficava demarcado a partir de aviso segundo o qual “os primeiros números desta folha” poderiam ser “encontrados à venda a 400 réis o exemplar”, nas seguintes localidades: Manaus – na livraria de Silva Gomes; Pará – Gomes & Sousa; Maranhão – Ramos de Almeida & Cia.; Ceará – Joaquim José de Oliveira; Pernambuco – Ramiro Costa & Cia.; Maceió – Francino & Filho; Bahia – Catilina & Cia.; Rio de Janeiro – Lopes do Couto & Cia. Rua da Quitanda, 24; Rio Grande do Sul – Carlos Pinto & Cia.; Uberaba – Tobias Rosa; e Santos – A. Devesa & Cia<sup>27</sup>.

Além da informação do cabeçalho sobre a redação da *Madrugada* ser composta “dos melhores escritores portugueses”, que permaneceu ao longo de todos os números, a partir da edição de setembro de 1896, no “Expediente”, aparecia: “Redatores e colaboradores – D. Guiomar Torresão, Aluizio de Azevedo, Júlio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heliodoro Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.”. Mas o rol de escritores presentes nas páginas de *A Madrugada* foi bem mais amplo, de modo que através de seus quatorze números, foram editados extratos ou colaboraram nomes menos ou mais conhecidos e/ou notáveis, entre os quais: Arthur Goulart, Heráclio P. Placer, Fernandes Costa, J. A. Pimenta, Ramalho

---

<sup>25</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1.

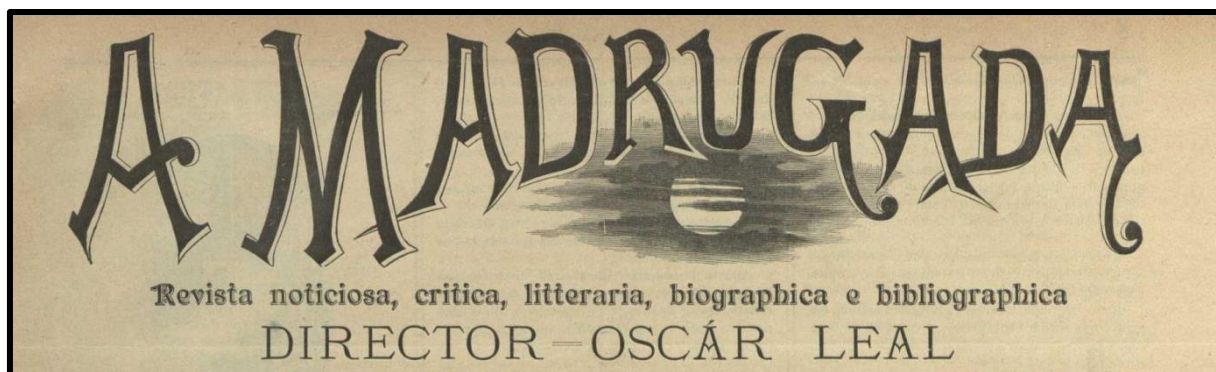
<sup>26</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 1.

<sup>27</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 4.

Ortigão, Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Cláudia Campos, Teófilo Braga, Cyriaco de Nóbrega, Gomes Leal, Luiz Pinto Coelho, Maria Amália Vaz de Carvalho, Demóstenes de Olinda, Guiomar Torresão, Fernando Caldeira, Valentim Magalhães, Thomaz Ribeiro, Ulisses Pennafort, João de Deus, Olavo Bilac, Thargélia Barreto, Manoel Lobato, Raimundo Corrêa, Bulhão Pato, Bento Ernesto Júnior, Luiz Guimarães Filho, Casimiro Dantas, David Bensabat, Lourenço da Fonseca, Eça de Queiroz, Wenceslau de Queiroz, Albertina Paraíso, Ernesto Paula-Santos, Augusto Ribeiro, Júlio Brandão, Heliodoro Salgado, Lopes Carqueja, Alberto Pimentel, F. Clotilde, Aquiles Porto Alegre, Brito Aranha, M. P. Ferreira Júnior, José Pereira de Sampaio Bruno, Padre Correia de Almeida, Guimarães Passos, Ernesto Santos, Horácio Nunes, Garcia Redondo, Teófilo Dias, Luiz Monteiro, Raul Pompeia, Teixeira Bastos, W. Battenberg, Machado de Assis, Gonçalves Cerejeira, Luiz Pistarini, Martinho Rodrigues, Euclides Dias, Rodrigues de Carvalho, Manoel Arão, Tito Litho, Lafaiete Silva, Álvaro Pinheiro, Guilherme Gama, João Chagas, Trindade Coelho, Francisco Cepeda, Alice Moderno, Lindolfo Gomes e Júlio de Lemos.

Apesar desse amplo elenco de colaboradores, Oscar Leal foi a maior presença nas páginas de *A Madrugada*, de modo que seus textos se distribuíram ao longo das edições do periódico. Assinando com o próprio nome ou como “A Direção”, Leal foi o responsável pelas matérias de natureza editorial da publicação ilustrada e literária. A primeira delas surgia na posição do “programa” ou da “apresentação”, embora não tivesse tais títulos, limitando-se a enunciar a data – “Lisboa, 28 de outubro de 1894”. No texto, o diretor dizia

assumir aquela “ádua missão”, apesar dos “dissabores” que dela poderiam advir. Anunciava que iria mais uma vez adentrar a “cultura das letras”, avançando novamente nesse “grande meio”, em referência às suas iniciativas anteriores na edição de jornais. Dizia acreditar em uma boa recepção, saudava a liberdade de imprensa e justificava o título do folha, como uma alusão ao horário preferencial dos escritores para se dedicarem à sua faina, aparecendo no frontispício a imagem de uma “madrugada”, com a lua encoberta por nuvens negras, na forma de uma espécie de alegoria.



LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1894<sup>28</sup>

Não deixa de ser algum tanto árdua a missão que abraçamos mais uma vez, principalmente quando ainda nos acompanha a convicção íntima de sermos apenas inspirados pela consciência da nossa pobre obscuridade.

Incerto o nosso destino, vagas as nossas aspirações, vemos que a nossa vida até aqui tem sido inquieta e errante, cortada de sabores e dissabores de toda a espécie, que só têm servido para mais robustecer a nossa vontade de ferro.

Felizmente a cultura das letras nunca pode constituir a nossa única ocupação, mas sim um passatempo proveitoso, quando nos julgávamos ao abrigo das necessidades, segundo as exigências do nosso espírito.

Como as escrituras da *Sibila*, ao *capricho dos ventos revoando*, nossos escritos estão dispersos e a impressão de cada um deles lembra uma fadiga, um contratempo.

No grande meio em que ousamos de novo entrar, cremos haver um lugar para nós, e que ao menos acreditem os ilustres confrades, que não é a jactância fofa do pedante, e sim um dever, nascido de um lugar que imerecidamente ocupamos nas fileiras dos operários do progresso – o que aqui nos traz.

A imprensa e a tribuna, como já disse abalizado escritor, são os dois polos da vida intelectual e o diâmetro de uma é o próprio diâmetro da outra.

---

<sup>28</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1.

À imprensa devemos a liberdade de que gozamos, as delícias que fruímos, e a substituição das ficções pela realidade.

Mãos à obra, pois, e que nos recebam de braços abertos aqueles que ora não podemos estreitar em fraternal amplexo, pela distância a que se encontram, é este um dos nossos mais veementes desejos.

O título desta folha recorda a hora tardia em que nas longas noites de insônia, deixamos a quentura fofa do leito para nos entregarmos ao estudo.

Contando com um excelente corpo de colaboradores, escolhidos entre os melhores escritores portugueses, a *Madrugada* espera que nenhuma nuvem virá toldar a aurora brilhante do seu futuro.

Esperamos, pois, que o leitor acolherá de bom grado um jornal em que se não poupa trabalho nem despesa, para que seja digno de sua estima e possa preencher o fim a que nos propusemos.

A DIREÇÃO

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Uma prática muito comum exercida por Oscar Leal era a divulgação das apreciações feitas por outros periódicos em relação a seus livros e não foi diferente no que tange à *Madrugada*, trazendo tais recepções apresentadas por jornais portugueses. Tratava-se de uma seleção, na qual logicamente

prevaleciam os elogios. O projeto editorial de Leal ganhava corpo, ainda mais que, em todas elas seu nome aparecia juntamente com o da revista.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

#### COMO FOMOS RECEBIDOS<sup>29</sup>

Recebemos e agradecemos o 1º número de um novo jornal que ontem principiou a publicar-se em Lisboa. Intitula-se *A Madrugada* e é seu diretor o nosso amigo e distinto escritor brasileiro Sr. Oscar Leal.

(Do *Século*)

Com o título *A Madrugada* começa a publicar-se em Lisboa uma revista impressa em bom papel, ornado de retratos de brasileiros, bem escrita, e dirigida pelo Sr. Oscar Leal, publicista já conhecido e justamente apreciado.

(Do *Diário Popular*)

Apareceu o 1º número de uma revista ilustrada, noticiosa, crítica, literária e biográfica *A Madrugada*, de que é diretor o nosso amigo e distinto escritor brasileiro o Dr. Oscar Leal, e colaborada pelos primeiros escritores portugueses.

---

<sup>29</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 2.

(Da *Vanguardia*)

Recebemos o 1º número de *A Madrugada*, revista de que é diretor o Sr. Oscar Leal, e que se destina ao Brasil. É literária e noticiosa. Entre outras gravuras dá os retratos dos Srs. Pádua Carvalho, Dr. Lauro Sodré e Lafaiete de Toledo.

(Do *Diário Ilustrado*)

Iniciou sua publicação em Lisboa uma nova revista... dirigida pelo Dr. Oscar Leal, distinto escritor e incansável viajante brasileiro e redigida pelos melhores escritores portugueses.

É publicação que se apresenta donairosa e excelentemente impressa e redigida neste seu 1º número, ilustrando-o retratos de três brasileiros distintos.

Rodrigo Veloso

(Da *Aurora do Cávado*)

Agradecidos.





Outra matéria de natureza editorial publicada pela “Direção” na *Madrugada* dizia respeito aos critérios para a escolha dos participantes nas páginas da revista. A abordagem recaía sobre as oportunidades que os escritores obtinham para divulgar seus trabalhos, havendo a garantia de que aquela folha ilustrada-literária manteria seu papel na difusão das letras.



#### ESCRITORES BRASILEIROS<sup>30</sup>

O nosso ilustre confrade Teixeira Bastos acaba de prestar um grande serviço às letras brasileiras com a publicação dos *Poetas brasileiros*, realmente reconhecemos, com o ilustrado autor, a oportunidade da mesma, numa ocasião em que, escritores distintos dos dois países estão empenhados em estreitar as relações literárias entre povos unidos pela identidade de sangue, tradições e língua. Que outros o imitem é o que do coração desejamos, porque assim deve ser. O que, porém, sentimos é que entre os nossos confrades brasileiros reine ainda hoje o egoísmo literário, e sejam muitas vezes, em ocasiões solenes, maldosamente esquecidos nomes de brasileiros ilustres nas letras e principalmente nas ciências, quando se trata de elogiar amigos, muitos dos quais de medíocre merecimento.

---

<sup>30</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 1.

A nossa pasta está repleta de cartas, contendo justas e sensatas queixas, apontando-nos dezenas de escritores notáveis só conhecidos no meio onde vivem, entregues a cruel ostracismo, porque ante eles ergue-se a aérea muralha dos nulos emparedados numa faina grosseira de destruição, como bem disse o independente escritor das “Cartas literárias” da *Gazeta do Norte*, do Rio de Janeiro; porque suas obras boiam no mar da publicidade acolhidas pelo silêncio premeditado, pelo indiferentismo convencionado dos foliculários pulhas.

Nós cá estamos alertas. Sossegai, irmãos de além-mar. A ofensa, se não nos atinge, tem o poder de provocar-nos.

Em Portugal, afirmamos, são completamente desconhecidos muitos dos bons poetas e prosadores brasileiros, e é por isto que imparcialmente vamos sucessivamente apresentando alguns aos leitores portugueses.

Muitos deles não labutam na imprensa das grandes cidades e vivem isolados; não são adeptos de uma escola que se quer tornar obrigatória e por isso estão livres do elogio mútuo, mas têm inteligência e hombridade, só buscando distinguir à custa de trabalho e talento próprio, e não à custa do crédito alheio, deprimindo na ausência e pelas costas como há quem tenha a habilidade maquiavélica de o fazer.

Este reparo foi-nos sugerido pela leitura da magnífica obra do Sr. Teixeira Bastos, que é português e que, como tal, forçosamente apreciará os trabalhos de muitos outros escritores e poetas brasileiros, demasiadamente modestos e que a inveja e a malquerença têm procurado ocultar.

O sistema de deprimir hoje tão em moda no Brasil, dá origem a críticas acerbas, visando ao ridículo e que vão cortar em flor as doces aspirações de muitos principiantes fáceis de impressionar. A esses maltrapilhos da literatura são devidos igualmente os maravilhosos panegíricos que satisfazem a vaidade dos homens vulgares, os quais vão alcançando pelo azar o papel de eminentes.

O padre Correia de Almeida, distintíssimo poeta humorístico, que tem publicado magníficos volumes, em Minas, onde reside, (nome desconhecido em Portugal) apesar de velho e ser uma reputação feita, tão modesto quão tímido, ainda em fevereiro passado terminava desta maneira um soneto que foi publicado no *Cisne*, magnífica revista literária de Ouro Preto:

Se o velho, por ser velho e fraco enferma  
Eu receio encontrar algum palerma  
Que me atravanque as trôpegas passadas.

E por isso, escondido em meu retiro  
Evito quanto posso, expor-me ao tiro  
E vaia das crianças engraçadas.

Nós é que não tememos as crianças engraçadas.

A DIREÇÃO

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

As dificuldades de sobrevivência que cercavam o tipo de projeto editorial que representava *A Madrugada* se faziam sentir de modo que a direção passava a adotar novas estratégias que visavam à ampliação do quadro de favorecedores. Nesse sentido, apareceu um “Expediente”, segundo o qual os assinantes brasileiros que antecipassem o pagamento concorreriam a prêmios, além de atuar na “prosperidade da empresa”, cujo escopo primordial era a divulgação das ações literárias no âmbito luso-brasileiro. Já outro expediente, com a mesma motivação, anunciava uma redução no preço da assinatura.



#### EXPEDIENTE<sup>31</sup>

As pessoas residentes no Brasil que enviarem a importância correspondente a uma ano de assinatura da *Madrugada* receberão pelo correio os prêmios a que têm direito, constantes de livros e ilustrações. Quem assinar esta folha concorre para a prosperidade da empresa, que trata por todos os meios de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as coisas dos dois países.

---

<sup>31</sup> A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1.

EXPEDIENTE<sup>32</sup>

Aos nossos leitores do Brasil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa desta folha em várias capitais do Brasil e para maior facilidade e mais fácil aquisição baixamos o preço da assinatura anual para 5\$000 réis, moeda fraca. Quem assinar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade de uma empresa que trata, por todos os meios, de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as coisas dos dois países.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Por ocasião da passagem do primeiro ano de existência da folha, foi publicado o editorial “O nosso aniversário”, no qual Oscar Leal se dizia “animado a progredir” naquela “ádua tarefa”, mormente a partir do “acolhimento lisonjeiro” que a revista estaria a receber. Indo de encontro à própria estrutura editorial em que vinha se estabelecendo a folha, o diretor dizia que aquele projeto não era movido pela “ vaidade” e sim pela intenção de “popularizar” os literatos e suas obras. Leal buscava garantir a continuidade daquele empreendimento jornalístico, prosseguindo na sustentação de suas “aspirações e ideais”, bem como prometia uma batalha incansável contra aqueles “que profanam e bastardeiam o jornalismo”.

---

<sup>32</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 1.



## O NOSSO ANIVERSÁRIO<sup>33</sup>

Amplas e florescentes foram as nossas esperanças quando a primeira vez concebemos a publicação desta folha e mais florescentes são agora ao transpormos os umbrais do novo ano, porque nos sentimos animados a progredir em tão árdua tarefa diante do acolhimento lisonjeiro que a *Madrugada* tem conquistado de todas as pessoas ilustradas, em Portugal, no Ultramar e no Brasil, aonde mais especialmente se destina.

Uma vez empreendida esta publicação não nos sentimos, como é sabido, dominados por vaidade alguma, mas sim fomos impelidos muito principalmente pelo vivo desejo de popularizar na bela pátria de Camões os nomes dos mais distintos literatos brasileiros, de tornar conhecida uma literatura na sua expressão mais clara e sublime e de apresentar ao leitor por muito exigente um jornal moderno, variado nos assuntos e ameno na forma.

Até aqui temos sempre envidado todos os esforços para não nos apartarmos dos princípios consignados ligeiramente no programa e a esperança de continuarmos a ser úteis à pátria está cada vez mais enraizada em nossa alma e nela jamais se hão de sufocar os sentimentos nobres que abriga.

---

<sup>33</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1.

A *Madrugada* continuará a aparecer enquanto vivermos “neste jardim da Europa à beira-mar plantado” e tivermos saúde e forças para sustentá-la conforme as nossas aspirações e ideais.

Nestas colunas jamais, como até aqui, faremos críticas acerbas, que possam ir cortar em flor as ilusões dos que pretendem a carreira das letras.

Lutar sim. havemos de combater a opinião extraviada que bate palmas a indivíduos colocados abaixo da sua missão e aos que profanam e bastardeiam o jornalismo.

Nunca permitiremos a inserção de escritos acrimoniosos e insultantes se não em defesa própria, isto é, quando pretensos embusteiros, desejando elevar-se à custa dos nossos créditos, tentarem empanar o brilho dos nossos feitos. Isto mesmo quando reconhecermos sem o mérito quem nos combate por qualquer causa ou princípio. Ao contrário, nem uma palavra.

Dizem que os abusos da liberdade pela liberdade se neutralizam; os erros e os abusos da imprensa, pela imprensa hão de vencer-se.

Assim é que podemos tomar por santa a nossa missão, porque tende a elevar a nossa condição moral.

As colunas da *Madrugada* continuam a ser francas a todas as inteligências cultas, e quando tenhamos de recusar inserção a escritos ou produções de nulo mérito, podem seus autores ficar certos que a nossa pena quebrar-se-á no dia em que nos for mister usar do sarcasmo, em vez de usarmos do costumado e respeitoso silêncio.

## A DIREÇÃO

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Já perto do encerramento da circulação de *A Madrugada*, foi publicada uma nova seleção de excertos acerca da recepção da revista junto à imprensa. Dessa vez o quadro foi bastante ampliado, pois, além do jornalismo português, apareciam representantes do periodismo do extremo-orient, da Europa ocidental e de grande parte dos estados brasileiros. Permanecia o tom elogioso e, na grande maioria, ocorria a lembrança do nome de Oscar Leal.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

### A MADRUGADA EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO<sup>34</sup>

É uma revista bem escrita e dirigida pelo Sr. Oscar Leal, publicista já conhecido e justamente apreciado.

*Do Diário Popular, Lisboa.*

---

<sup>34</sup> A MADRUGADA. Lisboa, set. 1896, a. 3, série 4, p. 4.



A *Madrugada* é uma publicação que se apresenta donairosa e excelentemente impressa e redigida. É dirigida pelo Dr. Oscar Leal, distinto escritor e incansável viajante brasileiro.

Dr. Rodrigo Veloso. Da *Aurora do Cávado*.

A *Madrugada*, interessante revista dirigida distintamente pelo nosso amigo e fecundo publicista Dr. Oscar Leal.

Do *Diário de Notícias*, do Funchal.

A *Madrugada*, especialmente destinada ao Brasil, será decerto apreciada pelo primor com que é redigida e pelo brilhantismo de forma que reveste.

Da *Verdade*, de Tomar.

A *Madrugada*, pelo número presente mostra a sua importância, conservando-nos em viva ansiedade pelos números subsequentes.

Do *Lima*, de P. do Lima.

Em todas as seções da *Madrugada* vê-se o cintilante espírito do ilustre escritor Dr. Oscar Leal, uma das glórias do Brasil contemporâneo.

Da *Reforma*, do Porto.

A *Madrugada* é uma revista inteligentemente dirigida por Oscar Leal.

Da *Geração Nova*, do Porto.

A *Madrugada*, esplêndida revista dirigida por Oscar Leal.

Da *Gazeta de Notícias*, Terceira, Açores.

A *Madrugada*, linda publicação ilustrada de que é diretor nosso amigo Sr. Oscar Leal, conhecido escritor brasileiro. Magnífica a seção literária.

Do *Século*, de Lisboa.

É diretor da *Madrugada* o distinto escritor brasileiro Sr. Dr. Oscar Leal.

Do *Primeiro de Janeiro*, do Porto.

A *Madrugada* é dirigida com critério e arte pelo nosso amigo e distinto escritor brasileiro Sr. Oscar Leal.

Da *Vanguarda*, de Lisboa.

Sob a inteligente direção de Oscar Leal, distinto escritor brasileiro, publica-se a *Madrugada*, etc.

Da *Voz Pública*, do Porto.

A *Madrugada* é uma revista ilustrada de que é diretor o distinto jornalista Oscar Leal e em que colaboram distintos escritores.

Do *Extremo Oriente*, de Hong-Kong.

A *Madrugada* é uma magnífica publicação superiormente dirigida pelo conhecido homem de letras, Oscar Leal.

Do *Notícias*, de Margão, Índia.

A *Madrugada*. Dir. Oscar Leal. Oú de très intéressants aperçus sur la jeune littérature portugaise est bresilienne et des vers de...

De *La Lutte*, abril de 96. Bruxelas.

Croyez mon cher confrère Oscar Leal de la *Madrugada*, á notre hante sympathie intellectuelle.

Leon Bazalgette. De *Le Magasin International*, Paris.

Acho muito interessante a *Madrugada* e leio-a sempre de princípio a fim, o que não sucede com a maioria dos jornais que recebo.

Lisboa – Guiomar Torresão.

A *Madrugada* da qual é redator o inteligente Sr. Oscar Leal, é um jornal bem escrito e ilustrado.

Do *Comércio de Pernambuco*.

A *Madrugada*, dirigida pelo notável escritor Oscar Leal, tem uma redação máscula e brilhante.

Do *Monitor do Sul*, Goiás.

A *Madrugada* publica-se em Lisboa sob a direção do nosso velho amigo e ilustrado confrade Oscar Leal.

Da *Gazetinha*, de Uberaba, Minas.

Não deixamos de alegrar-nos sempre que de longe em longe temos o prazer de receber *A Madrugada*, importante revista de que é diretor o literato brasileiro, Oscar Leal.

Da *Gazeta de Alagoas*.

*A Madrugada*, interessante publicação literária de Lisboa, sob a direção do nosso ilustre e talentoso patricio Dr. Oscar Leal. O número que temos presente é um verdadeiro primor.

Do *Estado*, de Pernambuco.

É diretor da *Madrugada* o talentoso literato Oscar Leal.

Da *Renascença*, Bahia.

*A Madrugada*, sob a criteriosa direção de Oscar Leal, é uma folha que prima pela amenidade de estilo e correção de seus escritos.

Da *União*, da Paraíba.

*A Madrugada* é uma esplêndida folha literária do nosso operoso compatriota Dr. Oscar Leal.

Do *Correio Mercantil*, de Maceió.

A *Madrugada* é uma importante revista publicada em Lisboa, sob a inteligente direção do Sr. Oscar Leal.

Do *Comércio de Espírito Santo*.

A *Madrugada* é uma revista que honra o nome brasileiro.

Do *Prateano*, Minas – Prata.

É sempre de bom gosto artístico e bem escrita a *Madrugada*, revista de que é diretor Oscar Leal.

Do *Jornal do Brasil*.

A *Madrugada* é uma bela revista literária de esplendoroso sol.

Da *Plateia*, de S. Paulo.

A *Madrugada* é uma apreciável publicação, na qual grande parte é consagrada aos homens de letras do Brasil, encontrando-se nela muito bons artigos.

Do *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro.

É redator da *Madrugada*, o conhecido escritor Oscar Leal.

Do *Correio Paulistano*.

A interessante revista *A Madrugada*, que se publica em Lisboa sob a direção inteligente do distinto escritor Oscar Leal, é... uma brilhante publicação.

Do *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre.

Na *Madrugada*, verte a sua alma de patriota o dedicado brasileiro Oscar Leal, um dos nossos apreciáveis literatos.

Da *Democracia*, de Oliveira – Minas.

A *Madrugada* é folha de muito merecimento artístico e literário.

Da *Iracema*, do Ceará.

A *Madrugada* é um jornal bem feito, muito moderno sob a direção do nosso ilustrado compatriota Dr. Oscar Leal.

Da *República*, do Ceará.

*A Madrugada* é um primor pela beleza dos escritos, etc.

Do *Rio Grande do Norte*.

*A Madrugada*, bem redigida deve ocupar lugar distinto na imprensa portuguesa à altura das ilustradas penas do seus redatores.

Da *República*, do Rio Grande do Norte.

*A Madrugada*, da qual é diretor o eminente escritor Oscar Leal, traz artigos onde se revela o fino talento dos seus laureados redatores.

Da *Lanterna*, do Rio Grande do Sul.

Mais um número da *Madrugada*, que se publica em Lisboa, sob a direção do incansável Dr. Oscar Leal.

Do *Diário do Ceará*.

*A Madrugada*, continua brilhantemente dirigida pelo nosso compatriota, Dr. Oscar Leal. Texto variado e digno de leitura.

Do *Diário de Pernambuco*.



Sob a inteligente direção de Oscar Leal, escritor brasileiro, publica-se em Lisboa uma conhecida revista, *A Madrugada*.

Do *Rio de Janeiro*.

Alegre como o alvorecer de uma manhã primaveril, sonora como o coro jovial das aves despertando, entrou-nos portas a dentro a *Madrugada*, apreciada folha de Oscar Leal, com todo o seu concerto de harmonias, etc.

Da *Gazeta de Caçapava*.

A *Madrugada*, excelente folha literária do literato brasileiro Oscar Leal.

Da *República*, do Paraná.

A *Madrugada* é uma revista primorosa e chique, que o talento e fino espírito do nosso patricio Oscar Leal habilmente conduz através da imprensa europeia.

Do *Timburibá*, Rio de Janeiro.

É de Lisboa que nos vem esta *Madrugada* alvinitente e doce como as brisas do Tejo... Oscar Leal está ali para ser o sereno desta alvorada de amor e fraternidade.

Do *Amazonas Comercial*.

É diretor da *Madrugada* o nosso patrício e correspondente do *Brasil*, Dr. Oscar Leal. É uma revista digna da leitura.

Do *Brasil*, do Rio de Janeiro.

Dirigida por Oscar Leal, a *Madrugada*, cuidada como é com muito capricho recomenda-se e impõe-se.

Do *Mercantil*, de Porto Alegre.

A *Madrugada* é uma afamada revista cujo redator em chefe é o egrégio escritor Oscar Leal.

Da *Tuba*, Pará.

O número em que o Dr. Oscar Leal fez a *Madrugada* completar o primeiro ano de vida está mesmo a pedir – Viva a *Madrugada*.

*Do Mato Grosso.*

*A Madrugada* é a bem cuidada e interessante folha sob a inteligente direção do distinto cultor das letras Dr. Oscar Leal.

*Da República,* de S. Catarina.

*A Madrugada* é uma simpática e interessante revista editada em Lisboa pelo laborioso e distinto escritor Oscar Leal.

*Do Monitor Sul Mineiro,* Campanha.

*A Madrugada* está a cargo do afamado escritor brasileiro Oscar Leal.

*Do Friburguense,* Rio de Janeiro.

*A Madrugada*, sob a provecta direção do distinto escritor Oscar Leal, tem na capital portuguesa sabido elevar o nome dos escritores brasileiros.

*Do Diário de Notícias,* do Pará.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Apesar de toda esta propalada receptividade e de um suposto acolhimento do público leitor, nem mesmo as campanhas promocionais e a redução no valor das assinaturas foram suficientes para a manutenção da folha. As constantes falhas e interrupções na circulação já davam indícios dos tantos obstáculos que se antepunham à boa sobrevivência da empresa, levando ao inevitável desaparecimento de *A Madrugada* em dezembro de 1896, pouco mais de dois anos depois de sua inauguração.

# **CRÍTICA E RECEPÇÃO**

Sempre preocupado com a recepção que os vários volumes que lançou receberiam, sendo-lhe muitas vezes realizadas apreciações elogiosas e, em outras, críticas que iam das leves às mais contundentes, Oscar Leal não perderia a oportunidade de também utilizar as páginas de *A Madrugada* para realizar o mesmo tipo de ação. Ao cada vez mais inserir-se no rol dos homens de letras, Leal ainda utilizava tal segmento para promover o intenso intercâmbio com colegas, apreciando as obras de alguns de seus parceiros mais próximos. Por outro lado, Oscar Leal deixou-se marcar profundamente pelas críticas que recebeu, notadamente oriundas do Brasil, de maneira que ele usou pragmaticamente seu periódico literário-ilustrado para dar o troco, retribuindo as avaliações negativas. Nesse sentido, o diretor do jornal chegou a aparecer como um verdadeiro crítico dos críticos.

Uma das primeiras incursões de Leal nesse campo foi com uma inusitada apreciação sobre a importância da literatura chinesa, ressaltando o valor literário de alguns autores do longínquo extremo-orient. As intenções do diretor ao veicular tal tema poderiam estar vinculadas à tentativa de mostrar-se atilado com uma cultura distante, de representar uma maior amplitude de conhecimentos, de demonstrar que era um cidadão do mundo, e/ou referia-se a uma questão de gosto propriamente dito.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

LITERATURA CHINESA – ZELEDON<sup>35</sup>

Com certeza alguém poderá estranhar que me ocupe da literatura chinesa, considerando o tempo gasto, como perdido; mas quando muito, isso será um grandíssimo erro. A literatura chinesa é uma das mais brilhantes que existem, “soberbamente clássica”, disse já um distinto escritor.

Para que ela se cubra de glória basta o nome de Ten-Hian, autor de uma preciosa narração *A legenda do amor*, digna da pena brilhante de Catulle Mendez ou de Armando Silvestre.

Ten-Hian era um artista consumado, e dos mais inspirados poetas do celeste império. Possuía um bonito estilo e polia a frase assombradamente como o fazem hoje esses hodiernos escritores da França, chamados decadentes.

Tradução:

“É a vida um regato  
           que se desliza  
 Entre espinhos esparsos  
           Pela brisa.  
       Tênue suspiro  
 que em tuas ondas recolhes  
       Mar de olvido.

Isto pertence a Ten-Hian. É uma composição mui delicada, que melhor não seria escrita pelos nossos poetas.

---

<sup>35</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 2-3.

Kien-Long é autor da *Ode ao chá*, e *A casa do tigre*. Outros muitos, como Kang-Yng, Ten-Yng, Lam-Jechao, e outros muitos cujos nomes é impossível reter na memória, têm dado lustre às letras chinesas.

Na atualidade a China do mesmo modo que o Japão parece entrar em moda na Europa.

A esposa de Catulle Mendez fala e escreve versos no mesmo idioma.

Vega Armentero, literato espanhol, autor do *Duplo adultério*, nos oferece várias traduções do grande e celeste império. É ele o autor da tradução da *Legenda do amor*, que já mencionamos. O cetro dos seus imperadores, diz Vega, é as vezes substituído pela lira do poeta.

Young-Tchin, ilustrado imperador, escreveu magníficos discursos e inspiradas poesias.

Kang-Hi, que reinou de 1662 a 1722, manejava a pena com felicidade.

Meng-Tsen, que nasceu em Tson no princípio do século IV, antes da era cristã, quando na Grécia existiam Sócrates e Xenofonte, ilustrou seu nome nas letras.

Meng-Tsen, diz o mesmo Armantero, escreveu um livro famoso, em cujo trabalho demonstrou que a bondade e a justiça tiveram sua origem no céu, e que só o aproveitamento desses dons devem encaminhar tudo quanto a moral e a política encerram.



Entre os poetas chineses destaca-se um chamado Kang-Jug, que morreu muito jovem.

Tinha grande fama de improvisador.

Dele é o seguinte soneto que encontramos traduzido em castelhano:

“Por fin la aurora de fulgores llena  
Vierte em prodiga luz, rico tesoro  
En las ondas del mar ancho y sonoro  
Donde armonia languida resuena.

Ya sale el sol; em la menuna arena  
Do brillan refulgentes tonos de oro  
Rumores se oy en mil formando coro  
Con la rosa, el clavel y la azucena.

Y en horizonte la rosada nube  
Y en el follaje el limpido rocio  
Y del aroma que ondulante sube

Todo anuncia la vida del estio  
Que el angel protector, el grand querube  
Baña en su luz los golfos del vacio.

A poesia dos chineses não depende como a europeia de uma inflexível medida; o sentido e a cadência faz adivinhar o metro aos inteligentes. Nem pontos, nem vírgulas empregam, e aquilo que para nós seria um defeito, torna-se como perfeição nos escritos daqueles homens.

Oscar Leal



◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

A análise da obra “Cenontologia” de Ulisses Pennafort fez parte das apreciações em que Oscar Leal avaliava a publicação de um literato de suas relações, com o qual havia convivido, quando de sua permanência no Brasil e sobre quem chegou a traçar uma biografia nas páginas de *A Madrugada*. A partir de tal perspectiva, apesar de seu pensamento fortemente anticlerical, Leal não deixou de elogiar o trabalho do clérigo.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

## "CENONTOLOGIA"<sup>36</sup>

Foi com sumo prazer que li a última obra – CENONTOLOGIA – do cônego Ulisses Pennafort, a qual me há despertado bastante atenção pelos variadíssimos e profundos conhecimentos filosóficos que o seu autor nela revelou. Se os seus trabalhos parecem pouco volumosos, têm, todavia, o dom do mérito que grandemente os recomenda.

Não obstante, esta lacuna será breve preenchida pela publicação projetada de outras obras de peso e volume, cujos autógrafos já tive ocasião de ver e examinar com os meus próprios olhos. Sou, pois, um incompetente bem o sei, mas vou dizer com lealdade o que sinto e qual a impressão que me causou a leitura dos magníficos *Ensaio de ciência e religião* do meu amigo cônego Ulisses de Pennafort.

– Sob o ponto de vista científico e literário, o novo livro do meu amigo cônego Ulisses Pennafort, é um livro primoroso, de longo fôlego, onde as mais graves questões filosóficas, sociológicas e científicas são tratadas com tanta harmonia e profundidade quanto competência.

Adepto da escola científica seja qual for a sua origem, não posso deixar de salientar as belezas reais da nova obra do meu ilustrado amigo.

Sei de experiência própria como já notou o grande naturalista Zola, o formidável romancista francês, em seu último livro – O DR. PASCAL, que no exterior do homem cético, descrente mesmo da própria existência, e que às

---

<sup>36</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 3.

vezes blasfema contra as leis da própria natureza, existe – *quelque chose ao dedans* – um quer que seja de vácuo, de ignoto, de sublime, de divino, no organismo que o superexcita e faz brotar-lhe na alma pensante – *psique* – a esperança azulia e diáfana de um futuro melhor.

A sua obra é a síntese acabada de um belo ideal, deste *inconnu* de que nos fala Gauthier e Maupassant, deste ideal – “qui est l’apogée du progrès supposé possible dans toutes les branches de l’activité humaine”.

Este fim tão nobre e tão ansiosamente almejado é a própria experiência que o designa; através da filosofia da história este ideal surge como um prisma fascinante; assim é que vemo-lo ora no sectário de Odin – na doce perspectiva de uma *chasse quotidienne* – ora no paraíso de Mahomet, onde um esplêndido *serail*, cheio de formosas e divinas *houris* encantam os seus benvindos, ora enfim na Nirvana do budismo, até encontrá-lo de todo encantador, inefável, na mística morada do cristão, onde contempla metafisicamente um ser imenso, infinito, e se ouve eternamente o concerto monótono da grande harmonia célica.

Este último ideal supremo destaca-se admiravelmente das páginas brilhantes do livro ontológico do nosso amigo. Nele vem cabalmente demonstrado que cada século, substituindo a seu turno uma noção positiva à alguma estéril hipótese, há produzido e produzirá sempre sua parte de verdade, de progresso e de civilização.

Ali vem filosoficamente determinada a maneira de como o espírito humano procede na indagação da verdade, e como sua primeira síntese foi dominada pela noção positiva de sua importância intelectual – em face de problemas científicos inextricáveis.

É o domínio do *ignoto*, de que nos dá conta o gênio de Hugo em muitas de suas obras! Graças ao desejo insaciável de saber, essa sede que atormenta os Faustos hodiernos, graças à experimentação, esse domínio tem-se alargado estupendamente com o prosseguir incessante das ciências modernas. Pois bem, este velo de ouro foi sabiamente aproveitado pelo nosso amigo na textura de sua importante obra. S. Rvm. diz que o que caracteriza a religião é o dogma e o mistério; a ciência também às vezes os admite, posta de parte a sutilidade metafísica. O *inconnaissable*, o *indiscutablei*, o *infranchissable* – aí vem categoricamente extremados e inacessíveis aos ensaios das novas concepções experimentais.

Em lendo este livro precioso não pude deixar de exclamar com o ilustre Mr. Olivier: – “Certes, nous devons tenir grand compte du fait historique – religion. Il’a exercé sur la marche des civilisations une immense influence!” O meu ilustrado amigo, como amante estremecido da ciência, debaixo ainda deste ponto de vista, estudou *tudo o que é – illud quod est*, e afinal conseguiu ecleticamente relacionar-nos com variadíssimos fenômenos, que só nos era permitido constatar com os próprios dados das ideias hipotéticas.

O livro do cônego Pennafort veio-nos provar que hoje, no século XIX, – o antagonismo de Josué e Galileu não pode mais ter lugar; porque, demonstrou

sobejamente que – a religião e a ciência têm cada uma a sua esfera de ação; e que, conservando cada uma os seus limites e não procurando invadi-los, é fácil traçar a verdadeira linha de demarcação. Felizmente não é só este trabalho que há de sair da pena áurea do nosso douto amigo como já disse acima. A sua obra magistral que vai publicar “A evolução religiosa no seu passado, no seu presente e no seu futuro” é uma esplêndida concepção filosófica digna realmente deste *fim de século!*

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

As insatisfações de Oscar Leal para com as críticas que recebera, principalmente as originadas do jornalismo brasileiro, voltavam à baila em “Questões literárias”, na qual censurava acremente aquilo que denominava de “egoísmo literário”, dizendo que isso seria uma marca no mundo literário brasileiro, o qual estaria a levar a aniquilação precoce de muitas carreiras.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

QUESTÕES LITERÁRIAS<sup>37</sup>

Em Lisboa há quem se interesse pelas artes, há muito quem se eletrize pelas ciências, nas suas mais elevadas concepções.

Há sobretudo uma classe que se distingue, que luta, que estuda, que produz e que se ama, é a dos literatos que pululam e enriquecem a literatura pátria dia a dia.

O egoísmo literário é aqui quase desconhecido e não sucede o mesmo que no norte do Brasil, onde pretenciosos rapazolas, arvorados em críticos anônimos, formigam covarde e traiçoeiramente, tentando destruir a obra dos que trabalham e se tornam úteis ao seu país.

Tanto grandes como pequenos, dão-se a devida importância, segundo o mérito de cada um, ensinando e aprendendo sem desfazer.

Daí a fraternidade literária e o grande incremento que tem tido a literatura em Portugal neste século.

A publicidade dos jornais ajuda os que debutam (lá cai em pecado), dando-lhes uma notoriedade rápida e de que muitos devem conscienciosamente ser os primeiros a admirar-se, senão a surpreender-se. O crítico bibliográfico quando vê que a obra é sem valor e destituída de interesse, depois de ler atira-a para um lado, dando o tempo que consumiu com a leitura como perdido, e convicto de que ainda mais tempo perderia se a fosse criticar. Reconhece que a crítica neste

---

<sup>37</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 1-2.

caso é quando menos poderoso reclame e o proveito será do autor, porque há muito quem deseje provar da água desta fonte para se convencer se é boa ou má.

Pudera não, se os gostos são diferentes!

Em matéria literária quer-nos parecer que a modéstia é comedimento inaceitável. Geralmente todo aquele que escreve deve assumir a responsabilidade da opinião que emite com o seu nome. Em questões literárias o anonimato não deixa de ser uma covardia, e das duas uma ou o autor não tem consciência do que escreve ou teme viver e falar às claras.

Os literatos portugueses diferem bem dos seus confrades brasileiros.

Entre os primeiros reina ordinariamente harmonia, eles se correspondem afetosamente, auxiliam-se, ao passo que entre os segundos impera o despeito e a inveja.

Uma vida de cão e gato.

E fato curioso, os primeiros trabalham para viver, ao passo que os segundos trabalham para dar aos mais com que viver!

O escritor ou jornalista que tem noções de brio e dignidade, não se serve da sua arma mais preciosa, a pena, para fazer crítica acerba e muito menos suja.

Os homens de verdadeiro mérito, os que não necessitam pedir por empréstimo a qualquer os aplausos que lhe dão a sua consciência e a opinião pública, desprezam a esses bandidos da imprensa vil e corrupta.



A crítica que tem por base o despeito, a inveja, o ódio pessoal, é como uma messalina podre e lazarenta de que ninguém faz caso, mas que incute ainda assim quando muito compaixão.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Em “Literatura brasileira”, Oscar Leal retomava um assunto sobre o qual debateu por mais de uma década, criticando o pouco espaço que a produção literária brasileira poderia contar na conjuntura portuguesa. Tal perspectiva vinha plenamente ao encontro da proposta editorial de *A Madrugada*, tanto que a matéria era assinada pela “Direção”, dando uma ideia da perspectiva editorial com a qual o tema era tratado.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

## LITERATURA BRASILEIRA<sup>38</sup>

Já que a imprensa brasileira é unânime em reconhecer os nossos justos fins e as nossas sensatas intenções, continuaremos, estimulados pelo favor, a consagrar grande parte desta publicação aos homens de letras do Brasil, e

---

<sup>38</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1.

damos por bem empregado o nosso tempo, mesmo porque nada virá enfraquecer a força das nossas convicções e a energia dos nossos propósitos.

Bom e muito bom era que os nossos ilustres confrades brasileiros continuassem com mais assiduidade a enviar-nos os seus trabalhos, e se lembrassem de que é necessário divulgá-los aqui, porque só assim reconhecerão todos afinal de que o Brasil possui uma literatura própria e não somente grosso cabedal de elementos amplamente aproveitáveis.

Lá existe e de fato uma literatura nacional; ninguém pode contestar a não ser por absoluta ignorância e falta de conhecimento do assunto. E uma literatura mais ou menos opulenta em que se reflete visivelmente o caráter desse povo heroico, nobre e generoso, cujas tradições e crenças são cheias de vida e palpitantes de sentimento.

Infelizmente raros são os escritores portugueses que se entregam com afã ao estudo da evolução criadora dos bons modelos, poderosos sustentáculos do gênio e dos costumes literários do português americano.

No Brasil lê-se quase tudo que aparece de antigo e moderno nas *vitrines* das livrarias lisboetas, o que infelizmente não se dá em Portugal relativamente àquele país. E por quê? A quem cabe a culpa? Aos editores e aos próprios autores brasileiros.

Raramente se encontram nas livrarias portuguesas obras impressas no Brasil, e se algum mais ousado se atreve a mandá-las vir, tem, de antemão calculado o prejuízo que há de ter, porque os preços das mesmas variam

extraordinariamente, sendo publicadas lá e exportadas para aqui. Um volume de trezentas páginas (brochura) custa no Brasil de quatro a seis mil réis fracos atualmente, e aqui, para encontrar venda ou saída, é preciso que o preço não exceda de cinco a seis tostões fortes. É forçoso pois que haja muita abnegação e sacrifício para que o gosto pela leitura de obras brasileiras deixe de ser uma ficção e se torne realidade.

Em Portugal só são conhecidas regularmente as obras de Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, José de Alencar e de outros saudosos homens de letras do Brasil, ou de um ou outro da atualidade; mas lembrar, por exemplo, o lirismo social de Castro Alves, simplesmente, não significa mais do que assinalar ou descobrir apenas uma das raízes da árvore em que floresce a literatura brasileira.

Ultimamente o autor destas linhas, entrando na Livraria Chardron, hoje de Lello & Irmão, no Porto, deparou com algumas edições da casa de Hugo e Cia. de Pernambuco e de outros e voltando a Lisboa foi encontrar igualmente na antiga casa Bertrand ao Chiado e na de Tavares Cardoso, edições das mesmas casas. Perguntando se essas obras iam tendo fácil saída, foi-lhe respondido o mesmo que no Porto lhe haviam dito – “Que nem um exemplar existia vendido.” E por quê? Em primeiro lugar os preços não eram convidativos, em segundo os nomes de alguns autores eram completamente desconhecidos lá e cá. Entre esses nomes havia até pseudônimos de que usam os seus autores não por modéstia, mas sim por medo de afrontar de cara descoberta as consequências desferidas pelas crítica, quando muitas vezes, sob a mesma máscara do

anonimato, usam de mau vazo, encontrando qualquer produção daqueles que se esforçam e que estudam, de ridicularizar (porque não podem criticar) de um modo banal como lhes dita a estupidez da sua mente obcecada.

Os senhores Hugo e Cia. editaram já trabalhos de apreciáveis escritores brasileiros como Clóvis Beviláqua, Bianor de Medeiros, Aluísio de Azevedo, Afonso Celso e Coelho Neto, que merecem ser lidos e conhecidos em Portugal. Estes nomes sim, não os incluímos no número dos que são completamente desconhecidos.

Vemos também anunciadas obras de outros, cujos precedentes literários deixam antever completo sucesso. Entretanto livreiros há que cometem a grande e imperdoável leviandade de franquearem os seus nomes como editores, sem dispendirem um real nas impressões, única e simplesmente para satisfazer a vaidade fofa e pretenciosa de ousados autores de nulo mérito. E esta facilidade torna-se ainda mais grave e comprometedora, quando essas obras chegam a ser expostas fora do estreito âmbito onde só devem circular.

É esta a nossa opinião e a opinião daqueles que têm por costume não perder tempo com insulsas leituras e muito menos ocupar-se delas, porque repetimos o que já uma vez dissemos – a crítica neste caso é, quando menos, poderoso reclame e o proveito será do autor, visto que há muito quem deseje provar da água desta fonte, para se convencer se é boa ou má.

Queremos tornar conhecidos em Portugal os bons escritores brasileiros e havemos de fazê-lo como até aqui, sempre imparcialmente e sempre de comum acordo com a opinião dos nossos companheiros.

A DIREÇÃO

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

A impossibilidade de um indivíduo sobreviver unicamente como literato era a temática de “Literatos e...”, apontando para o corriqueiro fato de que muitos homens de letras sobreviviam a partir da execução de outras profissões. Várias das críticas lançadas contra Leal fizeram questão de dizer que ele deveria dedicar-se à odontologia, deixando de lado as letras, e era também contra isso que ele retrucava. O artigo não chegava a ser assinado, mas eram tantas as referências aos odontólogos, que ficava evidente a sua autoria, tanto que ele concluía que não seria de “admirar que sendo o dentista moderno um homem de ciência”, pudesse ser “também literato ou faça por melhor instruir-se tanto nas letras como nas artes”.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

LITERATOS E...<sup>39</sup>

Mascagni, o insigne autor da *Cavalaria Rusticana*, publicou numa revista italiana um curioso artigo sobre libretistas.

Só na Itália aparecem anualmente 1.400 libretos de peças líricas e só à sua parte, diz Mascagni, em média pode acusar a recepção de umas duzentas, cujos autores pertencem às mais variadas profissões como empregados públicos, carpinteiros, pintores e até sapateiros.

Em todos os países tem-se visto notáveis poetas e escritores dos mais finos e amestrados fazerem uso da pena sem que dela tirem o menor proveito pecuniário e vivendo muitos principalmente do exercício de suas profissões.

Assim é que alguns são médicos, dentistas, advogados, padres, empregados, etc.

Em certos países, porém, segundo a opinião mal entendida dos pretenciosos na literatura, profissões existem que não se coadunam com a cultura das letras.

Assim, por exemplo, irritados pelas vitórias alheias, tentam lançar ao esgoto do ridículo o literato que é farmacêutico, ou que é dentista, aconselhando aquele a fazer cataplasmas, ou este a empunhar o boticão em vez de cultivar, mesmo brilhantemente, as musas.

---

<sup>39</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 18 set. 1895, a. 2, série 2, p. 1.

Mas se o literato for médico não o aconselham a empunhar o escalpelo de preferência a escrever lendas ou narrativas!

Porque a palavra *médico* tem hoje universalmente uma significação bastante distinta e não se confunde com esta outra – *mezinheiro*.

Em toda a parte do orbe civilizado é defesa a arte de curar àqueles que não estiverem munidos dos competentes diplomas científicos, adquiridos depois de longos anos de estudo e de trabalho, numa academia ou numa universidade.

Infelizmente os ramos da ciência médica, que devem constituir importantes especialidades clínicas, não têm merecido da parte de alguns governos a devida atenção e assim é, que nos países em cujas faculdades não existem cursos especiais obrigatórios e apenas exames práticos das ditas especialidades, os farmacêuticos e os dentistas, em geral são tidos e considerados simplesmente como charlatães ou quase como embusteiros. E o público tem razão na sua maneira de apreciar, porque ambos habilitados ou não habilitados, são autorizados pela letra da lei; entretanto o dentista, o farmacêutico, a parteira, necessitam relativamente das mesmas bases e quase dos mesmos conhecimentos científicos que o oculista, o psiquiátrico, o dermatologista, etc.

Tal sucede nos Estados Unidos do Norte e em outros países, onde o aspirante a dentista tem de fazer o respectivo curso durante longo tempo, obtendo depois a graduação de doutor em cirurgia dentária ou craniana.

Neste caso o dentista é um homem de ciência e não pode de forma alguma no país onde vai exercer a sua nobre profissão ser confundido com os charlatães tolerados pela lei.

Assim é que vemos conhecidos no mundo inteiro os nomes dos mais afamados dentistas do mundo, tais como os Drs. Harris e Austin de Baltimore, Magitot em Paris, Rambo no Rio de Janeiro, Alexander em Portugal e outras muitas sumidades médicas-dentárias, cujos altos merecimentos profissionais, dotes de espírito e fino trato estão acima de toda a prova.

Nas faculdades de medicina do Brasil é obrigatório o curso de três anos tanto para dentistas como para farmacêuticos, devendo antes terem feito alguns exames preparatórios. O código penal marca a pena de seis meses de cadeia e quinhentos mil réis de multa para aqueles que exercerem tais profissões não estando munidos dos seus diplomas.

Os charlatães são apenas tolerados nas povoações do interior dos estados, como sucede nas feiras de Portugal e da Espanha.

Não é pois para admirar que sendo o dentista moderno um homem de ciência, seja também literato ou faça por melhor instruir-se tanto nas letras como nas artes.

No Brasil e em Portugal nenhum escritor de profissão, por mais notável que seja, tem conseguido fazer fortuna pela pena. Raro é aquele que dela fazendo quotidiano uso chega a obter os indispensáveis recursos para a sua subsistência, e com exceção dos jornalistas principais, quase todos os grandes



escritores portugueses e brasileiros, aqueles que não possuem bens de fortuna, exercem cargos públicos e outros misteres.

Terminando este ligeiro artigo, julgamos ter deixado bem clara a nossa intenção, que é por em evidência os que têm inteligência e desejo de saber, e pela nossa parte contribuir com os nossos fracos mas verdadeiros argumentos em prol de uma classe nobre, infelizmente em alguns países pouco apreciada fora das suas atribuições.

-----

Alexandre Dumas (filho) recebe pelos direitos de autor das obras de seu pai 50:000 francos anuais. Emílio Zola vence pelos seus folhetins 50:000 francos. Júlio Mary recebe o mesmo. Adolfo de Ennery ganhou 500:000 francos com a sua novela *Remorsos de um anjo*. Xavier de Montepin cobra geralmente um franco por linha nos periódicos e um tanto sobre a venda quando os seus folhetins se publicam. Paul Bourget ganhou com a sua obra *Ultramar* a quantia de 100:000 francos. Isto é em França, porque em Portugal e no Brasil... trabalham muito e morrem sem vintém.

Haja vista Pinheiro Chagas!...

Por isso não admira que os mais notáveis literatos destes dois países não façam das letras profissão e vivam das artes ou das ciências.

Assim de um modo peremptório podemos afirmar que a literatura não é uma carreira nem profissão. Para aqueles que pensam o contrário, o desengano

não tarda em fazer-se sentir, em face dos abismos que se ocultam sob as flores do jardim das letras.

Não ofendem pois os pretenciosos tentando ridicularizar àqueles que, cheios de iniciativa, sabem viver de modo independente e honrado, ajudados pelas suas nobres profissões e nós que temos o exemplo em casa e soubemos ganhar assim, não uma fortuna, mas os meios precisos para não sermos pesados ao próximo, podemos livremente nas horas de ócio dedicar-nos à criação das nossas obras.

Se fôssemos simplesmente humildes artistas teríamos muita honra em sê-lo. O maior homem de Estado, quando no exercício de qualquer cargo, é sempre um dependente, e o artista é independente e livre até morrer.



O passado de Oscar Leal voltava a falar mais alto no texto “Crítica literária”, no qual ele retomava o papel de crítico dos críticos, sentenciando que, em verdade, haveria uma “falta de verdadeiros críticos”. As estratégias de divulgação de obras junto aos meios jornalísticos, por ele também usadas, era outro dos temas abordados. Em outra perspectiva, refletia que até mesmo a “crítica violenta”, poderia oportunizar o aprimoramento de “qualidades de espírito e de caráter”.



## CRÍTICA LITERÁRIA<sup>40</sup>

Um dos obstáculos mais poderosos que se opõem ao desenvolvimento de qualquer literatura é a falta de verdadeiros críticos. Vejamos:

Publica um autor uma obra qualquer e envia o exemplar de rigor a cada periódico; se não tem amigos passará pelo dissabor de nunca ver estampada informação alguma a tal respeito ou simplesmente uma simples referência. Se tem amizade com determinados jornalistas e não teve o cuidado de lhes falar em particular, pode sair convicto de que só muito tarde será lembrado. A causa – os invejosos que o bisparam no momento da oferta e que vendo-o pelas costas lhe fazem triste ausência, desancando-o a valer, invectivando-o, desacreditando-o. Em caso contrário, pode esperar que consagrem ao seu livro, mesmo sem ser lido, seis ou oito linhas, quase sempre no mesmo tom – que a obra é interessante, que revela em seu autor belas qualidades de espírito e que deve e merece ser lida. Enfim, se o escritor tem amigos e não tem receios, o que não é raro, pode optar por uma das seguintes soluções: visitar um a um e cem vezes se for mister a esses amigos para que dediquem à sua obra artigos encomiásticos e longos, sobretudo, ou escrever ele mesmo esses artigos, que devem depois ser assinados por condescendentes confrades que aguardam ser pagos mais tarde na mesma moeda.

---

<sup>40</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 1.

Muitas vezes certos autores astuciosos e maquiavélicos fazem escrever ou assinam artigos em que se defende ou se ataca a sua obra, para suscitar polêmicas como melhor se costuma exprimir.

É um ardil que produz quase sempre bom resultado. Da leitura desses artigos resulta sempre uma boa impressão, porque em ambos se reconhece que o livro está bem escrito e revela em seu autor excepcionais dotes de estilista, de pensador e até de perito agrônomo se vem ao caso.

A única diferença está que enquanto num dos artigos se elogia a obra incondicionalmente, apresentando-a como uma maravilha livre dos golpes da crítica vulgar, no outro se afirma que leva muito longe o atrevimento da ideia, que apresenta claras demais certas verdades e bem nuas as chagas sociais, que peca por boa e por audaz em uma palavra.

Reúna o autor isto e ao publicar um segundo ou terceiro livro, (porque os maus literatos são reincidentes como eles sós) publique também modestamente a opinião da imprensa sobre as suas anteriores produções e logo o teremos como homem eminente.

E isto não é chalaça. Sucede todos os dias e a todos nós cabe mais ou menos responsabilidade nessas fraudes literárias, porque fraude é fazer passar gato por lebre, enganar o público oferecendo-lhe como boas, mercadorias avariadas.

Raro é o dia em que não nos queixamos e muito dos falsificadores de substâncias alimentícias, sem nos lembrarmos de que também é uma imoralidade contribuir para as indigestões e envenenamentos intelectuais.

Estes conceitos não são nossos, mas os fazemos nossos, para mais uma vez avisarmos os simpáticos leitores da *Madrugada* e também os autores de diversos trabalhos literários, de que se devem contentar com o muito ou pouco que o encarregado da seção de bibliografia disser dos trabalhos oferecidos a esta redação, pois já é uma grande vantagem para eles – a certeza de que à amabilidade da oferta correspondemos com um elogio merecido ou com uma referência animadora, em vez de críticas acerbadas e más que vão levar o desalento a tantos jovens inteligentes que talvez mais adiante posam dar glória à pátria, embora infelizes nos primeiros ensaios.

A estes aconselhamos tenacidade quando acossados pela crítica violenta, porque é nesta ocasião que melhor se evidenciam as suas qualidades de espírito e de caráter.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Ainda que houvesse um segmento redacional específico para divulgar as recepções bibliográficas, já no último ano de circulação de *A Madrugada*, Oscar Leal assumiu a redação de uma seção denominada “Movimento literário”, na qual fez apreciações sobre várias publicações que chegavam às suas mãos.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

MOVIMENTO LITERÁRIO<sup>41</sup>

Colatino Barroso, um novo escritor brasileiro, acaba de mimosar-nos com um exemplar dos *Anátemas*, formoso volume saído dos prelos da Companhia Nacional impressora do Rio de Janeiro. A obra é nitidamente impressa e adornada com o retrato do autor, um belo rapaz muito mais novo que nós, do que temos pena, pois bem desejávamos ser ainda mais novo do que ele.

O livro em questão é obra de um insubordinado em busca talvez de adeptos que o acompanhem em procura do seu ideal. Ao autor, incontestavelmente possuidor de um belo talento, muito bem revelado na sua auspiciosa estreia, enviamos as nossas saudações.

\*

Passando em revista as obras que acabamos de encontrar sobre a mesa de trabalho, destaca-se uma de Aderbal de Carvalho, intitulada *Efêmeras*, e também adornada com o retrato do autor. Há neste livro frêmitos de alegria e mocidade, da mesma forma em que algumas das suas mimosas páginas se extinguem rapidamente à maneira de um céu feliz que às vezes parece enublado.

É justo consignar, e conosco o fará todo o crítico sincero e imparcial, que o autor se afirma com incontestável brilho e mesmo talento artístico.

---

<sup>41</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, jan. 1896, a. 3, série 3, p. 3.

Ao Dr. Aderbal, que conhecemos pessoalmente, enviamos os nossos parabéns e sentimos que o pouco espaço de que dispomos não nos permita ser mais prolixo.

\*

Clóvis Beviláqua, autor de uma nova obra subordinada ao título *Épocas e individualidades*, é como ainda no último número desta folha dissemos – um nome que se impõe à estima de todos pela sua brilhante e esclarecida inteligência. Se algum dos leitores acreditar que erramos na nossa modesta apreciação, sirva-se de empregar algumas horas na leitura destes seus apreciáveis estudos literários que a conhecida livraria de José Magalhães, da Bahia, acaba de publicar.

*Épocas e individualidades* formam um volume de 212 páginas de que nos foi remetido um exemplar.

\*

Temos também à vista os últimos números de algumas revistas literárias do Brasil em forma de folheto, como *A Arcádia*, bela obra de arte, de que são diretores os Srs. Brito Mendes e Félix de Melo. Nela colaboram alguns literatos já bastante distintos, como os Srs. Alves de Faria e Colatino Barroso. No último número vem reproduzido um soneto de Alfredo Serrano, o estudante favorito do saudoso João de Deus e também um artigo de Delfim Guimarães, de Lisboa.

*O Cenáculo* é outra revista que nos prendeu por alguns instantes a atenção, porque representa o trabalho forte e delicado de um inteligente grupo

que tem o cuidado de fazer florir as letras num meio em que, apesar de acanhado, existem muitos engenhos dignos de comemoração nas páginas de uma história literária.

É que esses distintos confrades compreendem certamente que as letras fazem a glória de um país e se honram quem as cultiva, não menos resplandecem sobre a pátria que é seu berço. Parabéns pois a Dário Veloso e seu dignos companheiros.

\*

Anuncia-se para muito breve a aparição de algumas novidades literárias em Portugal.

Júlio Brandão, o poeta do “Livro d’Aglais”, acaba um drama em verso que irá à cena no Teatro de D. Maria. O drama, que é esperado pela crítica portuguesa com o maior interesse, visto que o autor é do grupo iconoclasta dos novos, é uma concepção transcendente de amor, de uma intensidade moderna e sugestiva em que a balada se suaviza num profundo estudo de psicologia humana.

\*

O ilustre dramaturgo Sr. Lopes de Mendonça, sob o título *Sol novo*, compôs um quadro alegórico destinado à celebração das vitórias portuguesas em Lourenço Marques.

Pode-se aferir do seu valor pelo entusiasmo que despertou no Teatro Príncipe Real, durante as suas primeiras representações e o certo é que o autor



confirma mais uma vez o seu talento de poeta brilhante. Neste trabalho existem trechos de alta inspiração e refinado patriotismo.

\*

Agora, por último, vamos terminar esta ligeira resenha, dando aos nossos amigos de além-mar uma boa notícia. Queremos tratar da aparição do poema *agonia* de Guerra Junqueiro, destinado a escândalo, segundo nos informam. Talvez já o tenham lido, porque devia ser lançado primeiramente no mercado brasileiro.

O autor é que não sabemos se evitará algum incômodo, tão sangrentas são as referências e tão evidentes são as alusões que nele se contém a altos personagens.

Claro que só quem for versado nos pormenores da história portuguesa e estiver perfeitamente em dia com as recentes oscilações da política deste país, poderá penetrar o completo sentido de *A agonía* que, segundo alguns trechos que já conhecemos tem páginas verdadeiramente shakespearianas.

OSCAR LEAL

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

As avaliações negativas de escritores portugueses para com a evolução literária brasileira retomava o campo redacional de natureza editorial de *A Madrugada*, em artigo sem título, no qual o diretor da folha encapava mais uma

vez o papel de defensor dos literatos do Brasil, intentado mostrar que aquela premissa oriunda do cenário cultural lusitano não era verdadeira.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

#### SEM TÍTULO<sup>42</sup>

Em referência ao movimento literário no Brasil durante o ano último, disse o Sr. Luiz Trigueiros do *Jornal de Viana* que era desolador o confronto, à vista do que se produziu em Portugal durante o mesmo prazo de tempo e citou entre louvores os nomes dos mais notáveis cultores das letras brasileiras.

O nosso ilustrado colega do *Repórter* de Lisboa, Sr. Décio Carneiro, porém, depois de ter em primeiro artigo e após a primeira impressão aderido manifestadamente ao que continha sobre tal assunto a crônica de Luiz Trigueiros, veio no dia seguinte pela mesma folha e inspirado sem dúvida numa mal entendida conveniência pátria, provocar a nossa indignação com as seguintes palavras:

“O Brasil literariamente, apesar das filáucias do Sr. Valentim Magalhães, filáucias que encontraram infelizmente eco em Luiz Trigueiros está cem vezes abaixo de Portugal. O melhor livro brasileiro no que respeita a qualidades artísticas, não vale o pior dos portugueses.”

---

<sup>42</sup> A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 1.

Mais do que filáucia, ousada frase e prova evidente de cabal ignorância é este disparate do Sr. Décio Carneiro.

E convença-se disto o Sr. Décio, porque apesar da sua erudição, cegou-se ao menos desta vez, mostrando-se injusto e deixando-nos doravante seriamente prevenidos consigo, porque ficamos habilitados a afirmar que é bem capaz também de dar a palma aos autores de rapsódias mascavadas em estilo a Magalona e negá-la ao mais modesto escritor de correta prosa portuguesa.

Pois pode lá passar sem um ligeiro protesto da nossa parte, já que nos achamos neste posto de honra como fracos representantes e propagandistas da literatura brasileira em Portugal, tão atrevido e pérfido cometimento.

Nada, que nenhum principiante mesmo que já tiver noções de dignidade e amor nacional, será capaz de igual arrojo, porque longe de encontrar aplausos dos seus, só pode ser tido por estes, quando sensatos, na conta de injusto e ambíguo.

Geralmente estes confrontos, se têm o grave inconveniente de provocar amargas questões em que por forma alguma desejamos envolver-nos, têm também a soberba vantagem de aguçar a muitos o apetite. E é disso que precisamos.

Ademais os resultados são bastante aproveitáveis, porque a vulgarização das boas obras brasileiras em Portugal, começa a tornar-se uma necessidade palpitante.

Assim não veremos muitos como Décio Carneiro que desconhece absolutamente a literatura brasileira dizer monstruosidades como esta que acabamos de consignar.

O que por lá e cá existe com abundância é muito orgulho fofo e muita cabeça oca.

Sem fazermos perigosas comparações que podem suscitar fatais polêmicas, afirmarmos, peremptoriamente convictos, que o Brasil tem muitos e grandes escritores seus, e quanto a poetas, repetimos o que disse o nosso ilustrado colega do *Correio da Manhã*, “leva Portugal atualmente a palma”. Dizer o contrário é mostrar ignorância completa a respeito do atual movimento literário do Brasil.

Da mesma forma é verdade que se têm alcançado voga os poetas e escritores mais felizes, que habitam e vivem no Rio de Janeiro e nas principais cidades do Brasil, existem muitos que vivem imensamente afastados nos sítios mais recônditos do país, quase completamente esquecidos e ignorados. Deles só nos dá notícia algum jornal de província. No entanto, muitos deles têm já produzido trabalhos de bastante merecimento, alguns dos quais fazem parte da nossa modesta estante, que doravante pomos à disposição do precipitado Décio, a quem pedimos vênias para um conselho:

Leia também o *Cortiço* e o *Livro de uma sogra* de Aluísio de Azevedo, *As ondas* de Luiz Murat e as coleções de Olavo Bilac, Teófilo Dias, Raimundo Correia e muitos outros; as *Memórias póstumas* de Machado de Assis; as

magníficas obras de Silvio Romero, Clóvis Beviláqua, Afonso Celso e de muitos outros menos conhecidos mas não menos distintos, e diga-nos depois se não ficou realmente envergonhado de ter afirmado “que o melhor livro brasileiro não vale o pior dos portugueses”.

O enojo deve ser grande e para seu próprio descargo o Sr. Décio, feita uma pílula de todo o seu artigo, melhor saberá do que nós dizer-nos quem a deve engolir.

A DIREÇÃO.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Em outra edição do “Movimento Literário”, Leal, além de realizar a análise de periódicos e livros, debateu questões em torno da renovação literária. Fazia uma analogia entre a mudança da forma de governo ocorrida no Brasil em 1889, e as transformações que também poderiam ocorrer no campo literário, argumentando que, se caíram “os medalhões do império”, o mesmo poderia ocorrer com os “medalhões literários”. Ele aplaudia “a guerra ao convencionalismo” e saudava a ação daqueles que trabalhavam “pela renovação literária do Brasil”. Além disso, ressaltava o papel das seções bibliográficas nas publicações periódicas, como um dos excelentes caminhos para aprimorar os “conhecimento dos progressos intelectuais de um povo”.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

MOVIMENTO LITERÁRIO<sup>43</sup>

*Le Magazin Internationale*, órgão trimestral da “Société International Artistique”, é sem dúvida uma das principais revistas literárias que se publicam em Paris, e a grande notoriedade que vai alcançando fora das fronteiras da França parece perfeitamente justa, porque a ninguém é lícito de compreender o alcance valiosíssimo daquela magnífica sentença de Goethe, que lhe serve de sublime divisa: “La littérature nationale n’a plus aujourd’hui grand sens; le temps de la littérature universelle est venu, et chacun doit aujourd’hui travailler à hâter ce temps”.

No número que temos à vista encontramos dois extratos da “Visão dos tempos” do nosso ilustre confrade Teófilo Braga, em versões magistrais de Mr. Louis P. de Brinn Gaubast e Phileas Labesgue.

Sem que o pensamento do autor tenha sido deturpado, estas versões apresentam ainda uma nitidez perfeita na construção da frase, o que lhes dá todo o brilho e realce que se encontra no original.

Xavier de Carvalho, o ilustradíssimo e operoso correspondente do *Século* de Lisboa e do *País* do Rio de Janeiro, também a honra com a sua preciosa colaboração e termina assim um belíssimo artigo em homenagem ao saudoso autor do *Campo de flores*: “Je salue dans ce cher mort la Poésie tont entière, le rithme essentiel du langage humain!”.

---

<sup>43</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 3.

Graças a esta esplêndida revista de mais de cem páginas e na qual colaboram escritores de nomeada, muitos autores estrangeiros totalmente desconhecidos em França, poderão, como Teófilo Braga, ser devidamente apreciados ali, porque à frente de tão simpática propaganda está o ousado Brinn Gaubast a quem vivamente felicitamos e agradecemos também a remessa de *Revue encyclopédique Larousse*, nº. 128, 6º anné, que insere outro artigo seu, sobre o saudoso João de Deus, e na qual cada autor se ocupa de determinado assunto.

Agora, já que estamos com as revistas às voltas, torna-se forçoso destacar uma outra, cujo programa nos chamou atenção, tão adiantadas e soberbas as ideias que nela se descobrem, tão elevados e nobres os fins que têm sob vistas os seus autores, ao apelar para o esforço de uma mocidade, que chamaremos por nossa conta, de velha e forte em princípios novos, e que não pode certamente deixar de acudir ao gracioso convite, cantando por convicção entre festivos vivas a Marselhesa do ideal moderno!

Não se trata, sem dúvida, de uma tentativa vã da parte dos mais distintos e brilhantes espíritos da geração atual, contra uma doutrina decadente, ou uma escola que, mesmo apreciável, deve irremediavelmente cair em desuso e que apesar de repetidos fracassos ainda pretende impor-se, numa época em que tudo deve cheirar à novidade. Do que se trata é de uma consolidação.

Sobejada razão têm esses dignos confrades que viram cair os *medalhões* do império, em espera pela queda dos *medalhões* literários, e o seu triunfo será

para nós motivo de satisfação. Não estamos já em época que se possa impor o veto de censura ociosa e banal às obras de toda e qualquer faculdade inventiva.

Aplaudimos mesmo “a guerra ao convencionalismo em todas as manifestações do pensamento” e ardentemente desejamos que façam prosélitos e vão encontrando um lugar de honra, aqueles que pondo em evidência os seus méritos, trabalham pela renovação literária do Brasil.

Quando se reúnem qualidades de exuberante espontaneidade e tão fácil e feliz inspiração, como possuem de sobra os ilustres e delicados colaboradores da “Nova Revista” todo o elogio torna-se fútil, porque o leitor versado sabe bem distinguir o ouro do cobre, como o brilhante do vidro, e não deixará espontaneamente de aplaudi-los, tanto mais que se tratando destes *novos*, tratamos de verdadeiros idólatras da arte, que não podem impressionar-se pelo que está feito, mas sim pelo que se pode fazer.

Adolfo Caminha, o distinto diretor da “Nova Revista” é um nome já glorioso nas lides literárias e com certeza, ao lado de Colatino Barroso, o simpático e festejado autor dos *Anátemas* e de Oliveira Gomes, não menos distinto companheiro e auxiliar, verá coroados de êxito brilhante os seus patrióticos esforços.

No número 1 desta mimosa e bem cuidada revista encontramos também produções de outros distintos literatos, entre os quais seja-nos dado o prazer de citar o nome do nosso amigo Clóvis Beviláqua que tem talento bastante para



espalhar com abundância por toda a parte as galas da sua luxuosa e fértil imaginação.

Permitam-nos um ligeiro reparo. Como geralmente sucede e que é deveras lastimável, torna-se cada vez mais sensível a falta de uma seção bibliográfica nesta espécie de publicações literárias brasileiras, e esse mal, que assim pode ser reputado, deve de preferência ser obviado, porque a bibliografia é sem dúvida a chave de todas as ciências, e um trabalho necessário, pelo qual nos é dado tomar conhecimento dos progressos intelectuais de um povo.

Tal falta contribui poderosamente para a perda de elementos seriamente aproveitáveis, na base de uma história literária.

Não queremos terminar sem claramente dizer duas palavras acerca dos *Nevoeiros* do Sr. Eustáquio de Azevedo, em cuja leitura empregamos hoje algumas horas.

Manda-nos a verdade dizer que o autor possui além de talento, também uma imaginação fértil.

O Sr. Ovídio Filho diz numa carta ao poeta:

“No teu livro de versos não há *nevoeiros*, mas sim leves *nuances* que por momentos empalidecem o brilhantismo dos teus versos como ligeiras nuvens, um belo luar de maio em céu brasileiro”... “Percorreste com felicidade a gama dos sentimentos que motivaram os teus versos. Agradam-me sobretudo *A tempestade, O inverno, Meio-dia*, que são feitos *d’après nature*.

Não concordamos com a escolha naturalista do distinto senhor Ovídio. Há outras poesias mais belas, mais sentidas, mais humanas nos *Nevoeiros*. Isto *d'après nature* em poesia é uma coisa secundária e morta. Em verso querem-se outras coisas subjetivas e dessas tem-nas formosas Eustáquio de Azevedo. Honra lhe seja.

E esta é não só a nossa opinião, mas também a de um distinto poeta português a quem casualmente apresentamos antes o mimoso volume, que agora devidamente encadernado faz parte da nossa modesta biblioteca.

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Algumas das tantas contradições manifestas por Oscar Leal nas seções destinadas à apreciações e críticas ficaram ainda mais evidenciadas no artigo "A notoriedade", no qual ele censurava as vaidades no campo literário e pregava que a meta essencial de um escritor não deveria ser necessariamente a busca pelo reconhecimento. O diretor de *A Madrugada* acabava por revelar um tremenda incongruência, tendo em vista que uma de suas mais maiores ambições no mundo das letras era exatamente a busca constante pela notabilidade.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

A NOTORIEDADE<sup>44</sup>

A primeira coisa com direito a aspirar todo o indivíduo que escreve é ser lido. E realmente assim deve ser.

Mas não basta o mérito ao escritor para consegui-lo. Conhecemos por aí muitos literatos ainda novos e bastante férteis, que tendo chegado a produzir obras em abundância precedidas mesmo de ruidoso chamariz, apreciadas com justiça por um pequeno número de admiradores, nada conseguiram nem conseguem da notoriedade pública.

Às vezes possuem mais espontaneidade que estudo e uma jactância simpática das galhardias e pompas de uma faculdade inventiva embrionária. Daí o sono traidor que os assalta sobre os primeiros laureis colhidos, antes das amarguras que hão de experimentar na luta futura pelo ideal e pela glória.

Um pensamento fixo os acompanha e martiriza – o desejo que têm de tornar os seus nomes imortais pela notoriedade. E quanto mais invocam o seu auxílio, mais irada e tirânica deles ela se afasta como uma mulher de formas divinais e meneios provocantes a descrever ziguezagues na nossa frente para evitar que a possamos alcançar e envolver num amplexo imerecido.

Tem-se visto, contudo, que muitas vezes ela digna-se favorecer repentinamente a quem ainda ontem, estando cômico da sua obscuridade, temia-lhe as honras de um simples bafejo. Chama-se a isto – obra do acaso.

---

<sup>44</sup> A MADRUGADA. Lisboa, set. 1896, a. 3, série 4, p. 1.

Que o seja, pouco importa, mas segundo a nossa fraca maneira de pensar, se assim quiserem, nem ao inválido é lícito deixar de merecê-la quando vemos que o próprio agiota, indivíduo às vezes repelente, tem na sua usura um pretexto para alcançá-la.

Neste caso o pretendente não deve ser classificado de pretencioso, mas sim de mártir; o seu triunfo, quando mesmo póstumo, é efêmero como tudo que é sol de pouca dura.

A notoriedade! Não é ela afinal que resume todas as nossas aspirações? A nossa amada e bela soberana a quem não devemos deixar um só instante de render respeitoso preito, porque qual luminoso animatógrafo a funcionar sucessivamente através do tempo e dos séculos, anima sempre os homens ilustres; torna imortais aqueles que baixaram ao túmulo, cadáveres cobertos de folhas flavas, que dela receberam a preciosa dádiva da ubiquidade.

Camões e o Gama, Rafael e Miguel Ângelo, artistas sublimes, audazes conquistadores “que passaram ainda além da Taprobana” que conceberam a reprodução da natureza esmaltando-a na tela ou no livro, entre uma majestosa prodigalidade de cores; Edison, Gutemberg, os heróis das grandes aplicações da ciência à vida; Demóstenes, Descartes, Pasteur, Copérnico, Galileu, Pitágoras, verdadeiros Hércules do pensamento, filósofos profundos, senhores do próprio universo sideral, donos dessa sombria e imensa Baobá em que cada folha é um enigma e cada ramo um problema; todos, todos aqueles que souberam colocar-se pela inteligência e saber acima do vulgar, todos são imortais pela notoriedade.

Todavia, é certo e não pode merecer contestação que afinal um aspirante à notoriedade, sem motivos para tal, é geralmente um tipo desdenhável. Ela própria o repele altivamente.

Aqueles que levando em conta o mérito próprio, crescente na boa fé do vulgo, pela bajulação ou pela ironia, têm a insensatez de aspirar a uma celebridade incondicional, dificilmente conseguem alcançá-la. Com estes devemos usar de prudência e de reserva, porque de desespero em desespero, lutando com uma fé inquebrantável, se não conseguem chamar a atenção sobre si por bem, em último recurso alistam-se nas fileiras dos mal-aventurados e são capazes como Heróstrato da antiga Éfeso, de incendiar o templo de Diana para se tornarem conhecidos.

Não foi o desejo de notoriedade que levou Vaillant e Pranzini, Garfield, Santo, o assassino de Carnot, ao patíbulo?

Seria só por simples amor à ciência que Franklin caminhou para o polo austral ao encontro de uma morte horrorosa?

A vaidade muitas vezes pode mais em muitas pessoas que o raciocínio.

Mesmo assim, força é confessá-lo, muitos aspirantes à notoriedade são obrigados a reconhecer que se caminham ao seu encontro mesmo despreocupadamente, é porque como mais sensatos, satisfazem ao mesmo tempo uma necessidade condigna com o seu temperamento, na retidão de princípios a que os obriga um caráter altivo, que lhes não permite deverem uma fineza sem a convicção inabalável de poderem retribuí-la. E para não serem

pesados a ninguém, nem prejudicarem o movimento progressivo da sociedade, por falta de aplicação, são obrigados reconhecidamente a porem em evidência todos os recursos naturais de que dispõem.

Eis pois, jovens de ardente imaginação! Não desesperéis nem vos deixeis cair em plena luta, presos de desesperos, carecentes de perseverança.

A luta é a vida e a morte a glória, que não pertence a um só mas a toda a humanidade.

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Em “Cinzas e prismas”, matéria publicada no último número de *A Madrugada*, Oscar Leal assumia mais uma vez o papel da apreciação/crítica de duas obras específicas, observando mais detalhadamente a primeira delas. Entre recordações de algumas tradições portuguesas e a análise dos livros em pauta, o diretor da revista literário-ilustrada concluía por uma avaliação positiva de tais escritos.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

CINZAS E PRISMAS<sup>45</sup>

Conheço pessoalmente o ilustre e simpático autor das *Cinzas* de há muito tempo. Foi em Viana do Castelo durante a minha última excursão à pitoresca Província do Minho que tive o prazer de ser-lhe apresentado por um amigo, e na casa onde me achava hospedado.

Falou-me com entusiasmo da sua obra ainda no prelo, e fez-me ler à pressa algumas páginas. Todavia, tanto interesse me despertaram, que o ia fazendo perder o comboio para Cerveira, sem me lembrar que sendo dia de feira, acotovelavam-se nas ruas as belas camponesas dos arredores de Viana, com os seus encantadores e vistosos trajos e não faltavam distrações a quem não tivesse outra coisa mais proveitosa a fazer. Meio dia perdido, mas meio dia cheio.

Oh! o Minho, com os seus costumes, as suas tradições e sobretudo com as suas formosíssimas mulheres, é sem dúvida um dos mais adoráveis recantos da Península Ibérica.

Mas... falemos de Queirós Ribeiro.

Logo ao trocar com ele as primeiras palavras, percebi que estava diante de um verdadeiro intérprete da arte que imortalizou Camões e João de Deus.

E não me enganei. Agora que ele acaba de mimosar-me com um exemplar da sua obra pude melhor apreciá-lo.

---

<sup>45</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 1.

É que se trata de um poeta que sabe arrancar dolentemente ao coração angustiado, puríssimas belezas líricas, formando com elas um livro, que há de por sua vez arrancar lágrimas de alegria aos próprios céticos. É um poeta que ama, crê, ri, chora, descreve e canta, justificando brilhantemente a frase de Chateaubriand:

*Les poètes sont des oiseaux : tout bruit le fait chanter.*

A leitura das *Cinzas*, quais destroços de um delicioso jardim que o poeta chegou a entrever e que o ciclone levou e desfez na sua inclemente varrida, causou-me gratíssima impressão e faz-me, ao repeti-la, avaliar quanto é grande a amargura de que se acha saturado o espírito do apreciável bardo.

É que há neste livro inspiração e, sobretudo, espontaneidade, além de um alarde simpático das galhardias próprias de um engenho vivo, que marcha impávido na luta pelo ideal e pela glória.

Encantado sentir-se-á o leitor ao abrir o formoso volume quando ler mesmo as belas quintilhas da *Cega* que principiam assim:

“Magra, velhinha, toda curvada  
 Cara de rugas, lavada em riso  
 A pobre cega, junto da estrada  
 Lembra uma santa, que anda exilada  
 Mas que está perto do paraíso.”



e mais encantado sucessivamente ficará ao conhecer o valor descritivo, como no *Passeio* pelos recantos pitorescos do Minho e da Galiza:

“Noiva formosa e noiva sorridente  
Falam do seu carinho  
De que o rio é confidente.

Deste abraço leal trocada entre as fronteiras  
Estamos nós em reféns;  
Olha ainda que não querias  
É dele que tu provéns...

E quando ébrio de amor, no teu amor flutuo  
Não julgo o abraço extinto!  
Parece-me que o sinto  
E até que o continuo!”

Mais adiante:

“O mar tem uma paixão... – o rio,  
    É doido pelas águas!  
Se o deixarem, não quer saber de mágoas...  
    Corre, num desvario!

Não somos barcos, minha terna amiga  
Gostamos de andar ao largo,  
Navegando a rédeas soltas

Ao sabor doce ou amargo  
Das águas mansas ou revoltas.”

Quando Ribeiro enaltece a sua obra entre estrofes de amor, cantando em puro português as belezas de uma região bem-fadada pela natureza e despertando-nos o desejo de passar à margem fronteira onde outrora, um poeta galego, Valentim Carvajal também disse:

“Eu vin á lus, do renembrado Miño  
N’as floridas e maxicas ribeiras;  
D’isse rio prateado e maxestoso  
Que nasce e morre n’a rexion galega.

.....  
Nido d’amor minado pol-o céu  
Encantado xardin d’a natureza

.....  
Vinde, sensibres e garridas nenas,  
Eu cantarei tamen vossos amores,  
Auque probe e sin lus, Dios m’alumea.”

O leitor que descobre o dialeto galego deve gostar de ler mais estes versos:

“Diás de sol feiticeiros  
Noite de luar seréas  
Alba d’o enxoiito verão

Tardiñas d'a primavera;  
 ¡Ay! traendeme ises aires  
 Que sospiram, que se queixan  
 N'os alboriños d'o souto  
 N'as fontelas d'a ribeira  
 N'os picoutos das montanhas  
 E nas chouzas d'as aldeas  
 Os airiños de Galicia."

Queirós Ribeiro cantando ou carpindo os seus amores em estrofes harmoniosas, entre uma invejável simplicidade que dá ao livro todo o encanto que o distingue, é a meu ver um poeta brilhante a quem devem ficar desde já reservados bem merecidos triunfos.

Não se me dá saber se o autor é romântico ou clássico, se ama ou segue esta ou aquela escola, se é admirador de Hugo ou de Musset, de Junqueiro ou de João de Deus; o que posso garantir, mesmo como fraco entendedor que sou, é que essas *Cinzas* são fragmentos quentes da alma de um verdadeiro poeta e delas evola-se um perfume suavíssimo, que todos os idólatras e cultores da arte devem deliciosamente aspirar.

Se o Dr. Queirós Ribeiro com as suas *Tardes de primavera* viu abrirem-se-lhe as portas da Academia, deve agora, depois da publicação das *Cinzas*, ver desfilar atrás de si o cortejo enorme dos seus admiradores, a entoar as suas próprias hansas e elegias, em festivo e honroso coro, para aclamá-lo no majestoso templo da arte.

-----

Um outro volume igualmente belo e catita, impresso na terra de Iracema, acaba de chegar-me às mãos neste momento.

*Prismas* traz por título e Rodrigues de Carvalho é o seu autor.

Que seja bem-vindo.

Abrindo-o ao acaso, encontro produções já conhecidas dos leitores da *Madrugada*, porque aquele meu patricio tem tido a delicadeza de honrar-nos com a sua colaboração. Mais um motivo para consagrar-lhe, ainda que poucas, algumas linhas.

A propósito de um poemeto que Rodrigues de Carvalho há tempos publicou e que me enviou um exemplar, citei esta frase de Chelley: “Um grande poeta é uma obra prima da natureza”. E depois – quem analisar este livrinho há de forçosamente crer que o autor principia a cultivar as musas com brilhantismo e deve fazer carreira como poeta.

E se então o disse, melhor hoje e afirmo, porque Rodrigues de Carvalho nasceu poeta e morrerá poeta. *Prismas* é uma prova da nossa afirmativa.

O presente volume foi editado pela biblioteca do “Centro Literário” do Ceará, que tem publicado e continua a publicar obras de outros consócios como Pedro Moniz, F. Weine, A. Martins, Temístocles Machado, Ulisses Sarmiento, todos novos mas talentosos, segundo me informam.

Que o poeta paraibano não durma sobre os laureis colhidos são os meus votos, para que no fim da jornada os aplausos unânimes da opinião possam dedicar à musa do autor dos *Prismas* este juízo de um grande pensador: “Primeiro foste flor formosa e pura, logo matéria acerba e depois perfeita, doce e madura”.

Oscar Leal



**CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS,  
BIOGRAFIAS E RELATO DE VIAGEM**

Além das matérias editoriais e das críticas/apreciações literárias, Oscar Leal também fez uso das páginas de *A Madrugada* para divulgação da produção literária de sua autoria. Em tais manifestações, houve grande predileção pelos textos em prosa, mormente pelo motivo que a maior parte das críticas que recebera no Brasil se voltaram a avaliações negativas de suas criações de cunho poético. Também optou por realizar menos narrativas de viagem, de modo a diversificar suas composições dos últimos anos tão vinculadas a esse tipo de temática. Nesse sentido, o escritor apresentou na revista ilustrada-literária cinco contos, cinco crônicas, dois poemas, duas biografias e um relato de viagem.

O primeiro conto editado pelo diretor na *Madrugada* foi “Ao telefone”, versando sobre uma moça criada no interior que, inspirada pela tia a qual a educara, estabeleceu verdadeira ojeriza por tal instrumento de comunicação. A historieta trazia um tema presente em vários dos contos de Leal, vinculado às diferenças no que tange a hábitos e costumes no âmbito rural e no citadino. Tratava-se de um texto longo, cujo enredo se arrastava morosamente, sem alterações de percurso e nem mesmo a tradicional virada no rumo da narrativa tão típica deste gênero naquela época. O desfecho não trazia nenhum tipo de ruptura, permanecendo a mesmice, sem reservar ao menos uma surpresa final, além de também ser pobre se a intenção era promover uma insinuação de duplo sentido.





AO TELEFONE<sup>46</sup>

Oito dias há que me despedi chorando da minha boa tia Engrácia, ao lado da qual passei cinco ou seis anos, para entrar em casa de minha mãe em Lisboa, e recordo-me perfeitamente os seus últimos conselhos:

– Creio de meu dever, querida Amélia, disse-me a tia, avisar-te que vais a Lisboa, a esse foco de corrupção, e que é bem possível vás encontrar em casa de tua mãe, costumes diametralmente opostos aos que te tenho acostumado no solitário recanto desta aldeia; minha irmã Carolina é uma boa cristã e uma boa mãe de família, porém tenho a certeza de que não tem sabido defender-se das malditas ideias modernas e temo minha querida sobrinha que a tua inocência terá de expor-se a rudes provas e numerosos perigos.

– Oh não lhe dê isso cuidado, querida tia. Eu não olvidarei nunca os bons conselhos e boas máximas, que tenho aprendido nesta casa.

– Deus te ouça. Deves saber que tua mãe pensa em casar-te vantajosamente, segundo me informa na sua última carta e que este é o motivo da nossa separação.

– Já sei, tia.

– Não conheço o teu futuro esposo; temo muito que seja um homem da última moda, um cavalheiro desses que agora se chamam ilustrados, que falam nos Grêmios e nas Academias e que só tratam do tal progresso moderno.

---

<sup>46</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 3.

– É possível...

– Se assim for, estás perdida. Ele pode querer mobilhar a casa segundo a última moda, com o *conforto* que tanto apraz aos modernos sibaritas e encher as tuas salas com essas perigosas invenções da indústria, com todos os malditos aparelhos científicos tão em voga hoje.

– E isso é perigoso?

– Perigosíssimo. Desconfia de todas essas novidades e progressos em bem da tua felicidade conjugal. Uma das coisas por exemplo que mais deves abominar é o telefone. Não consintas que introduzam em tua casa esse aparelho diabólico, que é a alma de todas as discórdias. O telefone é realmente um dos grandes inventos dos nossos tempos...

– Ah então...

– Porém, querida sobrinha, o telefone não serve para outra coisa senão para favorecer conversas más e culpáveis.

– Deveras?!

– Suponhamos que tu te casas e que teu marido te engana. Pois bem, não tenhas a menor dúvida de que o telefone é o melhor auxiliar das infidelidades de teu marido.

– Como?!

– Do modo mais simples. Colocará o tal aparelho no seu gabinete. A chave ele a guarda. Quando tu estiveres descuidada soa o tímpano, teu marido acode

ao chamado, e principia o telefone a funcionar. O pretexto é sempre um negócio qualquer, porém o que ali tem lugar, não duvides, é uma conversação condenável, protestos de carinho, declarações de amor, ali mesmo no nariz da esposa enganada. Quantas falsidades, quantas ações vis, logradas com o auxílio poderoso deste infame invento?!

– De modo que me aconselha...

– Que não consintas em tua casa a instalação de tal aparelho, se aprecias o teu repouso e a tua felicidade conjugal.

– Muito bem, mas eu sempre desejava ver um telefone.

– Livra-te de tal. Só a sua presença pode precipitar-te nos abismos do mal.

\*

\* \*

Imbuída nestas ideias, cheguei a Lisboa, onde minha carinhosa mãe me esperava com os braços abertos. Seis anos de ausência justificavam perfeitamente os excessos de maternal carinho que se apressou a demonstrar-me à chegada. Que diferença entre a luxuosa casa de minha mãe e a modesta vivenda de minha tia, na triste povoação que acabava de abandonar!...

Naquela mesma noite devia ser apresentada ao meu futuro esposo.

Minha mãe falou-me antes muito dele, das suas boas qualidades, do seu talento, da sua posição, da sua fortuna e sobretudo da simpatia que me dedicava desde o dia em que teve a felicidade de ver um retrato meu.

Quando por fim chegou e me vi ao seu lado, convenci-me de que os elogios de minha mãe não eram exagerados.

Ricardo Teixeira, assim se chamava o meu adorador, era um belo mancebo, muito fino, muito elegante e de maneiras corretas.

Tal e qual, porém, como eu suspeitava, Ricardo era um entusiasta por tudo o que significava progresso. As ideias modernas tinham nele um apologista e acérrimo defensor.

A minha educação e os conselhos de minha tia me fizeram ler naquele jovem o inimigo declarado da minha felicidade.

Venci, pois, a minha timidez e tratei francamente a questão.

Ricardo ria-se uma vez e outras me contemplava assombrado, quando lhe explicava as minhas absurdas teorias.

Pouco a pouco encarreirei a conversa até ao ponto mais interessante para mim – o telefone.

– Usa do telefone? perguntei.

– O telefone?

– Sim, já sei que em Lisboa está muito em voga e que os homens se servem agora deste instrumento para enganar as mulheres. Também possui o seu não é assim?

Meu futuro esposo franziu as sobrancelhas sem nada dizer e eu continuei:

– Minha boa tia, falou-me muito deste assunto e eu estou disposta a permanecer solteira toda a vida, do que a unir-me a um homem que usa do telefone.

– Ah! Então a tua tia...

– Sim senhor. Minha tia explicou-me que o telefone é uma invenção de Satanás e não consentirei que tal invento penetre em minha casa.

Ricardo prometeu-me que a minha vontade seria satisfeita e tranquilizada aceitei as suas declarações. Quando ele me perguntou se eu tinha visto já algum telefone, respondi-lhe horrorizada que não, nem queria vê-lo e sorrindo disse-me que só me mostraria algum quando eu própria lhe pedisse.

Afirmei-lhe que não pensava em ter jamais essa lembrança e Ricardo tornou a sorrir. Não se falou mais disto.

Dois meses depois estávamos casados.

.....

A carta seguinte dirigida pelo Ricardo ao seu amigo Roberto, nosso padrinho de bodas, e que casualmente caiu em meu poder, dará uma ideia mais perfeita de tudo quanto referir a respeito dos nosso primeiros dias de casados.

*Querido amigo Roberto.*

Vou contar-te a história dos meus primeiros oito dias de casado e por ela poderás conhecer melhor o anjo de inocência, que felizmente para mim, tocou-me nessa loteria que se chama o matrimônio.

Compreendes perfeitamente, ao cair de uma tarde formosa, no aprazível silêncio de um aposento confortável, como é doce o desfalecimento enervante que se apodera do nosso ser, a ânsia indefinível que nos domina, quando naquela hora e naquele sítio nos espera a felicidade suprema de estreitar em nossos braços a mulher amada? Pois compreende-me querido Roberto, a horrível decepção que se experimenta quando em vez da apaixonada carícia de um beijo, se encontra com a repulsa e a resistência passiva, com a inocência da ignorância, defendendo-se sem lutar entre as trincheiras do admirável pudor, e poderás fazer uma ideia aproximada da minha primeira entrevista com Amélia, quando entramos em nossa casa depois da cerimônia nupcial.

Aquela candura me aturdiu e eu, homem do mundo, audaz por temperamento, confesso-te que não soube que partido tomar.

Todavia a situação não podia prolongar-se.

– Vamos querida Amélia, eu não posso consentir no que desejas e bem deves ver que não é justo que eu te deixe dormir neste quarto, ficando eu só desterrado nesse outro que deve ser desde hoje o ninho dos nossos amores?

– Não é o teu quarto perto do meu?

– Sim, porém eu necessito estar mais perto de ti.

– Mas! Mas... minha tia nada me disse a este respeito, e eu não sei se devo...

– Na verdade, a tua tia incutiu-te uma ideias tão absurdas, que podem fazer de ti uma desventurada.

– Oh não creio. Pobre tia que tanto me quer!

– O excesso do seu carinho fê-la aconselhar muito mal e te vou demonstrar.

– Será possível?

– Chega-te e não tenhas receio. E vencendo a natural repugnância de Amélia, atraindo-a docemente até sentá-la nos meus joelhos.

A pobre pequena tinha o aspecto de uma gatinha assustada e pronta a se escapar. Eu a prendi de modo a que não pudesse fugir-me.

– Tua tia povoou a tua juvenil inteligência com uma série de preceitos e máximas a propósito do progresso, que são realmente injustas e absolutamente destituídas de razão.

– Tu crês?

– Afirmo-te. Para não ir longe, ocupei-me só do telefone, a que ela votava maior ódio.

Quando providenciei o nome do maravilhoso instrumento, senti o corpo da minha formosa mulher tremer, preso de violenta excitação nervosa.

– Oh porque te lembras disso?

– O telefone é hoje um aparelho tão indispensável e tão comum, ao mesmo tempo, que não se celebra nenhum casamento, entre gente de boa sociedade, sem que o telefone faça parte do *trousseau* da noiva. É um dos presentes de noivado mais apreciados. Todavia eu conhecendo a tua aversão, pedi a nossos amigos e a tua mamã que não figurasse esse instrumento no enxoval.

– Então é a moda?

– Não é só moda, mas também o seu uso é indispensável.

– E eu que nem sequer vi nenhum.

– Nunca reparaste em tuas amigas alguma coisa de estranho, certa alegria inusitada alguns dias depois de casadas, e que todo o mundo diz sorrindo que são os efeitos da lua de mel?

– Sim... já tive ocasião de notar isso.

– Pois bem, esses maravilhosos efeitos são devidos ao uso do telefone, e de modo que tu não poderás sentir esses agradáveis efeitos, por não teres permitido a presença do aparelho.

– Tens tu algum?

– E magnífico. Queres vê-lo?

– Que dirá minha tia quando souber? E ela que chega qualquer dia... Não, não me atrevo.



– Tolinha. Não tenhas medo. Podemos fazer a instalação de maneira que ninguém mais que tu e eu saibamos o sítio onde se acha colocado.

– E custa muito dinheiro a sua colocação?

– Não é barata a princípio, mas...

– E não se quebra, nem se gasta?

– Sim... com o uso, mas dura muito tempo...

– Uma coisa me desgosta. É que não conhecendo o invento, nem o seu uso, vá ter dificuldades de manejá-lo.

– Será fácil aprenderes. Se te decidires verás como em duas ou três lições o havemos de fazer funcionar como se em toda a nossa vida não se tivesse feito outro exercício.

– E um só telefone basta para o uso de duas pessoas?

– Sem dúvida e crê adorada minha que a introdução de outro qualquer, turvaria para sempre a paz do nosso lar.

– E onde tens o teu?

– Aqui, vem ver.

Levantei-me e passando ao gabinete contíguo mostrei a minha mulher um magnífico telefone, perfeitamente montado.

Amélia ficou encantada ao ver o aparelho, esqueceu os conselhos da tia e desde esse dia passamos horas mortas a telefonar.

Sou completamente feliz. Teu amigo. *Ricardo Teixeira.*

*Ampueiro.*

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

O Oscar Leal contista se manifestava também com “História de amor”, com o qual intentava utilizar a estratégia de que não se tratava de um conto e sim de “uma história verdadeira”. Para tanto, utilizava como pano de fundo o processo histórico conhecido como Revolta da Armada, quando oficiais e marinheiros se rebelaram contra o governo de Floriano Peixoto, movimento que, em outros escritos, contou com profunda censura de parte do escritor. Nessa perspectiva, os protagonistas eram militares pertencentes às forças legalistas e, portanto, como Leal, inimigos dos rebelados. A trama trazia dois oficiais, companheiros inseparáveis de caserna, que, em um dia de folga, apostaram sobre quem conseguiria conquistar uma determinada mulher. As figuras femininas eram retratadas como peças para consumo, ou seja, objetos para servir à sedução masculina. A narrativa permanecia sem novidades e nem mesmo o indício de uma possível virada, com a impressão de um dos colegas que já conhecia a mulher, é levada em frente, prosseguindo a trama até a chegada a um final completamente previsível.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

## HISTÓRIA DE AMOR<sup>47</sup>

– Não é um conto, é uma história verdadeira a que vou narrar a vocês.

Assim principiou a dizer o capitão Queiroz, olhando com atenção os seus amigos e companheiros da mesa de café.

Guardamos todos profundo silêncio e nos preparamos para escutar cortesmente a narrativa do militar.

– Era durante a revolta naval brasileira. Estávamos de guarnição em uma pequena vila no Estado do Rio de Janeiro e o tenente Macedo era meu companheiro inseparável e o meu melhor amigo no regimento.

Verificando certo reconhecimento uma tarde, caí nas mãos de espiões marítimos que me teriam mandado desta para melhor se o meu amigo ajudado por alguns dos nossos não tivesse corrido em meu auxílio e me salvasse. A partir daquele dia ficamos unidos fraternalmente e escuso dizer-vos que mais de uma vez devolvi ao meu companheiro o favor recebido. Pelejando sempre juntos, unidos sempre em toda a parte, nossos nomes figuraram amiudadamente ao lado um do outro também nas ordens do dia. Como já disse morávamos juntos. Lado a lado de cigarro na boca, marchando vagarosamente, chegamos à porta do nosso alojamento.

Era uma das melhores vivendas da povoação.

---

<sup>47</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. p. 3.

Ao ver-nos chegar, a dona da casa saiu sorrindo ao nosso encontro. Ficamos ambos deslumbrados diante daquela aparição. Muito formosa aquela mulher.

O Macedo que era novo e tinha uma terrível fama de conquistador, tocou-me com o cotovelo, inclinou-se no meu ouvido e disse-me sorrindo, mas em voz baixa.

– Esta não me há de escapar.

Não sei que sentimento de súbito zelo, de estranha raiva me assaltou naquele momento, fazendo-me estremecer de ciúme, como se aquela mulher a quem eu via pela primeira vez, fosse coisa minha ou houvesse realmente sido seu marido ou seu amante. Sem pensar pois respondi ao Macedo com os dentes cerrados:

– De mim é que não escapará.

O Macedo olhou-me com ar compassivo.

– Vinte mil réis, como será minha.

– Cinquenta, como não há de ser, repliquei.

Durante este curto diálogo, a jovem adiantou-se sempre alegre e sorridente.

– Senhores, disse, creio que foram pouco felizes em se hospedarem nesta pobre casa. Estou só e não poderei como desejava dar-lhes uma boa hospedagem. Espero no entanto que sereis indulgentes.

O Macedo fez um galante cumprimento e eu inclinei-me sem dizer palavra. Diante de tanta formosura não pude pronunciar uma frase. A linda jovem continuou:

– Vive comigo minha velha e respeitável tia, porém, coitada passa a existência no seu quarto, entregue à leitura que é a sua paixão favorita. Não se pode contar com ela para nada. mais logo hei de apresentá-la aos senhores.

Novos cumprimentos.

– No tempo em que era vivo meu infeliz marido, teriam encontrado aqui uma hospedagem mais agradável. Era tão bom e tão simpático o meu pobre Gustavo!

E disse isto de tal maneira que eu julguei descobrir no suspiro muito mais coqueteria do que pesar, pela recordação do defunto.

Entramos na saleta da casa seguindo a gentil viuvinha, e o Macedo aproveitando um instante oportuno disse-me:

– Que tal! É viúva.

\*

O capitão Queiroz pediu outro cálix de conhaque.

– Ceamos juntos, continuou ele, e a ceia correu alegre e íntima. A tia nos acompanhava, querendo honrar assim a seus hóspedes. Era uma senhora de cinquenta anos de idade, gordinha e apetitosa ainda, porém tendo tanto de feia como a sobrinha de bonita.

Tinha um gênio folgazão e, à sobremesa, contou-nos umas historietas picantes, recordações dos seus bons tempos, com tanta graça e espírito, que nos provocava o riso a todo o instante.

A sobrinha fazia coro às nossas gargalhadas.

Macedo também saiu fora do sério e começou a referir umas anedotas de quartel, tão alegres e frescas, que eu assombrado estranhando o seu procedimento, não tardei em compreender a causa daquela anomalia.

A tia estava fazendo do copo do meu amigo um verdadeiro tonel das Danaides.

Recordando a nossa aposta, alegrei-me ao ver que o meu amigo se ia pondo fora de combate e à medida que se entorpecia eu ia ganhando terreno ao lado da minha bela, que ouvia com prazer as doces e meigas declarações que em voz baixa lhe fazia.

Dentro em pouco o tenente estendido num sofá roncava como um bem-aventurado.

O que se passou entre mim e a gentil viuvinha não posso dizer.

Em todo o caso devo lembrar que o meu triunfo foi completo. Aquela mulher era adorável...

Despertei com o estrépito dos cornetas. Tocavam à chamada. Vesti-me e parti depois de receber o beijo de despedida.

Ao sair encontrei-me com o tenente Macedo que se dirigia também ao quartel. Notei que ia alegre e satisfeito o que me pôs confuso.

– Porque será que tocam a reunir?

– Creio que temos de partir para Niterói. Constava ontem à noite que a gente de Custódio de Melo havia tomado a Armação.

Meia hora depois estávamos nós com o nosso esquadrão fora de Maricá. Nem tempo houve para nos despedirmos de ninguém.

Uma vez em marcha perguntei sorrindo ao tenente.

– E a aposta?

– E a aposta? Deves saber que a perdeste.

– Eu!

– Tu.

Fitei com assombro o meu companheiro, certo de que não estava ainda em si.

Ele prosseguiu.

– Há muito tempo não passo uma noite tão deliciosa. Que mulher! Que mulher!

– Estás bêbado ainda.

– Como!

– Essa mulher não passou a noite contigo.

– Como o sabes tu?

– Sei porque foi comigo que...

– Mentas!

– Tu!

Pif, paf!

Dois bofetões dados e recebidos quase simultaneamente e depois separamo-nos.

Aquela tarde repelimos os revoltosos seguindo em sua perseguição.

Na manhã seguinte recebi uma carta escrita por mão de mulher, e uma nota de cinquenta mil réis.

“Querido tenente Macedo – Não podes avaliar o pesar que me causou a súbita partida. Envio-te beijos mil e juro-te não esquecer as curtas e deliciosas horas que passei a teu lado. Volta quanto antes aos braços da mulher que te ama. Tua Vicência de Maricá.”

Mais abaixo lia-se o seguinte:

“Amigo – Era a tia. Sou um animal. Só agora vejo que tu tinhas razão. Aí vai a importância da aposta que perdi.”

O dinheiro serviu para pagar um bom almoço e então quem se embebedou fui eu.



O tenente estava muito contrariado. Compreende-se. Não era para menos.

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Por ocasião de suas produções literárias publicadas junto à imprensa e principalmente no livro *Contos do meu tempo*, um dos elogios recebidos pelos escritos de Oscar Leal se dava a partir da apreciação de que eles seriam engraçados. Não necessariamente por razão exclusiva de tais avaliações, mas também influenciado por elas, o autor investiu em alguma jocosidade em sua ação como contista na *Madrugada*. Foi o caso de “Fantasia de Sanmoré”, no qual ele não deixava de incorrer no ato de contar “uma piada de judeu” e, para tanto, não deixou de lado nem mesmo os tradicionais preconceitos antissionistas, tanto que o protagonista era apresentado como um “filho de Israel” sovina e com desmesurado interesse no vil metal. O personagem central, ao dormir, tinha um sonho com uma grande venda realizada nos céus e para manter o tom chistoso, o escritor utilizava-se da escatologia, envolvendo os atos de urinar e defecar, supostamente praticados durante o sonho, mas, ao final, vinha a triste descoberta que os realizara na própria cama, na qual estava acompanhado pela esposa. E isso era tudo.



## FANTASIA DE SANMORÉ<sup>48</sup>

Vivia em Varsóvia, não há muito tempo um comerciante judeu, chamado Isaac Pringus, e não havia entre todos os filhos de Israel quem como ele tivesse tanta habilidade em enganar aos cândidos cristãos, que assim pagam aos descendentes daquela raça as injustas perseguições de que se julgam alvo há tantos séculos.

Isaac tinha estabelecido em Varsóvia uma loja para a venda de tâmaras, sendo ajudado por sua mulher Rebecca. Costumava o bom do judeu frequentar os arredores da cidade sem nunca faltar às festas populares e sempre vendendo e negociando os seus produtos.

Raramente regressava a sua casa sem haver vendido tudo que levara, porém um dia Pringus não foi como de costume tratar do negócio e passou-o na companhia do seu amigo Samuel, visitando as tavernas, bebendo, comendo e fazendo grande despesa.

Ao chegar em casa essa noite, Rebecca repreendeu-o acrimoniosamente e o culpado meteu-se na cama sem congratular-se como geralmente fazia dos bons negócios realizados naquele dia. Rebecca também se deitou, voltando as costas ao esposo como se tivesse desejos de dormir, mas sem conciliar o sono.

---

<sup>48</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 3.

A cerveja e as ameixas secas nunca foram consideradas pelos gastrônomos os mais escrupulosos, como sucessoras do champanhe e das trufas, famosos afrodisíacos.

Isaac adormeceu e o bom de Jeová enviou-lhe um sonho para ele feliz. Assim julgou ver correrem areias de ouro ao mesmo tempo que tinha diante de si um grande cartaz anunciando que uma esplêndida feira ia ter lugar no céu. Um caminho de ferro aéreo estava à disposição dos viajantes. Isaac subiu nele, depois de jurar a sua mulher não se demorar muito no planeta Vênus e tomar em Mercúrio com que encher o seu barômetro que estava seco.

A travessia pelas nuvens fez-se com uma rapidez extraordinária: a terra não parecia mais que um borrão de tinta e logo depois um grão de areia na imensidade. Chegado ao fim da sua viagem notou que as formalidades para o pagamento dos impostos eram admiráveis e fáceis de vencer; a administração no céu menos dificultosa que cá embaixo na terra.

A praça do mercado tinha lugar justamente debaixo das abóbodas do Éden.

Isaac ficou admirado ao ver entrelaçados os nomes de Adão e Eva nos troncos das árvores e debaixo desses nomes dois corações atravessados por uma flecha. O primeiro homem afinal de contas também foi o primeiro tonto.

Serafins, querubins e arcanjos passeavam pelo mercado; os primeiros comprando telas de lã e algodão, os arcanjos adquiriam gulodices e um

simpático mancebo apresentou com um ramo de violetas a uma das damas que faziam parte do cortejo divino, pois no céu há poucas mulheres.

Isaac pôs em evidência todos os seus dotes de astuto mercador e bem depressa se desfez do sortimento, enchendo as algibeiras com as magníficas moedas de ouro que obtivera. Calculou desde logo quão bem o deveria receber Rebecca no seu regresso, e então, ah então ela não lhe voltaria as costas correspondendo tão mal às suas demonstrações de carinho. Tão distraído ficou que não pode alcançar o último comboio de volta para a terra. Como a porta do céu estava entreaberta pensou em precipitar-se na imensidade sideral.

Soberbo era o panorama que dali se descortinava; em cima as estrelas disseminadas no espaço, enchendo-se de cintilações e fulgores; além, muito longe, a Terra, na qual Isaac, que tinha boa vista, distinguiu um gondoleiro errante e melancólico a cantar uma música que ele não pode perceber.

Tratou pois de atirar-se do céu, de modo que fosse cair dentro do barco, e uma vez dentro dele, não teria com certeza o gondoleiro dúvida em conduzi-lo à Polônia.

– Não vás cair a um lado porque poderás morrer afogado; disse-lhe um dos arcanjos que faziam a guarda à entrada do céu.

– Pois como hei de ter certeza, respondeu Isaac, de cair justamente dentro da gôndola?

– Tira uma moeda.

– Isso nunca.

– Vê se tens nas algibeiras algum corpo pesado.

Isaac lembrou então que antes de partir havia tomado grande quantidade de cerveja, comido ameixas secas, e voltando as costas começou a dirigir ao gondoleiro uma parábola líquida, porém um vento alísio desviou a direção do líquido.

– Alguma coisa mais sólida ainda... exclamou com amabilidade o arcanjo.

Isaac então convidou-o para se afastar um pouco e respirar o aroma dos lírios paradisíacos; e, arregaçando a túnica a fim de evitar o estorvo, deixou cair sobre o gondoleiro a carga de ameixas.

A experiência produziu resultado e Isaac deixou-se deslizar pelo espaço.

Uma hora depois tomava o expresso para Varsóvia e com essa rapidez de locomoção peculiar aos sonhos e que tão mal realizam as nossas empresas de caminho de ferro, encontrou-se na sua cama abraçado à sua querida Rebecca.

Porém esta despertava justamente no momento em que ele dizia:

– Rebecca, minha querida Rebecca. Tudo vendi, tudo.

Cheia de cólera a mulher replicou:

– Podias também ter vendido isto e não trazer para casa.

Isaac meteu a cara nas mãos envergonhado. Oh falsas ilusões!

Tomara em sonhos o leito conjugal pela barca do gondoleiro.

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

A tentativa de trazer o gracejo como fio condutor se manifestou também em “Noite de noivado”, tanto que, logo na abertura, Leal chegava a invocar os leitores, perguntando-lhes se eles gostavam de “contos alegres” e anunciado que ali haveria um. A narrativa trazia dois personagens apresentados como desprezíveis, tanto fisicamente, quanto no que tange ao estado de espírito. Apesar disso eram um rapaz e uma moça com famílias de posse, derivando daí um inevitável casamento por interesse, o qual nesse tipo de história, normalmente era fadado ao insucesso. Nesse conto, entretanto, o matrimônio nem chegava a se consumar, uma vez que os noivos já trocaram sopapos na carruagem que os transportava após a cerimônia. A opção pela inclusão do humor mais uma vez recorria a temas correlatos com a escatologia, dessa vez vinculados à flatulência que, apesar de emanada do cocheiro, gerou a desconfiança mútua entre o casal, até que chegassem à alteração e à agressão mútua. E essa era toda a trama, havendo ainda uma moral final, pois, não conseguindo a anulação do casório, os cônjuges ficaram condenados a permanecer juntos, em plena infelicidade, o que foi considerado como justo e merecido tendo em vista a propalada falta de caráter de ambos.



## NOITE DE NOIVADO<sup>49</sup>

Gostam de contos alegres, não? Pois aí vai um.

O seu nariz, de tucano; seus olhinhos de cor duvidosa; a sua boca atroz; seus dentes negros, grandes e desiguais; os cabelos da cor das barbas de milho; seu corpo desproporcional tão delgado que o mais hábil carniceiro ter-se-ia visto em apuros, para cortar daquela armação de ossos uma talhada suficiente a produzir um *beefsteack*.

Em todo o caso se não era bonita, era boa.

Educada em um canto da província levítica, nada de nobre e generoso encontrava bom acolhimento na sua alma hipócrita e fria. A piedade e a ternura não encontravam caminho para chegar ao seu coração empedernido.

Tinha uma maneira tão delicada e especial de recusar aos pobres uma esmola, que chegava a envergonhá-los da sua pobreza.

Todavia tocava piano, falava duas línguas, não ignorava nenhuma das leis dessa etiqueta pueril que para nada serve, não se ria nunca por causa do maior gracejo e professava profunda aversão e sagrado horror a tudo que era digno *comme il faut*. Tinha a felicidade de possuir um digno pai, o honrado

---

<sup>49</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 3.

senhor Matias, rico pela usura e tipo bastante considerado por este motivo entre os seus concidadãos.

Em suma – Thomasia era um bom partido.

Ele também nada tinha de bonito.

A sua fronte esta semeada de grãosinhos encarnados que lhe davam o verdadeiro aspecto de uma plantação de tomates. A sua barba pontiaguda parecia ter vontade de escapar daquele desgraçado conjunto.

O seu olhar sem brilho não revelava o fogo de nenhum pensamento. Nada havia de notável e de bem conformado naquele todo esquisito em que apenas sobressaía uma enorme pança, onde talvez se achava reunida toda a atividade do indivíduo. Aquele ventre parecia uma bomba pronta a arrebentar. Quanto a talento, não falemos. Era um imbecil em toda a extensão da palavra.

Entretanto, tinha maneiras agradáveis, vestia regularmente. Tinha fama de boa conduta e a sua castidade poderia tentar qualquer Putifar provinciana, se não fosse tão feio bem entendido. Possuía ainda uma mãe magra, beata e avara, chamada D. Bernarda e pela qual Simplício sentia verdadeira adoração.

O rapaz era também, pois, um excelente partido.

O usurário e a beata avara viram-se e entenderam-se. Como os cães se cheiram ao encontrar-se, assim também se cheiraram por causa do dinheiro de cada um. Estimaram-se desde logo compreenderam ambos que podiam trocar as suas mercadorias sem mútua desonra.



Ele propôs sua filha. Ela ofereceu seu filho.

– Trato feito. Um aperto de mãos.

Para apertos de mãos não há como os canalhas.

Os dois jovens contemplaram-se um momento, com a mesma indiferença que se contemplam duas figuras de barro.

Novo aperto de mãos e a troca de um sorriso boçal, estúpido.

Deu-se logo começo aos preparativos para a futura boda. O *trosseau* foi elegante de bom preço.

Na véspera do casamento o pançudo Simplício teve a delicadeza de oferecer à esquálida Thomasia uma rosa fresca e de vivas cores. Esta não aceitou sem consultar com um olhar o autor dos seus dias e sem fazer um gesto estúpido que podia significar muito bem:

– Que tolice.

Muita concorrência na igreja, muita gente em casa e gente escolhida e séria.

A mesa variada e suntuosa; a conversação tristonha e estúpida. A menor alusão às delícias do novo par, nem a pilhéria mais inocente acerca do pudor da noiva. Quatro frios abraços, quatro lágrimas, dois bons conselhos, e meia dúzia de brindes insípidos. Tudo fino e sério demais. Alegria, expansão, franqueza... bah! para que? Coisas de gente vulgar.

Ao terminar a refeição e a cerimônia do enterro, digo do casamento, dirigiram-se os dois esposos a ocupar os seus lugares na carruagem, que os esperava e na qual deviam começar a tradicional viagem de núpcias.

Sentaram-se ambos cerimoniosamente cada um no seu canto, mudos e cabisbaixos. Estalaram os últimos beijos. D. Bernarda enxugou os olhos, Mathias fechou a portinhola e a diligência ia partir.

\*

– Já lhe disse, cocheiro, que me faz falta o meu funil. Deixei-o em cima da carruagem e não o encontro em parte alguma.

– E eu já disse ao senhor Roberto, que procurei o seu funil por todos os lados sem encontrá-lo. Talvez tenha esquecido lá na hospedaria.

– Qual! Um funil que me custou dez mil réis.

– O meu pesar é grande, mas que se há de fazer. Talvez se perdesse esta noite no caminho.

– Bruto.

– É a minha única falta. Upa! Pardinha. Arre... Malina... Estalava o chicote e as mulas galopavam que era um gosto.

\*

Jerônimo, como tereis adivinhado, era o condutor da diligência onde ia agora o jovem par, tendo este diálogo lugar alguns momentos antes da partida.

Quanto ao tio Roberto, vinhateiro do Minho, grande era o seu desespero por haver perdido o funil que comprara dois dias antes no Porto e que destinava ao aumento da força alcóolica. Para economia de tempo no seu laboratório, fizera aquisição daquele enorme funil de metal cuja embocadura tinha 60 centímetros de diâmetro e pelo qual podiam passar em meio minuto seis litros de água.

O famoso utensílio não se havia perdido, posto que ninguém se lembrasse do sítio onde o haviam antes acondicionado. Jerônimo assentado sobre um feixe de palha debaixo do qual estava o precioso funil, guiava a parelha. Desde a véspera o condutor vinha pois sentado sobre ele e colocado em tal disposição, que as suas amplas nádegas, adaptando-se perfeitamente à cavidade do objeto coberto de palha, oferecia-lhe toda a comodidade. A ponta aguda e forte do funil havia pouco a pouco perfurado o teto da carruagem, obrigado pelo peso do cocheiro e entrava como um orifício no interior da mesma onde iam os recém-casados.

\*

Eló! Alá! Pardinha. Malina epa!

E o chicote a estalar e as mulas num trote magnífico, avançavam que era um gosto e o alegre cocheiro, ora a cantar ora a gritar, dava de vez em quando um longo beijo no gargalo da sua cabacita cheia do magnífico *binho verde de Biana*.

Bom sujeito o tal *seu* Jerônimo.

Na última estação, onde trocara a parelha e recebera os últimos passageiros, que eram o Simplício e a Thomasia, enquanto esteve à espera entrou na taverna da tia Zéfa e regalou-se com um succulento prato de favas guisadas.

Passado algum tempo as favas começaram a produzir os devidos efeitos. Jerônimo assobiava a Maria Caxuxa. Dentro em pouco, porém, reconheceu que não era essa a melhor forma de aliviar-se e dar saída aos gases produzidos durante a pesada digestão das favas. Deixou então escapar por outro sítio aquelas correntes que o incomodavam, e o supracitado gás penetrando através das palhas pelo funil ia em busca de melhor saída encher de perfumes o interior da carruagem, sem que o famoso casal pudesse descobrir como tal sucedia.

Como era natural, cada um suspeitou do outro e diante de tão inqualificável procedimento, principiaram por olhar-se, primeiramente com assombro e depois com raiva.

Continuava o ruído e o perfume. Ela mui corada tapava o nariz *chistoso* com o seu magnífico lenço bordado a seda. Ele vermelho de indignação, abriu afinal violentamente a portinhola, apesar do frio que fazia.

Tudo debalde, Jerônimo tinha infalivelmente de completar a digestão das favas e o fogo continuava aos intervalos Pam! Pim! Pum! Uma tempestade abafada e medonha. Uma trovoada dentro de um funil! Aquilo não podia prolongar-se, Pif! Paf! Duas bofetadas tremendas soaram dentro da carruagem.

Era Thomasia que havia com elas presenteado o Simplício, o qual por sua vez mimoseou-a com um pontapé na barriga.

Pegam-se, agarram-se, a luta torna-se encarniçada e de cima o valente Jerônimo continuava canhoneando o campo da batalha – Pum! Pum! Pum!

Afinal cessaram as hostilidades.

A diligência parou, o artilheiro desceu do seu reduto e o precioso casal saiu dali em lastimável estado. Os cabelos da noiva estavam soltos e desgrenhados e a face esquerda de Simplício parecia uma fruta da minha terra a quem chamam – maracujá de gaveta.

Ali terminou a viagem.

\*

Um mês depois pleiteavam para separar-se judicialmente. O juiz não pode conter o riso diante de tão airosa causa. Aquele gênero de injúrias não estava previsto no código. Não tinha lugar o divórcio.

Condenados a viver juntos, contam as crônicas que os infelizes cônjuges nunca puderam esquecer a sua noite de noivado.

Acaso merecia outra coisa aquele casal?

Bravo pelas favas do Jerônimo.

Ampuero, Espanha

Oscar Leal



Em “Lisboa... alta noite”, Oscar Leal abordava uma realidade com a qual, conforme repetiu por diversas vezes, conviveu intimamente, quer seja, a vida noturna lisbonense. O personagem participava e descrevia minuciosamente as ações boêmias pelas ruas com maior fulgor noturno na capital portuguesa, percorrendo diversos lugares e observando detidamente as tantas atrações. Ao mesmo tempo que parecia se divertir, o protagonista revelava certo vazio existencial diante do cenário que frequentava. No encaminhamento para o final havia uma virada bastante acentuada, com o personagem encontrando uma família desvalida que, faminta, implorava por comida, diante do que ele agia rapidamente no sentido de mitigar tanta fome, buscando os alimentos que conseguiu obter e dando uma esmola para os pedintes. Dava-se assim um desenlace que parecia revelar certa preocupação social do autor e a intenção declarada de denunciar as mazelas originadas das desigualdades. Entretanto, nas últimas palavras, Leal acabava por revelar seu pensamento elitista, a partir da reflexão do protagonista de que havia cumprido o seu “dever”, sem dar-se conta de que “aquele desgraçado”, em referência ao homem pobre, poderia vir a pagar-lhe “o bem com uma ingratidão”.



LISBOA... ALTA NOITE<sup>50</sup>

Era por uma noite límpida e serena. A lua estendia seu pálido manto nas fachadas das casas e eu atravessava com passo rápido as ruas quase desertas da formosa Lisboa. Sentia-me satisfeito, mas estava preso de uma excitação nervosa que nenhuma distração nem passatempo consegue muitas vezes debelar.

De vez em quando algum guarda noturno passava vagarosamente por mim de cabeça oculta em longo capuz, lanterna de furta-fogo numa das mãos e na outra deixando tinir o molho das pesadas chaves. Adiante algumas dessas infelizes aventureiras da meia-noite surgiam a cada passo, oferecendo com frases banais o seu amor de quinze minutos. Logo em seguida contemplava a frequente cena de uma entrevista amorosa.

Depois de caminhar ao acaso ainda por bastante tempo, dei comigo em frente ao Teatro D. Amélia. A função havia terminado e justamente naqueles momentos enchia-se a rua com o público que dali saía.

Cansado de ser espectador tantas noites seguidas de assistir a mil festas e diversões, fixei com atenção todo o sentido naquele espetáculo, deveras interessante.

---

<sup>50</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 set. 1895, a. 2, série 2, p. 3.

Filas de carruagens ocupavam a rua de um a outro lado, recebendo cada uma por sua vez os elegantes pares, que assim comodamente se iam transportar aos seus domicílios ou antes a outras partes. Mulheres belas com ricos e vistosos trajes, cobertas de sedas e brocados e adornadas de joias e pedras preciosas, saíam também alegres e satisfeitas. Muitos jovens, irrepreensivelmente vestidos, quase todos nessa idade e nessa predisposição singular de espírito em que o amor não é mais do que um pressentimento, quando amamos ideais indefinidos e deitamos o mesmo olhar a todas as mulheres belas e formosas, pela falta de ser concreto, em que possamos condensar a afeição terna da nossa alma.

E continuavam a sair muitas dessas gentis lourinhas de expressão desdenhosa, indicando fastio ou altivez, e que nos fazem sonhar um completo éden de felicidade e ventura.

Algumas muito novas, outras entre as vinte e as vinte e cinco primaveras, idade esta em que a mulher ama com mais voluptuosidade e mais franca e encantadora graça.

Embebido nas minhas ideias, via e pensava, até que afinal reparei que as portas do teatro se fechavam, que a última carruagem dobrava a esquina próxima, onde desaparecia também um grupo de rapazes cantarolando alguns trechos da opereta representada. Segui o meu caminho então sossegadamente, mudo e triste como quem desperta de um sonho aprazível.



Chegado à Praça Camões parei subitamente ao lado da estátua do grande épico e logo depois retrocedi descendo o Chiado para entrar em um dos principais restaurantes comumente abertos a horas tais. Mulheres novas e belas ceavam e falavam alegremente ao lado de muitos desses rapazes folgazões, que entendem ser afinal de contas o melhor – gozar esta vida que muitos tomam por encantadora roleta e poucos, mas muito poucos, por uma coisa séria.

Lá estava um jornalista e um poeta conhecidos que me filaram por descuido meu e me convidaram a tomar parte no festim. Aceitei, porque afinal não ia ser conviva – ia ser espectador.

.....

Então pensei que é realmente egoísta esse sistema de desfrutarem uns, enquanto outros se atiram ao trabalho rude e pesado ou sofrem as agruras da miséria.

Confesso, eu era de todos os que ali se achavam, o de aspecto mais melancólico, embora buscasse dissimular, o quanto possível, essa tristeza que me abatia diante do prazer e dos gozos mundanos. E não podia, assim mesmo entre estridentes gargalhadas, o tinir dos pratos e o espumar do champanhe, afastar da minha mente, as muitas reflexões que me continuavam a produzir no espírito profunda perturbação.

Enfim, quando ia vencendo o poder da vontade terminavam os festins.

Levantamo-nos e feitas as despedidas dirigi-me para a Praça de D. Pedro e entrei na Mônaco. É hoje uma das tabacarias da moda e muito frequentada pelos literatos e alto pelintrismo lisboeta.

Devia ser hora e meia da madrugada.

Lá estava ao balcão um rapaz novo, bastante simpático, de fisionomia sempre alegre, ainda aquelas horas a cavaquear e a servir os fregueses.

Era o dono da casa. Um infatigável que se conservava no seu posto de honra, entregue ao trabalho desde às 8 da manhã até às duas da madrugada! Incrível.

Entretanto, a sua freguesia é composta especialmente dos que vão e voltam do prazer e da orgia, dos críticos literários e dos *flaneurs* de toda a espécie, dos elegantes do Chiado e dos rapazes de bom tom. Enquanto uns estragam a mocidade na fruição de mil gozos, outros, como este jovem, estragam-na lutando pela vida...

Acendi um charuto e tornei a sair caminhando ao acaso. Sem saber como, dei comigo na Rua Nova da Palma e parei em frente do Coliseu, porque a presença de um corpo estirado aos pés de uma criança que chorava estendendo-me as mãos lívidas, embargaram-me os passos.

Julguei à primeira vista ter diante de mim um devoto de Baco a cozer sobre a frieza das lajes, forte muafa. Fazia frio, muito frio e a rua estava deserta naquela altura.

Inclinei-me para reconhecer o mal que afligia o desgraçado e abandonando o enfado de que me fizera possuir, vi-o erguer um pouco a cabeça e dizer-me entre soluços:

– Tenho fome, senhor.

Ia dar-lhe uma esmola, quando ele acrescentou:

– É tarde, senhor. Não quero dinheiro, quero pão. Reconheci que o infeliz era realmente uma vítima da desgraça. Interroguei-o e ele disse ainda, mas a custo:

– Sou um operário sem trabalho há 9 meses e há dois que fiquei viúvo e com três filinhas. As mais velhas deixei-as esta manhã com uma vizinha quase tão pobre como nós. Dê-me pão, senhor, não é para mim é para esta inocente... Quanto a mim não posso mais andar... estou sem forças...

O desgraçado mal pode pronunciar estas palavras.

Sem perda de tempo relancei uma vista de olhos e com pesar notei que não estava uma só taverna aberta. Avancei alguns passos. Logo ao passar o pequeno largo, parei em frente de uma porta, por cujas aberturas partiam résteas de luz. Era um botequim.

Levando a pequenina pela mão, bati e apenas aberta a porta pedi que me vendessem qualquer coisa pra matar a fome àqueles infelizes. Comprei o que havia – pão, vinho e conservas, e enchi o encardido avental que a criancita levantou para receber o quinhão, partindo adiante de mim.

O infeliz operário então deitou-me um olhar agradecido e principiou a matar a fome.

Despedi-me dele depois de lhe dar também algum dinheiro e encaminhei-me para a minha habitação, certo de ter praticado o meu dever e sem me dar cuidado a lembrança de que um dia aquele desgraçado venha a pagar-me o bem que lhe fiz com uma ingratidão.

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

No que se refere às crônicas, Oscar Leal apresentou “No álbum de uma senhora”, na qual brincava com as palavras, envolvendo a moda e o uso do leque, sem deixar de no mesmo breve texto, lembrar um tema que sempre considerou grato para si voltado à questão da emancipação feminina. Lembrando uma das precursoras do feminismo, a escritora francesa Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein, defendia que as mulheres estariam prontas “para todos os arranjos do engenho humano”. Dava-se assim uma outra contradição no seio dos escritos de Leal, declarando-se abertamente um defensor dos direitos femininos, mas muitas vezes, em várias de suas produções literárias, colocando as mulheres em uma posição subalterna ou ainda como simples objetos da cobiça masculina.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

NO ÁLBUM DE UMA SENHORA<sup>51</sup>

*(Numa página onde havia um leque e flores pintadas)*

Coube-me o leque, por isso deve ser fresca a página e perfumada pelo aroma das flores que o cercam. Mas se em vez de um leque essa mãozinha bela amparasse a flor do Aproxis que se inflamava ao mais leve contato, ou o Baaras das montanhas do Líbano que se iluminava espontaneamente ao cair da noite, e ardia até o despontar da aurora, sem que com isto se consumisse sentir-me-ia ainda mais inspirado para provar.

*Em prosa, em verso, em cantos mil*

que um lugar é vosso entre aquelas que deixam ver a mulher ser realmente apta para todos os arrojios do engenho humano, como bem entende a abalizada Madame Stael.

E com mais uma abano, permiti ilustre senhora, dizer-vos ao rematar estas linhas, que vejo em vós a flor do Aproxis, porque possuis como ela, perfume e luz.

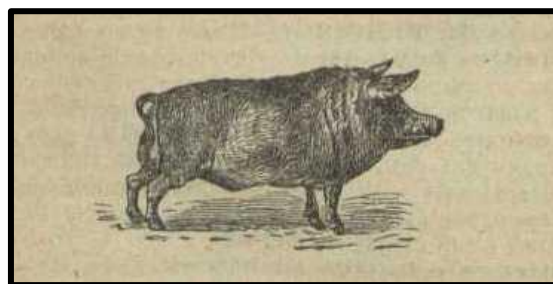
Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

---

<sup>51</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 4.

Já na crônica “O Parteiro”, o diretor de *A Madrugada* trazia um prévia do conteúdo que apresentaria em livro homônimo. Tratava de alguns desentendimentos ocorridos pouco antes, quando Leal fixou residência em Recife e de lá trouxe alguns desafetos. Um deles viria a ser retratado no texto e no livro em questão, sendo descrito da forma mais pejorativa possível, como uma pessoa desprezível, asquerosa e insuportável, além de mal-intencionada e desonesta. A aversão era tão grande em relação ao indivíduo em pauta, que a crônica era ilustrada com a figura de um porco e toda a carga negativa que buscava relevar na aproximação do detratado com o suíno.



◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

## O PARTEIRO<sup>52</sup>

É um tipo baixo, grosso, de cabelos crespos repartidos ao meio, em começo de branqueamento, mas de cor desbotada pelo uso do vigor de Ayer. É cínico e

<sup>52</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 dez. 1894, a. 1, n. 3, p. 3.

desfrutável, mas se julga desfrutador. A sua cútis transuda a gordura. Parece ter a fronte sempre munida de uma boa camada oleosa.

Sua muito e tem naturalmente o fétido a azedo, que transpiram os indivíduos que se dão à embriaguez e à orgia.

Possui alguma inteligência, mas, apesar disso, deixou de ser sagaz, foi buscar lã e saiu tosquiado.

É devoto de *Baco*, gosta enormemente da pândega e dá bailes à custa alheia, honrados apenas por gente duvidosa... ainda mais de certo tempo para cá, depois que foi descoberto o famoso esconderijo donde, graças ao dentista, saiu incólume a viuvinha.

Há quem diga que às vezes ele inverte os papéis; torna-se Febo e ele próprio diz que na variedade está a felicidade. Abaixo das costas tem uma cicatriz aberta e larga.

Nunca foi político, mas se faz para invocar a alguém o seu auxílio em qualquer emergência. Os políticos, porém, detestam-no e nunca gostam de ficar atrás de si, por isso sem dele nada fazerem o colocam por cautela, na frente. Na retaguarda é que não. *Alto lá com ele!*



“O café” era uma crônica que revelava uma das predileções gastronômicas do autor, considerando-o como uma benção que serviria não só para satisfazer o corpo, como o espírito. Tal texto de Oscar Leal parecia ter caído no gosto dos editores, tanto que, além de na *Madrugada*, ele também foi publicado no Brasil, em dois periódicos, *A Palavra*, de Maceió, e o *Monitor Mineiro*, de Vila Guaranésia.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

## O CAFÉ<sup>53</sup>

O café é o único amigo verdadeiro que temos conhecido nesta vida. É ele que nos dá atividade ao espírito geralmente anuviado em horas de profunda melancolia.

Ao tragar algumas gotas, sentimos reanimar-se o sistema nervoso.

Com ele os nossos desejos são satisfeitos, favorecendo-nos com a doce languidez de uma vida passada em sonho, transportando-nos a essas épocas felizes em que projetávamos glórias, em que tivemos grandes aspirações e gigantescas esperanças de gozo e ventura.

Ah! o café é o nosso supremo bem. Antes de o tomarmos somos talvez pessimistas, mas depois tornamo-nos otimistas e o otimismo é a felicidade que

---

<sup>53</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 2.



nos entra pelas portas dentro. Já nos não lembramos das almas negras, dos nossos gratuitos inimigos, nem do nosso passado glorioso e cheio de amarguras, nem a terra onde lutamos pela vida, nada, nada.

Não há apóstrofes que devam causar espanto devemos ser agradecidos aos que nos fazem bem e nada tão bom para nós como o fugir da realidade... Abençoado café.

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

As tantas mágoas que Leal guardou em relação aos jornalistas que o criticaram por meio de periódicos brasileiros voltariam a aflorar em “Pratos limpos”. Na crônica, o escritor desancava os supostos adversários, utilizando um tom que era um misto do debochado com jocoso e também sarcástico, sem deixar de lado uma pitada do satírico. O intento fundamental era deslegitimar as ações daqueles, considerando-os como inaptos para a realização efetiva de uma crítica que pudesse vir a ser julgada como justa.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

PRATOS LIMPOS<sup>54</sup>

Não há momento mais ditoso na minha vida do que esse quando ao folhear os numerosos jornais noticiosos e literários do Brasil que costumam abarrotar-me a mesa de trabalho, encontro entre as muitas referências amáveis de que sou alvo, uma ou outra diatribe-crítica-literária, com que costumam mimosear-me uns engraçados nortistas, sedentos de nome e celebridade e cuja indignação e furor aumentam em face do meu silêncio rotineiro e dos elogios que me tecem os mestres e abalizados críticos de meu país.

E porquê? Perguntará alguém.

Porque eles riem de mim quando estou a rir-me deles. Porque *críticam* ferozmente trabalhos meus escritos para não serem lidos pelos tolos, nem pelos presunçosos que não admitem defeitos num mundo em que tudo é imperfeito, como o é a própria natureza. Porque se eu escrever, por exemplo, como já me sucedeu – *as relas coaxam* e o tipógrafo ou o revisor deixar escapar – *as rolas coaxam*, a sova será certa e adeus para eles meus poucos conhecimentos, invertidos acidentalmente por uns e maliciosa ou estupidamente por outros.

Para o leitor perspicaz o efeito é nulo.

E eu a rir-me e eles... a rirem-se também. Ah! Ah! Ah!

---

<sup>54</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 4.

E julgam esses insensatos zoiolos que me desanimam com o seu ladrar de cães famintos em busca de um osso que não conseguem alcançar? Que tolos, santo Deus. Ah! Ah! Ah!

.....

Ultimamente um desses engraçados, em arrancos de despeito mal contido, cansado de agredir-me, e julgando-se escapo de uma prova entre buchas, teve a ... lembrança de mandar para cá dizer que deixei o Brasil repentinamente, que não sou casado como se julga, que vivo iludindo a sociedade em cujo seio procurei abrigo, que sou capaz de casar-me ainda repentinamente e etc. etc... Antes deixem-me rir. Ah!...

Agora não pasmem, riam também.

Como todo o mundo que me conhece sabe, tenho a superioridade de espírito precisa, para ser, graças a Deus, homem superior e capaz de um dia publicar as minhas memórias, que deverão embasbacar muita gente, por isso não se admire o leitor de ver-me às vezes entrar em explicações de coisas íntimas, mas que devo tornar claras e públicas para maior desespero dos meus inimigos e mostrar-lhes que a minha cabeça anda sempre bem erguida. Ora escutem bem:

Quando eu tive a ventura de mais uma vez cair na asneira, como muitos proclamam, de contrair matrimônio, fi-lo por amor, apenas civilmente em minha casa e senão aceitei a cerimônia religiosa foi porque não quis e talvez porque o posso fazer ainda um dia, se assim o entender ou desejar, de comum

acordo, já se sabe. Cá para mim, como amigo da igreja e seja esta católica, protestante, islamita ou judaica, devo no entanto dizer que o casamento no templo de Deus tem para mim o valor que não tem outro qualquer. Todavia isto pouco importa, porque, perante a lei brasileira – sou casado; e no Brasil o ato civil é o único válido; mas, se arrependido eu estivesse, ninguém me poderia impedir de contrair novo matrimônio e com outra mulher (porque não seria crime) não no Brasil, mas sim em qualquer outro país onde o casamento religioso seja válido segundo a lei do Estado.

Livre de sogra e sobretudo das tias, que às vezes são piores do que aquela, regozijo-me em afirmar que não tenciono mudar de esposa.. pelo menos por enquanto.

E até lá... deixem-me rir a fartar. Ah! Ah! Ah!...

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Finalmente, em uma crônica sem título, estruturada na forma de um diálogo, Oscar Leal tentava provocar uma inovação inusitada e bastante esdrúxula, quanto ao gentílico referente ao Brasil. Nesse sentido, dizia não se considerar “brasileiro”, pois tal denominação constituiria, na sua concepção, um erro de natureza etimológica, já que não estaria coadunada com o nome dos

nascidos naquela “pátria”, os quais deveriam ser chamados de “brasilezes” ou “brasílanos”. Esse breve texto viria a ter reações antagônicas manifestas junto ao jornalismo brasileiro (ou *braziles*).

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

(SEM TÍTULO)<sup>55</sup>

À porta do Café Suíço:

– Então V. Exa. não é realmente brasileiro?

– Não senhor, repito.

– Pois não me disse V. Exa. que nascera no Brasil...

– É verdade e justamente porque sou natural do Brasil é que não sou brasileiro.

– Tem graça!

– Sou brasilez.

– Ah!...

– Brasileiros são realmente aqueles que foram ao Brasil para traficar, negociar com os seus produtos. Ao prefixo que exprime a substância se associa

---

<sup>55</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 4.

a desinência *eiro*, que quer dizer trabalho, como em sapateiro, mineiro, ferreiro. *Eiro* é *aro*, *aris* latino (lavra, trabalhar) transformação por conveniência fonética de *ario* como em operário, notário, boticário. Brasileiro exprime ofício e nunca pátria.

Eis porque entendo que são efetivamente brasileiros os portugueses que regressaram do Brasil e brasilezes ou mesmo brasilanos os que lá nasceram.



Ressabiado com as tantas críticas que recebeu por ocasião da edição do livro *Contos do meu tempo*, notadamente quando ao segmento destinado à criação poética, o qual chegou a ser considerado como não sendo “poesia” e sim apenas “versos”, Oscar Leal pareceu ter deixado de lado em grande parte essa sua inclinação. Não é para menos que apareceram apenas dois poemas de sua lavra nas páginas de *A Madrugada*. O primeiro, “História simples”, mantinha um tom jocoso, trazendo um jogo de palavras, com sentido dubio, nas relações de um rapaz com uma moça. Já “Reina” era um soneto que versava sobre as dores de um amor perdido, que tanto poderia ser, na vida real, algum problema conjugal, pois ele se casara pouco tempo antes, no Recife, ou, no campo literário, em relação à Aygara, uma suposta “esposa” índia que achou em suas andanças pelas florestas brasileiras.



## HISTÓRIA SIMPLES<sup>56</sup>

Gil, aprendiz de escultor,  
Arranjou certo namoro  
A quem tinha ardente amor,  
Sem ofender o decoro.

A bela, que era cristã,  
Diz-lhe em tom bem decidido:  
– Às ocultas da mamã  
Quero fazer-te um pedido.

Como tu não és lapuz ,  
E eu possuo devoção,  
Quero um menino Jesus,  
Esculpido por tua mão.

– Estou doido de alegria!  
Diz ele quase sem tino,  
Talvez inda hoje, Maria,  
Te vá fazer um menino.

Oscar

\*\*\*\*\*

---

<sup>56</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 3.

REINA<sup>57</sup>

Sempre em luta, em combate turbulento  
Com este infame amor que me devora  
Cansado estou de batalhar; já é hora  
De ver findar tão feroz tormento.

Cravada foi, como um punhal sangrento,  
Em meu crânio, a ação da tentadora,  
Enquanto meu peito enamorado chora  
E se abate de pesar e sentimento.

Que vergonha! Gemer, chorar por ela!  
Preciso esquecê-la; da minha mente  
Afastarei a sua imagem preciosa.

Ah não posso: que essa imagem bela  
Penetrando vai no meu peito ardente,  
Como o dente da serpente venenosa.

Madri, 1895

Oscar Leal

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

---

<sup>57</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 2.



Uma das especialidades de *A Madrugada* eram os textos biográficos, em geral estampando retratos do personagem descrito. Oscar Leal foi o redator de grande parte deles, principalmente aqueles sem identificação de autoria, porém ele só assinou duas biografias, utilizando-se apenas das iniciais. Uma delas era a respeito do “Cônego Ulisses Pennafort”, escritor com o qual Leal tinha muita proximidade, chegando a deixar de lado seus princípios anticlericais, mormente tendo em vista que apontava o personagem retratado como alguém que considerava a viabilidade da convivência do cientificismo com os preceitos religiosos. A outra abordagem era sobre “Generoso Ponte”, político mato-grossense, com o qual Oscar Leal convivera durante suas viagens pelo interior do Brasil, reservando para o biografado adjetivações altamente positivas, de modo que tal admiração advinha do fato do mesmo ser um republicano histórico.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

#### CÔNEGO ULISSES PENNAFORT<sup>58</sup>

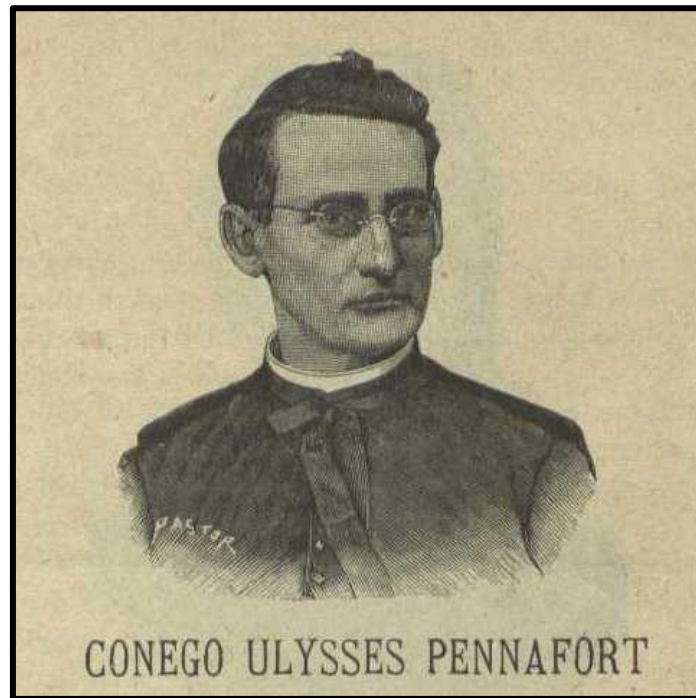
Ulisses Pennafort é o nome de um bom amigo, de um convicto e ilustrado sacerdote, de um brilhante publicista.

---

<sup>58</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 2.

Veio ao mundo na antiga cidade do Crato, no Estado do Ceará, e desde a mais tenra idade causou pasmo o talento prodigioso que manifestou para as letras.

Padre, servo de Cristo, teve de abandonar os seus e seguir o seu destino, sendo nomeado vigário de Bragança, no Estado do Pará, onde se conservou por bastantes anos.



Ali segregado, ocupando-se de seus labores quotidianos e dando sempre o bom exemplo aos seus paroquianos, pregando a boa doutrina, o ilustre cônego Pennafort teve ainda tempo para consagrar-se ao estudo e lembrar-se que:

“Em face da espetaculosa evolução das ideias, em vista das tendências atuais da INTELIGÊNCIA e da ATIVIDADE HUMANA para a investigação das ciências da natureza, em consequência mesmo do grande e importantíssimo papel que cada vez mais vão representando estas ciências na luta suprema da *fé nova* contra a fé tradicional da humanidade, é necessário pôr-se a gente em campo, colocar-se na frente de batalha, mudar de tática, sobraçar novas armas, aprender novas fórmulas, novas línguas, tomar novos caminhos e escolher novos pontos estratégicos. Nestas novas peripécias não se faz mais do que seguir o exemplo das nações colocadas à frente do precipitoso movimento intelectual, como – a França, a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos, que convocam cada ano para os seus magnos congressos, o bando e o sub-bando do terrível e impávido esquadrão científico!”

Ulisses Pennafort que é hoje o redator da *Tuba*, folha científica que se publica no Pará, redigiu também já o *Zuavo*, jornal abolicionista e religioso, o *Catéense* e tem publicado as seguintes obras: – *A Igreja católica e a abolição*; os *Retirantes*, poemeto; *Monsenhor Pinto de Campos*, estudos biográficos; os *Esplendores do culto mariano*; o *Novo morto imortal*; *Discurso ontológico*; *Cenontologia* e breve publicará *Um romance indiano* e uns estudos sobre *Brasilianismo* que devem despertar a curiosidade dos investigadores desta ordem de trabalhos.

O seu maior prazer consiste em estudar, ensinar e se não fosse padre deveria ser forçosamente um verdadeiro homem de ciências, e afinal talvez que não andássemos em dizer que o é de fato.

Pelo que respeita ao físico, o cônego Ulisses, com a sua bela fronte, os seus cabelos pretos, os seus olhos vivos, guarnecidos de pequenas sobrancelhas, tem uma fisionomia que atrai; o corpo um pouco franzino, sem que seja magro, afetado ligeiramente de um tique nervoso, está sempre em movimento. Enfim, possui um belo caráter e uma bela alma.

Publicando o seu retrato queremos apenas mostrar que somos amigos dos nossos amigos, e que sabemos distinguir os que o merecem.

O. L.

\*\*\*\*\*

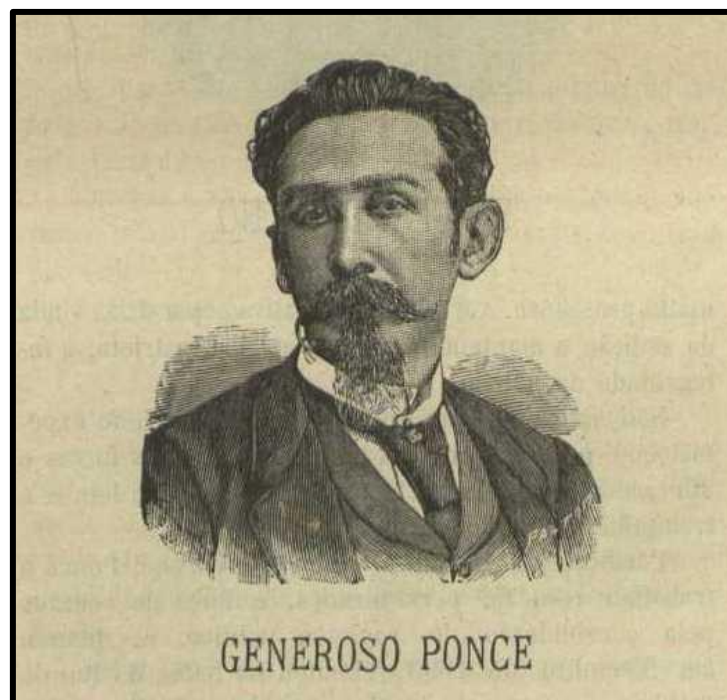
#### GENEROSO PONCE<sup>59</sup>

O coronel Generoso Paes Leme de Sousa Ponce, cujo retrato damos hoje em nossa revista, é um ilustre brasileiro a quem a sua pátria muito já deve, e de quem muito tem ainda a esperar.

Filho legítimo do alferes reformado do exército José Ponce Martins e D. Cursina Romana de Sousa Ponce, nasceu Generoso Ponce na cidade de Cuiabá, capital de Mato Grossos, Brasil, aos 10 de julho de 1852.

---

<sup>59</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. 1-2.



Ainda em mui tenra idade acompanhou seu pai até o famoso e histórico forte do Príncipe da Beira, situado à margem direita do Guaporé, na fronteira ocidental do Brasil, e ali permaneceu cerca de dois anos; tendo depois disto, em épocas diversas, percorrido de norte a sul e de leste a oeste o vasto território do seu estado natal, inexplorado em sua maior parte, pelo que é um dos mato-grossenses que mais conhecem a sua terra.

Em 1863 começo a frequentar as aulas do Seminário Episcopal, onde estudou até janeiro de 1865, época em que, contando menos de treze anos de

idade, voluntariamente apresentou-se para o serviço da guerra que contra o ditador do Paraguai, Solano Lopez, fora o seu país obrigado a mover.

Já era segundo sargento quando em maio de 1867 fez parte da expedição enviada para retomar a cidade de Corumbá do poder dos paraguaios, senhores desde os últimos dias de 1864 de todo o sul da então província de Mato Grosso; e quando a 13 de junho daquele ano foi assaltada e retomada a mesma cidade, convertida pelo inimigo em praça fortificada, o sargento Ponce portou-se bem, como fez público a ordem do dia do comando das forças expedicionárias, sendo por isto incluído no elogio dado pelo imperador e no voto de reconhecimento da Câmara dos Deputados, ambos dirigidos aos que nesse feito de guerra se haviam distinguido.

Continuando a servir nas forças que operaram em Mato Grosso até a conclusão dessa longa campanha, foi ele dispensado do serviço militar em setembro de 1870, quando já era 2º cadete primeiro sargento; tendo sido então louvado em nome do presidente da província pela *prontidão, patriotismo e abnegação* com que até a terminação da guerra se presou ao serviço da pátria, e louvado também pelo comando do seu corpo pela sua *completa morigeração e subordinação*, havendo ainda o mesmo comando lhe agradecido a cooperação constante que dele recebeu no desempenho das suas árduas e difíceis funções, como tudo consta da sua fé de ofício.

Espírito ativo e empreendedor, Generoso Ponce dedicou-se em 1873 à carreira do comércio, entrando como empregado para a importante e respeitável casa de Firmo José de Matos, de quem mais tarde foi sócio e é hoje sucessor

Já um ano antes havia ele encetado a sua vida política, alistando-se nas fileiras do partido liberal, nas quais tanto se salientou pela dedicação, tino e perseverança na defesa e no desenvolvimento das ideias democráticas que formavam o programa desse partido, que dentro de poucos anos viu-se escolhido membro do seu diretório e, em 1887, aclamado seu chefe supremo em Mato Grosso.

Estava então em plena efervescência a questão da liberdade dos escravos, e todo o país nela se achava empenhado: como chefe liberal e deputado à Assembleia Legislativa da sua província, Generoso Ponce combateu valentemente pela vitória do abolicionismo.

Valiosos eram já os serviços desse distinto brasileiro ao seu país, quando no mesmo ano de 1887 foi a então província de Mato Grosso visitada pelo terrível flagelo do cólera-morbo. Ainda em tão crítica conjuntura salientou-se Generoso Ponce, fazendo avultado donativo em dinheiro para ser empregado em socorros públicos, e pondo os seus serviços pessoais à disposição da presidência da província enquanto durou a epidemia.

Aproximava-se, porém, a mais brilhante fase da vida pública de tão precioso brasileiro. Feita a abolição e proclamada a república, o ilustre mato-grossense, então presidente da Assembleia Legislativa da sua terra natal, abraçou com entusiasmo a nova forma de governo e contribuiu poderosamente para que naquela longínqua parte do território brasileiro fossem as novas instituições uma realidade, não só organizando o partido republicano do novo

estado da União Brasileira, como tomando ativa e inteligente parte em todas as questões discutidas no seio da sua constituinte, da qual fora eleito membro.

Em virtude destes relevantes serviços distinguiu-o o Governo Federal com a nomeação de coronel comandante superior da Guarda Nacional da comarca de Cuiabá, milícia da qual já era capitão desde alguns anos antes.

O golpe de Estado de 3 de novembro de 1891 e a revolução de 23 do mesmo mês e ano vieram complicar os negócios políticos de Mato Grosso, já um tanto embaraçados desde certo tempo pela indisciplina das tropas da sua guarnição e pela indébita e violenta intervenção de alguns chefes militares em assuntos de interesse meramente local.

Em janeiro do ano seguinte, rompeu em Corumbá uma sedição militar, sendo ali depostos o comandante do distrito militar e as autoridades civis; e, partindo daquele ponto para a capital do estado uma expedição com o fim de depor o seu presidente, isto se realizou a 1º de fevereiro.

O governo então estabelecido à mão armada, sem outro apoio que o das baionetas dos soldados que o haviam criado, fraco pela sua origem e ainda mais enfraquecido pelos atentados de violências que dia a dia o tornavam mais execrando, levou o chefe republicano a opor a força contra a força, a fim de reivindicar para os seus concidadãos as garantias constitucionais.

Saindo secretamente da capital para o interior do estado, o coronel Ponce viu-se dentro em poucos dias à frente de 1.500 homens, que de vários pontos vieram juntar-se-lhe, e marchou para Cuiabá, onde o governo sedicioso acedeu



em celebrar um acordo, em virtude do qual uma junta governativa ficaria administrando o estado até que o Governo Federal se pronunciasse a respeito dos últimos acontecimentos.

Apenas, porém, o chefe republicano licenciou a sua gente, foi roto o acordo, que a guarnição de Corumbá rechaçara, e dissolvida a junta; pelo que o coronel Ponce voltou de novo ao campo e, dirigindo segundo apelo aos seus amigos, pôs-se à testa de uma divisão de quase 4.000 homens, sitiou a capital, obrigou a guarnição militar a capitular após sete dias de tiroteios e combates parciais, restabeleceu o governo legal e com ele a paz, a ordem e a soberania do povo mato-grossense, varrendo a tentativa separatista vinda da sedição e mantendo, como brasileiro patriota, a integridade da pátria.

Não satisfeito com isto, o benemérito chefe expedicionou para Corumbá com parte das suas forças e ali restabeleceu as autoridades legais, a ordem e a tranquilidade públicas.

Pacificado o estado, continuou o coronel Ponce a trabalhar com fé, perseverança e força de vontade pela consolidação do regime político, e, quando em setembro de 1893, rebentou na baía do Rio de Janeiro a nefasta revolta de parte da esquadra, a sua atitude foi a de franco e decidido defensor da legalidade e da constituição, como o demonstrou por fatos e nas colunas do órgão republicano, na imprensa da capital do estado, do qual é diretor e redator-chefe.

Por tão numerosos e assinalados serviços, o Estado do Mato Grosso, em março do ano seguinte, elegeu-o seu representante no Senado Federal, onde,

ainda no vigor da idade, cheio de patriotismo e abnegação, é uma das mais belas esperanças da sua pátria e particularmente do seu estado.

Eis a largos traços a vida pública do eminente jornalista brasileiro; cujo retrato figura em nossa revista.

Quanto à vida privada não destoa da outra. Chefe de família exemplar, amigo dedicado, coração aberto aos mais nobres e elevados sentimentos, acessível a todos e a todos tratando com amenidade, tais são os títulos que além do mais, o recomendam à estima e ao respeito de quantos o conhecem.

O. L.



Como não poderia deixar de ser, ainda que pudesse estar querendo se desprender um pouco da temática predominante de sua obra nos últimos tempos, Oscar Leal não deixou de trazer às páginas de *A Madrugada* uma narrativa de viagem acerca do Brasil. Ao final o autor esclarecia que o texto se tratava de um extrato adaptado do conteúdo de sua “conferência feita na Sociedade de Geografia de Lisboa em 11 de novembro de 1894”, a qual viria a constituir o livreto *O Amazonas*. O relato descrevia a capital do Estado do Pará, relatando suas peculiaridades, ainda mais se comparada com cidades europeias, além de apreciações sobre as condições urbanas citadinas e certas

particularidades de seus habitantes. A parte textual era complementada pela iconográfica, sendo estampada a imagem do prédio da Bolsa de Belém do Pará.



## O PARÁ<sup>60</sup>

Banhada pelas águas da baía de Guajará, esta cidade parece delas sair, sentindo a palpitação da grande artéria fluvial no mais profundo do seu leito.

Não se parece com o Porto, nem com Lisboa, nem com Veneza, Nápoles ou qualquer outra capital europeia. O Pará é puramente, essencialmente uma cidade americana, parecendo a certas horas do dia em que o calor equatorial aí se faz sentir com mais intensidade, entregar-se a delicioso espasmo, passadas as quais o movimento e o bulício se fazem sentir, denotando aos olhos do viajante extasiado, a grandeza do seu progresso sempre crescente e que aumenta ano a ano, dia a dia.

O seu horizonte é amplo e descortinado, as suas ruas e praças calçadas de madeira, são belas e asseadas, as suas avenidas e bulevares em contrário das que dividem o centro das grandes praças europeias conduzem a lindos arrabaldes, avenidas orladas de encantadoras vivendas, de chalés e chácaras

---

<sup>60</sup> A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 2.

silenciosas e sombreados os seus *trottoirs* espaçosos por gigantescos vegetais, que dão uma nota bem viva ao forasteiro dos esplendores da flora equatorial.

Passeios de asfalto e de cimento, jardins públicos sem gradeamento, entregues ao cuidado do povo que os frequenta nas horas de descanso, um teatro e uma catedral, talvez superiores aos melhores edifícios deste gênero existentes em todo o país; assim como muitos outros que seria longo citar, tornam esta cidade digna de ser visitada.

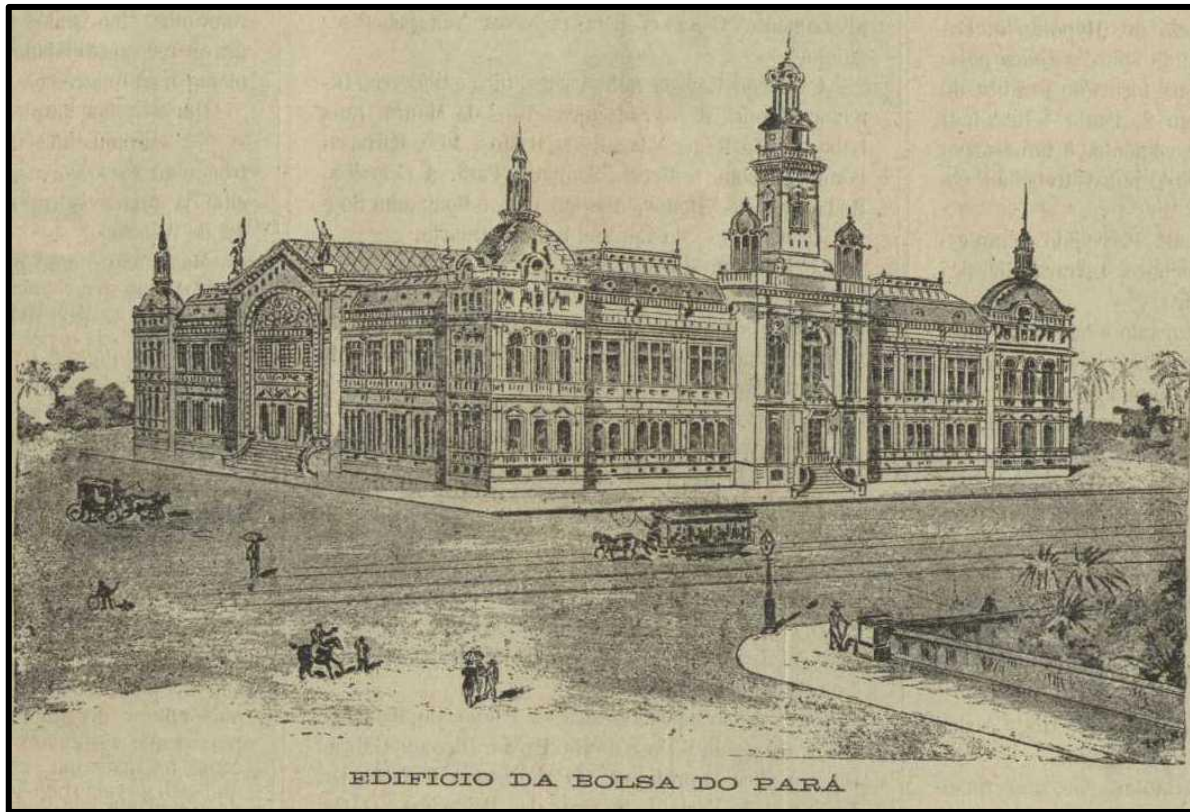
Não faltam ali riquíssimas casas de modas e objetos de luxo, magníficos restaurantes e hotéis, como os não há iguais em Pernambuco e Bahia, principais cidades do norte do Brasil e superiores ao Pará somente em população.

Pouco mais de cem mil habitantes possui a bela cidade paraense e conhecer-se-á quanto é grande o seu progresso, se se lembrar que há dez anos passados a sua população era inferior a cinquenta mil.

Confeitarias, restaurantes de luxo, carros de praça, mictórios públicos, estátuas e muita coisa mais que não existe naquelas outras cidades, há e de sobra na bela capital paraense.

Entre os estrangeiros, salientam-se as colônias italiana e portuguesa como mais numerosas.

A colônia portuguesa tem perdido muito nos últimos anos de sua antiga influência na região amazônica. Há porém crescido o número de indivíduos pertencentes a outras nacionalidades e que formam entre si sociedades independentes como nas mais capitais brasileiras.



Cada um deles conserva os seus costumes e o sue caráter nacional. Esta fidelidade às tradições e hábitos nacionais é notada sobretudo entre os ingleses sob a influência de uma pertinácia forte bastante.

Um francês, um português, um estrangeiro que se casa no Brasil torna-se forçosamente brasileiro, mas com o inglês sucede o contrário. Quando este se

casa a mulher é que se torna inglesa. Isto tem sido notado por mais de um escritor.

O inglês no Pará não encontra morros onde se grimpe como no Rio de Janeiro ou na Bahia, mas ali como em toda a parte vive independente em tranquilos recantos e só trata de comer, beber e fazer bons negócios. Todavia no Pará o inglês ainda não conseguiu impor-se como sucede em Pernambuco, onde tem imitadores desfrutáveis das suas excentricidades até entre gente de cor. Ainda me lembra de uma vez ter visto à porta de uma sociedade de dança em noite de *soirée*, parar uma carruagem e sair dela um jovem preto trajando casaca e levando na cabeça um vistoso gorro cinzento, com uma pena de pato espetada no mesmo. procurando a significação daquele singular costume, foi-me respondido que... era à inglesa!...

A cidade do Pará é iluminada à luz elétrica, como muitas outras cidades dos estados de S. Paulo e Rio de Janeiro já gozam desse importante melhoramento.

Atualmente há ali centenas de prédios em construção, sendo para notar que nos últimos anos a vida tem-se tornado caríssima, e um homem de posição regular, não pode viver decentemente com menos de quinze a vinte mil réis fracos diários.

No entanto, aí onde a vida é cara, onde se sofre os rigores do clima, além das moléstias endêmicas que têm desaparecido quase completamente nos últimos anos, com as medidas de saneamento postas em execução, ninguém no

Pará morre de fome, ninguém morre na via pública e, nesta, raras vezes se vê um pobre estender a mão para pedir esmola. Quando infelizmente, isso se dê, é para notar que o desgraçado (felizardo?) é estrangeiro e muitas vezes especula com a caridade pública, que lá é pródiga e de mãos largas.

A este respeito devo dizer-vos que no Brasil raras vezes se vê um cidadão em dias adversos de suas existência chegar a pedir esmola.

O brasileiro sofre calado, mas é soberbo e *tem nariz*, não estende a mão porque além da humilhação julga molestar aqueles que não têm culpa dos males da humanidade. Se é pobre, se ainda neste dia não almoçou nem jantou, por falta de meios, mas se em todo o caso tem no bolso um tostão, é capaz de dá-lo muito generosamente ao primeiro que lhe estenda a mão e lhe peça, fazendo aquilo mesmo que bem necessitava outro lhe fizesse.

Nestas coisas o paraense, principalmente, estica o seu orgulho como a borracha da sua terra.

Oscar Leal

“Da conferência feita pelo autor na Sociedade de Geografia de Lisboa em 11 de novembro de 1894.”





# **NOTICIÁRIO E PUBLICIDADE**

As seções de *A Madrugada* reservada às notícias e à publicidade revelavam claramente os propósitos da revista de, para além da divulgação literária, servir à promoção individual de seu diretor. No “Noticiário”, invariavelmente apareciam informes a respeito de Oscar Leal, trazendo assuntos ou temáticas correlacionadas com o escritor. Assim, eram incluídas em tal segmento do periódico: as suas viagens a outros países ou até mesmo à Madeira, para visitar a família, as quais eram destacadas quanto à ida e à volta; os lançamentos de seus livros, revelando alguns detalhes das publicações e acompanhando as apreciações veiculadas junto à imprensa; a divulgação de suas palestras; o seu ingresso em entidades acadêmico-culturais e científicas; as matérias que destacavam elogiosamente a sua atuação como homem de letras; as suas participações como correspondente de periódicos; e até mesmo as querelas e polêmicas nas quais ele se envolvia, debatendo, nem sempre em bom nível, com outros escritores e jornalistas.

Mas o atendimento dessa seção noticiosa aos desígnios de Leal, chegava a detalhes ínfimos, como o acesso que lhe foi negado na biblioteca de um museu brasileiro; ou da sua vida privada, como os encontros com literatos e artistas, com o cúmulo de chegar a ser divulgado o cardápio que os colegas usufruíram em uma dessas reuniões. *A Madrugada* envolveu-se ainda em uma grande discussão relacionada ao serviço de correios no Brasil, tendo em vista a falta da entrega de uma encomenda destinada a Oscar Leal, o qual acusava o funcionário responsável de negligência ou mesmo de conivência com um possível delito que teria sido cometido. Era um tema que não trazia qualquer

interesse de ordem literária ou mesmo que tivesse algum vínculo com o norte editorial do periódico, mas se fazia presente em suas páginas, unicamente por representar um interesse do editor. Nessa linha, o assunto ocupou três edições da revista, chegando a envolver uma réplica publicada junto ao jornalismo brasileiro, e a tréplica que apareceu na própria *Madrugada*. Interessante a perspectiva de que a seção “Noticiário” supostamente seria escrita por um redator, que chegava a se referir ao “nosso amigo Oscar Leal”, mas as entrelinhas e as formas de expressão revelavam que a maior possibilidade era que o próprio Leal estivesse por trás da lavra desses textos. Até mesmo os anúncios editados na *Madrugada* serviam amplamente para divulgar as obras publicadas por Leal e registrar os comentários positivos que sobre elas recaíam, chegando a aparecer um encarte com a propaganda ilustrada do livro *Viagem a um país de selvagens*, mesclando o retrato de Oscar Leal com algumas das gravuras que estampavam o volume.



## NOTICIÁRIO<sup>61</sup>

(...)

Noticiando o regresso à Europa do diretor desta folha, assim se expressou o *Patriota*:

“Chegou a Lisboa o nosso amigo Dr. Oscar Leal, distinto escritor e infatigável viajante brasileiro.

Acaba, segundo fomos informados, de fazer uma longa viagem no Rio Amazonas, tendo conseguido ir embarcado até Yurimaguas, de vista dos Andes, seis dias de viagem além de Iquitos, no Peru.

Em Pernambuco, onde residiu algum tempo, sofreu também, como muitos outros, seus incômodos durante a revolução e o estado de sítio.

Sendo acusado por um tal Alf. Gibson de conservar oculto em casa o Dr. Seabra, um dos revoltosos do *Aquidaban*; teve o seu consultório varejado alta noite, indo no dia seguinte, depois de calorosa discussão, parar à questura, de onde saiu pouco depois de intimado a não dar a ninguém explicações a respeito do que havia entre aqueles senhores.

A polícia ali, julgava que o Dr. Seabra havia sido companheiro de viagem de um tal Silvino Macedo, que lá foi fuzilado nessa mesma ocasião.”

Tudo tem seu tempo...

---

<sup>61</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 4.

(...)

Deve realizar muito breve a sua conferência sobre o Amazonas, na Sociedade de Geografia, o nosso amigo Dr. Oscar Leal.

Nos ateliers de Pastor estão-se fazendo as últimas gravuras para a sua nova obra *Viagem a um país de selvagens*, cuja parte científica já foi publicada sob o título *As regiões de terra e água* na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

É editora uma das principais livrarias de Lisboa.

\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>62</sup>

(...)

Aos nossos leitores de Pernambuco participamos que no próximo número desta folha será publicado o retrato do *Parteiro*, extraído desse romance em elaboração.

-----

A respeito da conferência feita por Oscar Leal na Sociedade de Geografia, assim se exprime o *Século*, de 10 de novembro de 1894:

---

<sup>62</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 3.

“O ilustre brasileiro Sr. Oscar Leal realizou ontem na Sociedade de Geografia, perante um numeroso auditório, a sua conferência sobre a região do Amazonas, esse enorme estado do Brasil, que tanto desperta o interesse dos viajantes.

Principiou o conferente por descrever as belezas incomparáveis da região amazônica, as suas fantásticas paisagens, as suas admiráveis quedas de água e as suas deslumbrantes montanhas bem como os usos e costumes dos seus habitantes.

Referindo-se aos deslumbramentos do grandioso Rio Amazonas, dá conta das explorações a que procedeu, dizendo que, sendo o Tocantins considerado até agora como um afluente do Amazonas, ele, explorador, teve ensejo de reconhecer que, pelo contrário, o Amazonas é que é um afluente do Tocantins.

Referindo-se ao Pará, pôs em relevo as grandes transformações por que esta cidade tem passado, considerando-a como uma das mais importantes cidades brasileiras, onde imperam o luxo e todas comodidades dos grandes centros. Notou que nesta cidade, apesar da vida ser bastante difícil, a mendicância é muito rara, devido ao grande desenvolvimento que a assistência pública tem tomado.

Também descreveu Manaus, capital do Estado do Amazonas, notando-lhe a importância e os progressos que tem feito depois da proclamação da república, dizendo, a propósito, que a república trouxe ao Brasil um desenvolvimento e

uma prosperidade nunca sonhadas, que o fez colocar na vanguarda das nações da livre América.

Disse que em Manaus a vida é caríssima, custando os ovos a 5\$000 e 6\$000 réis a dúzia e vendendo-se a carne por um preço louco! Frisou a indolência do trabalhador indígena e a falta de braços para a agricultura, dando como causa destes males o erro de se terem aberto os conventos e permitido o estabelecimento de congregações religiosas.

Conjuntamente com estas notas descritivas, apresentou dados estatísticos de grande valor, a que por falta de espaço não podemos reportar.

Entrando depois na interessante descrição da vida dos indígenas, referiu-se à tribo dos cocamas, apresentando uma curiosa coleção de colares, feitos de dentes de macaco, de penas de variegadas cores e de contas, que os indígenas obtêm pela troca de produtos naturais com os europeus.

Igualmente o Sr. Oscar Leal apresentou grande número de pulseiras, turbantes e outros adornos com que aquele indígenas se enfeitam. O que sobretudo despertou o interesse dos assistentes foi a apresentação da cabeça de um indígena da tribo dos huambizas, cabeça a que já há tempos nos referimos, quando demos notícia da recente viagem do Sr. Oscar Leal. Disse o conferente que estas cabeças se obtêm com grande dificuldade, porque os seus possuidores as usam como relíquias sagradas, servindo-lhes como que de ídolos, a que se consagram em ocasiões críticas, como, por exemplo, na guerra. Disse o Sr. Leal que não se obtêm estas cabeças se não pela troca de objetos que

tenham pelo menos o valor de 20 libras. O Sr. Oscar Leal continuou depois a sua conferência descrevendo a sua viagem através desta região, tão pouco conhecida, viagem cortada por variadas peripécias, mais extravagantes umas e perigosas outras. Também falou da povoação de Yurimaguas, onde esteve prestes a ser vítima da sua temeridade, terminando pouco depois a preleção, que foi deveras interessante. O Sr. Oscar Leal foi muito cumprimentado.

Lastimamos que a falta de espaço nos não permita darmos da sua bela conferência um extrato tão desenvolvido como seria para desejar.”

Esteve presente o Exmo. Sr. Vieira da Silva, cônsul geral do Brasil, em Lisboa.

\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>63</sup>

Parte nestes dias para a Ilha da Madeira o nosso amigo Dr. Oscar Leal, diretor desta folha.

S. Exa. pretende demorar-se ali apenas quinze dias, devendo regressar a Lisboa no mês próximo.

S. Exa. vai tratar de negócios relativos às propriedades que ali possui.

---

<sup>63</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 4.



Feliz viagem é o que lhe desejamos e que nos traga de lá algumas garrafas de Malvazia ou de Bual.

\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>64</sup>

(...)

Regressou da Ilha da Madeira o nosso amigo Dr. Oscar Leal, diretor desta folha. Durante a sua curta demora ali, que foi de 18 dias apenas, S. Exa. foi muito visitado e obsequiado no Funchal.

Na excursão que fez ao interior da Ilha passou pela Vila de Machico, onde lhe foi oferecido um jantar em casa do tenente Albino Leal e sua esposa, no qual tomaram parte também os Srs. Jorge de Oliveira, administrador do concelho, Felix Leal, cônego Pacheco, ilustrado sacerdote que ali se achava em tratamento a quem o nosso amigo tece os maiores elogios.

Oscar Leal tenciona voltar a Paris dentro em breve, onde pouco se demorará. Durante a sua ausência nenhuma alteração sofrerá esta publicação mensal, (por enquanto), à qual dedica toda a sua estima.

\*\*\*\*\*

---

<sup>64</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 dez. 1894, a. 1, n. 3, p. 4.

## NOTICIÁRIO<sup>65</sup>

(...)

Oscar Leal acaba de ser aclamado unanimemente membro correspondente da Sociedade Geográfica de Madri. Parabéns ao nosso amigo e companheiro. (...)

Em virtude da proposta apresentada pelo ilustre naturalista Eduardo H. Pacheco Esteban, foi eleito membro correspondente da Sociedade Espanhola de História Natural de Madri o nosso amigo Dr. Oscar Leal, autor da *Viagem a um país de selvagens* e diretor desta folha. Oscar Leal passou em Sevilha (Espanha) a 16 do mês passado, e está atualmente no norte.

\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>66</sup>

(...)

A propósito da última publicação do nosso companheiro Dr. Oscar Leal, escreveu o ilustre redator da *Tuba*, folha científica, que se publica no Pará, uma

---

<sup>65</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. p. 4.

<sup>66</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 3-4.

extensa apreciação da qual extraímos o seguinte: "Oscar Leal está fazendo com a América do Sul o mesmo que Fenimore Cooper fez com a América do Norte; com a diferença, porém, de que este escrevia quase sempre de oitiva, isto é, pelo que ouvia dizer e sem averiguar a verdade; ao invés Oscar Leal não só como grande explorador experimentalista, não à Júlio Verne, mas quase à guisa de Zola, descreve sítios e lugares que ele próprio desenhou; a descrição que ele faz dos costumes, dos usos, do caráter e das paixões das gentes e dos indivíduos sob o ponto de vista social e biológico não é feita com os *olhos do livro e da imaginação*, não, é sim com os próprios olhos do corpo. Nós que também temos estudado etnológica e etnograficamente os nossos povos e que conhecemos de perto o audaz utopista americano, podemos de alguma forma asseverar e confirmar a exatidão das considerações etológicas do autor da *Viagem a um país de selvagens...*".

Também o ilustre crítico e abalizado escritor Diogo de Carvalho, depois de merecidos elogios que tece ao nosso amigo, diz, ao terminar o seu artigo: "... Todavia esse esforçado escritor, tão ilustre e tão simples, que há granjeado o renome a peso de enormes sacrifícios e colossal trabalho, como disse um nobre colega, tem recusado todas as honras, não aceitando mesmo a posição nobre e airoso que o governo brasileiro lhe tem querido por mais de uma vez oferecer. Preferindo sempre a vida independente e contando apenas com os seus próprios recursos ou com os resultados bastante lucrativos que lhe deixa a ciência odontécnica em que é formado e abalizado especialista, tem dedicado os dias de descanso para os seus estudos e proveitosas investigações, contentando-se

apenas com as honorificências, com que o têm distinguido várias corporações científicas da Europa e da América.

Muitas vezes satírico e acrimonioso em seus escritos, tem alcançado a par de muita popularidade e prestígio não só simpatias, como também o que é natural, alguns forçosos inimigos. Destes aos quais o Dr. Oscar Leal não pode necessariamente agradar, tem partido muitas vezes uma reação mal orientada, fazendo circular lendas depressivas do seu caráter, que ele vai desfazendo com uma vida laboriosa e às claras.

Mas ele nunca temeu a calúnia e longe de impressionar-se, despreza silenciosa e altivamente o riso alvar dos maus e dos imbecis, que têm debalde pretendido marear a sua brilhante e até hoje imaculada reputação. Fiel sectário de Zenon, estoico e rígido como ele. De aspecto sombrio e ordinariamente pouco expansivo, oferece raro ensejo para os amigos experimentarem a grandeza do seu caráter. Entretanto é esta uma das suas melhores qualidades.

Teófilo Braga, incontestavelmente uma das mais pujantes mentalidades portuguesas da atualidade, usando da sua proverbial bondade e delicadeza, escreveu ao nosso amigo e diretor desta folha, elogiando-o pela sua última publicação *Viagem a um país de selvagens*, cujo estilo humorístico muito apreciou. Da mesma gentileza têm usado para com o autor diversos escritores portugueses e estrangeiros.

\*\*\*\*\*

NOTICIÁRIO<sup>67</sup>

(...)

O Museu Botânico do Amazonas, de que foi fundador e diretor o notabilíssimo homem de ciências Dr. Barbosa Rodrigues, continua fechado, e o que é mais triste – abandonado.

Em tempo o governo estadual despendeu grossas somas com essa instituição e enriqueceu a sua biblioteca com magníficas obras, cujos volumes jazem amontoados e entregues ao pó e às traças, sobre as mesas, numa sala que só é aberta quando aparece algum visitante e durante poucas horas do dia.

O diretor desta folha, quando o ano passado lá esteve, foi visitar o museu e encontrando ali as obras de Orbigny e Castelnau desejou consultá-las em sua casa, o que não lhe foi permitido. Chegou a empenhar-se com o diretor do Ginásio e depois com um deputado estadual, oferecendo a quantia de um conto de réis em depósito, como garantia no caso de extravio, mas não conseguiu nem ao menos a delicadeza de uma resposta.

No Brasil, infelizmente, parece reina até mesmo o egoísmo do saber. Todavia, ainda assim, o nosso amigo prestou ao Amazonas um grande serviço, com a conferência que realizou há tempos na Sociedade de Geografia de Lisboa,

---

<sup>67</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 4.

conferência que anda hoje publicada em folheto e que a imprensa de Portugal e Brasil tanto elogiou.

Reconheceria ao menos desta vez a imprensa do *Amazonas* que o conferente, aparte mesmo os títulos que possui, é um homem douto?

\*\*\*\*\*

#### NOTICIÁRIO<sup>68</sup>

Oscar Leal foi eleito unanimemente, em sessão de 5 de junho último, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (Brasil).

\*\*\*\*\*

#### NOTICIÁRIO<sup>69</sup>

(...)

Esteve em Lisboa o nosso amigo Carlos de Mesquita, notável pianista e maestro brasileiro, laureado no Conservatório de Paris.

---

<sup>68</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 3.

<sup>69</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 18 set. 1895, a. 2, série 2, p. 4.

O encontro de Carlos Mesquita com Oscar Leal, antigos condiscípulos, foi dos mais joviais e teve lugar no Grande Hotel Francfort, aonde depois de um jantar alegremente interrompido entre saudosas recordações, foram trocados amistosos brindes ao servir-se o champanhe.

Em companhia do nosso diretor, Carlos de Mesquita visitou na mesma noite o belo Teatro D. Amélia, assistindo à representação do Frei Satanás e indo no dia seguinte à Praça de Touros, cujo divertimento não deleitou nem a um nem ao outro.

O ilustre maestro, antes de regressar a Paris, onde reside, realizou em Lisboa alguns concertos, que foram regularmente concorridos.

Carlos de Mesquita é irmão do nosso colega Roberto de Mesquita, atual correspondente do *Jornal do Comércio* em Paris.

\*\*\*\*\*

NOTICIÁRIO<sup>70</sup>

(...)

Sobre a recente publicação intitulada *Brasileiros ilustres*, de que é autor Oscar Leal, disse o *Século* de Lisboa, em seu número de 5 de setembro, último, o seguinte, que muito agradecemos.

“O conhecido escritor brasileiro Oscar Leal a quem por diversas vezes a imprensa portuguesa se tem dirigido com louvor na apreciação das suas conferências científicas e na crítica das suas muitas obras literárias, acaba de encetar um novo trabalho que está reservado a prestar um grande serviço ao seu país. Referimo-nos aos *Brasileiros ilustres* de que está publicado o primeiro número que se ocupa do Sr. Ulisses Pennafort (natural do Ceará), um dos ornamentos do clero do Brasil e ornamento da literatura do mesmo país.

Como acima dizemos, com esta publicação grande serviço presta o Sr. Leal ao seu país e mesmo temos nós portugueses ocasião de ficar conhecendo muitas brilhantes individualidades brasileiras, que nos são desconhecidas e que tão dignas são da nossa atenção e do nosso estudo.”

Esta publicação foi igualmente muito bem recebida pela imprensa brasileira.

\*\*\*\*\*

---

<sup>70</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 3.



NOTICIÁRIO<sup>71</sup>

(...)

O diretor desta folha e o ilustre poeta Gomes Leal visitaram na noite de 16 do penúltimo o Instituto 19 de Setembro na companhia dos nossos ilustres amigos Manoel Barradas e Antônio Cabreira. Manoel Barradas teve a gentileza de convidar ao nosso companheiro e diretor para realizar ali algumas conferências.

\*\*\*\*\*

NOTICIÁRIO<sup>72</sup>

(...)

A redação de *O Brasil* convidou o diretor desta folha para ser agente e correspondente em Portugal. Oscar Leal, apesar de sobrecarregado de serviços variados e ser já correspondente de outras folhas do Brasil, respondeu que aceitava a honrosa incumbência, sem que por tal motivo sofram abalo as suas antigas crenças. Imparcialmente prestará seus fracos serviços ao novo órgão fluminense.

---

<sup>71</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 3.

<sup>72</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 4.

\*\*\*\*\*

NOTICIÁRIO<sup>73</sup>

(…)

O nosso prezado amigo Dr. Oscar Leal, diretor literário desta revista, segundo nos informa, parece conservar a mais grata lembrança da sua última estada em Paris, onde teve ocasião de encontrar-se com alguns dos seus patrícios, amigos e admiradores ali residentes e que o encheram de amabilidades.

Um destes bastante conhecido no mundo da arte, o ilustre maestro brasileiro Carlos de Mesquita, discípulo favorito de Massenet, levou-o no dia da sua chegada ao *Theatre Mondain* na Cité d'Antin, onde realizou uma encantadora audição das suas obras com o gracioso concurso de M.<sup>lles</sup> Vêras de la Bastière e Suzzane Michel, diante de um público verdadeiramente seleta, que freneticamente aplaudiu.

O nosso amigo Oscar guarda ainda grata lembrança do jantar que aquele seu antigo condiscípulo intimamente lhe ofereceu na sua artística residência de Anteuil, em 23 de dezembro, durante o qual foram trocados brindes muito afetuosos.

---

<sup>73</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, jan. 1896, a. 3, série 3, p. 3.

Eis o

*Menu*

*Potage* bisque a la Madeleine Portet.

*Truit* saumounée a la Carlos de Mesquista.

*Entrée* à la bresilianne.

*Roti* à Oscar Leal.

*Asperges* a la belle Marthe Portet.

*Salade* à Francisco Braga.

*Desserts* Gateaux variées.

*Vins* Bassac, 1862. Chanbertin. Porto. Champagne.

*Café et liqueurs.*

\*\*\*\*\*

NOTICIÁRIO<sup>74</sup>

Pelo distinto cavalheiro senhor Manoel Lello foram postas à disposição do diretor desta folha algumas fotogravuras representando edifícios importantes

---

<sup>74</sup> A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 3.

do Pará e que eram destinadas a ornar a obra *Do Tejo ao Amazonas* do padre Guilherme Dias, que não chegou a ser publicada. (...)

A respeito do ilustrado padre Guilherme Dias, que anda atualmente em excursão pelo norte do Brasil, encontramos várias notícias nos jornais dali chegados (...).

Consta-nos também que em outros estados que vai percorrendo obteve o senhor padre Dias além de bonito acolhimento, magníficos auxílios para a publicação da sua obra, o que é motivo para o felicitar-mos e também ao governo desses estados brasileiros, que têm sabido ser generoso e hospitaleiro para com os escritores estrangeiros. (...)

Cá o nosso diretor nunca pediu nem obteve auxílios dos governos para a publicação dos seus livros, apesar de Pinheiro Chagas ter escrito que “antes de os ler, Mato Grosso e Goiás conservavam não só para ele mas para os europeus todos os encantos do desconhecido”.

E esses trabalhos talvez sem valor têm-lhe valido grandes distinções e ser honrado com os títulos de membro das principais associações geográficas e científicas do mundo!

Para poder escrever essas obras, o nosso diretor teve de fazer viagens de exploração por todo o seu país e as despesas só foram cobertas com o produto do seu trabalho, porque nas grandes cidades onde estacionava ia passando ao papel as suas impressões ao mesmo tempo que exercia a honrosa e nobre profissão de médico-dentista. E sofrendo as mil consequências das suas

arrojadas jornadas, que lhe produziram bons amargores, sujeito a enganos que ele próprio buscou desfazer, em lugares afastados onde o estanho é sempre vítima da desconfiança pública e de meios banais de vingança, nunca, nem mesmo hoje, longe da pátria, deixa de bem honrá-la e por ela trabalhar. E como mais de uma vez, tem sido aqui sempre bem recebido e festejado pelos nossos colegas de imprensa, a qual é deveras grato.

Justamente por isto mesmo, sentimos grande satisfação pelo acolhimento digno e proveitoso que tem recebido também no Brasil o ex-redator da *Reforma* o senhor padre Guilherme Dias, e, se aproveitamos o fato para ligeiro desabafo, a ele só temos motivos para felicitar.

\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>75</sup>

(...)

Foi eleito ultimamente sócio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, o nosso amigo Oscar Leal, diretor desta folha.

-----

---

<sup>75</sup> A MADRUGADA. Lisboa, set. 1896, a. 3, série 4, p. 3.

O diretor desta folha esteve há pouco em Vigo, de visita ao seu ilustre amigo e compatriota Aluísio de Azevedo, e em Ponte Vedra e Mondariz, na companhia de D. Alejandro Rivera, ex-prefeito do departamento de Loreto (Peru), que ali foi fazer uso das célebres águas.

\*\*\*\*\*

#### "O PARTEIRO"<sup>76</sup>

Tal é o título de uma novela naturalista ultimamente publicada pelo Sr. Dr. Oscar Leal, já conhecido no mundo das letras por anteriores produções.

A crítica tem-se ocupado diversamente deste pequeno romance de costumes: uns louvam e aplaudem; outros censuram acremente o autor, ressaltando apenas a forma literária, e fulminando anátemas sobre a novela em si. Deixemos a liberdade à crítica, e elucidemos apenas os timoratos que acharam aquilo em demasia cru, dizendo-lhes que a crueza lhe veio da *realidade observada*. Se os críticos timoratos se não contentarem com essa explicação é que, positivamente, a sua timidez orça na toleima.

Há, porém, um crítico que arremete, furioso. É o Sr. Valentim Magalhães, iconoclasta terrível, que depois de ter demolido (sic) Camilo Castelo Branco e

---

<sup>76</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 3.

Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Teófilo Braga, trata agora de demolir o diretor da *Madrugada*.

*O Parteiro*, no entender deste crítico *lusitanófago* não prima nem pela concepção nem pela decência.

Vê-se que o Sr. Valentim corou, ao ler aquilo. É pudico como a sensitiva, este demolidor de reputações literárias.

Zola e Eça de Queiroz têm tido a sua obra acusada do mesmo delito. Estes críticos não se queixam das latrinas sociais criadas por uma civilização viciada que importa botar abaixo; queixam-se do espelho que reflete as podridões visíveis, e da voz audaciosa que denuncia as podridões invisíveis.

*O Parteiro* é a romantização de uma vida porca de malandro autêntico, que toda a gente poderá apontar o dedo, porque o conhece. O Sr. Valentim de Magalhães queria que o romancista o apresentasse alvo e puro como o arminho!

Positivamente, este Valentim, com a sua mania de bota-abaixo, está destinado a fornecer a futuros novelistas o mais grotesco tipo do charlatão ensabichado que nos seja dado conceber.

Cerebralmente impotente, desforra-se dessa impotência dizendo mal de tudo e de todos, a ver se, por exclusão de partes, só ele fica na galeria dos mestres.

Pode ficar: mas dos mestres sapateiros

Porto, 1896.

Heliodoro Salgado

\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>77</sup>

Tem tido bom acolhimento da imprensa a novela naturalista *O Parteiro*, do nosso amigo Oscar Leal, diretor desta folha. Abaixo reproduzimos notícias dos principais jornais.

*O Parteiro* – Novela por Oscar Leal – A literatura brasileira acaba de ser enriquecida com um romance de verdadeiro valor.

.....

“Oscar Leal tem dado provas de grande valor intelectual e de uma ilustração não muito comum.

*O Parteiro*, cuja bem conduzida ação se desenrola em Pernambuco, é um romance magistralmente feito, com situações que nos prendem o espírito. Pode considerar-se um estudo do natural, feito por um observador profundo, que não perde a mais insignificante particularidade da vida real, e que não sacrifica a verdade da narração aos arrebiques estudados do estilo.

---

<sup>77</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 3-4.



Com esta nova obra, Oscar Leal revela-se-nos um escritor naturalista de grande valia, o que para nós não foi surpresa, pois temos cabal conhecimento das suas altas qualidades literárias.”

(Do *Século* de Lisboa).

“O Sr. Dr. Oscar Leal, já conhecido no mundo literário por diversas composições... acaba de nos brindar com um exemplar do *Parteiro*... romance de costumes, em que o autor, escarpando alguns dos podres da sociedade pernambucana, toma por vezes as proporções de um panfletário.

Trata-se de um médico-parteiro, totalmente desprovido de senso moral, abusando da santidade do seu ministério para, por toda a parte, semear a corrupção... É a besta humana apanhada em flagrante torpeza e exposta à abominação...

Os caracteres são bem traçados e bem sustentados, especialmente o do protagonista. As descrições são de um bom colorido e os tipos reais bem estudados e bem expostos, etc. etc.”.

(Da *Voz Pública* do Porto).

*O Parteiro*, novo romance do Dr. Oscar Leal, está magistralmente delineado, e bem escrito...

(Da *Pátria* de Braga).

O novo trabalho, *O Parteiro*, que nos acaba de chegar da lavra do fecundo literato, revelou o mesmo escritor, habilíssimo na forma de escrever as suas impressões, a que sabe dar um colorido vivo e intenso...

(Do *Diário de Pernambuco*).

Garcia Redondo, o festejado colaborador do *País* do Rio de Janeiro, em carta que dirigiu ao autor, diz:

“Recebi e agradeço-lhe o seu romance *O Parteiro*, onde, com franqueza lhe digo, há notabilíssimo progresso no seu estilo e belezas tais que o colocam em primeiro lugar entre as suas obras...”.

Sentindo não podermos reproduzir outras notícias semelhantes, não nos podemos furtar também ao desejo de transcrever da importante e imparcial *Folha do Norte*, que se publica no Pará, as seguintes referências, para que o leitor adverso aos merecimentos do autor, bata palmas.

... *O Parteiro* é uma insignificância... Antes o autor tivesse varrido da mente a ideia de lançar *O Parteiro* à publicidade, porque infelizmente ele constitui o seu primeiro insucesso nas letras e oxalá seja o último, etc.

\*\*\*\*\*

CAVACOS<sup>78</sup>

(...)

Veio parar às nossas mãos uma carta cheia de ameaças vinda de Pernambuco. Em resposta só podemos, e conosco todo o mundo, afirmar que, se o gajo enfiar a carapuça e disso nos der uma prova como anuncia, muito contribuirá para o aparecimento de uma edição especial em que ele surgirá nuzinho ao lado dos novos personagens seus colaboradores e com os nomes próprios, etc., etc., etc. O mais é segredo.

-----

Na *Semana literária* da *Notícia*, importante e bem redigida folha diária que se publica no Rio de Janeiro, o nosso colega Valentim de Magalhães, noticiando o aparecimento do *Parteiro*, principia assim neste irônico ar de troça – *O Parteiro* chama-se a novela naturalista (sic) publicada em Lisboa pelo Sr. Oscar Leal, doutor, nosso patrício, autor de dezesseis obras, etc...

Não é preciso, para o leitor avaliar do resto.

Valentim Magalhães, doutor por ser bacharel como outros por serem dentistas ou médicos simplesmente, é um escritor conhecido e tido no Brasil e também aqui por nós como possuidor de talento e também de merecimento. Mas Valentim tem, como todos sabem, dois defeitos capitais – ser desconfiado e ter hábitos de seminarista.

---

<sup>78</sup> A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 4.

Ora digam-nos com franqueza se conhecem cá ou lá, outro literato nas suas condições de notabilidade, que se dê, ao invés de fazer crítica, ao trabalho de atirar ironias ao seus confrades.

Pois o Valentim é ainda um menino de escola nos seus hábitos, e apesar de não nos arrogarmos em mestres, precisamos de ora avante por de prevenção a Santa Luzia dos cinco olhos.

E nós a mandarmos o Décio engolir a pílula a propósito das filáucias do Valentim e sairmos em sua defesa, para recebermos este pago, e porquê?

Por causa do *Parteiro*! Pobre Dr. Xis! Até o Valentim te quer fulminar.

E contarmos hoje no número dos nossos melhores amigos a Décio Carneiro, incontestavelmente um talento superior que todos reconhecem e o Valentim como nosso adversário! Tudo a propósito de um arranco pátrio, que afinal só honra a Décio.

Ora, o Valentim, de duas uma – ou é vítima de sugestão, ou tem saudades da gatinha cinzenta da Rua das Atafonas.



\*\*\*\*\*

## NOTICIÁRIO<sup>79</sup>

Os senhores Louis Hermann e Cia., estabelecidos no Rio de Janeiro, à Rua do Ourives, 111, em 20 de agosto de 1894, registraram sob nº. 28.518 F. e remeteram para Manaus ao diretor desta folha um pacote contendo objetos cirúrgicos no valor de cento e tantos mil réis.

Como nesse mesmo mês o destinatário tivesse que partir daquela cidade, dirigiu-se ao administrador do correio ali e pediu-lhe para reter na sua repartição toda a correspondência até segundo aviso. De fato chegando a Lisboa tratou logo de escrever àquele senhor pedindo-lhe a remessa da correspondência, mas só depois de haver dirigido para Manaus duas cartas

---

<sup>79</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 4.

registradas ao dito administrador, passados três meses após a sua chegada aqui e feitas várias reclamações por meio de amigos, é que dali recebeu alguns jornais e trinta e tantas cartas, quase todas, com evidentes sinais de terem sido molhadas, abertas e fechadas de novo. O reclamador remeteu ao dito administrador a quantia de cinco mil réis para o caso de haver qualquer porte a pagar, e apesar de não haver, tal quantia não foi devolvida.

Quanto ao pacote, até hoje o nosso diretor não o recebeu, apesar das reclamações que tem feito, ter decorrido já quase um ano e dos senhores Louis Hermann e Cia. terem reclamado na administração dos correios do Rio de Janeiro, ao qual dirigimos também a nossa justa reclamação.

Não queremos ofender o cidadão de quem acima falamos e cujo cavalheirismo, bondade e boa fé devem ter dado lugar a que alguém na sua repartição desse motivos às nossas queixas e às de outros, segundo de lá mesmo nos informam.

\*\*\*\*\*

#### CORREIO DE MANAUS<sup>80</sup>

No número de 4 de agosto último noticiamos o fato dos senhores Louis Hermann e Cia. do Rio de Janeiro terem em 20 de agosto de 1894 registrado sob

---

<sup>80</sup> A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 4.

nº. 28518 F e remetido para Manaus ao diretor desta folha uma encomenda e apesar de numerosas reclamações, ainda até esta data não recebeu o seu destinatário a dita encomenda. Nessa notícia referimos também o fato de ter o nosso diretor recebido em Lisboa alguns jornais e cartas quase todos com sinais evidentes de terem sido molhadas, abertas e fechadas de novo, o que foi testemunhado no correio desta cidade.

O senhor administrador do correio de Manaus ordenou a remessa para cá da correspondência do reclamante, que por sua ordem lá esteve retida algum tempo, em virtude deste lhe ter pedido e em carta registrada.

Agora, só depois das reclamações que o nosso diretor endereçou à direção dos correios do Rio de Janeiro, a qual chegaram também outras por intermédio de parentes ali residentes, e passado um ano da data do registro, é que o senhor administrador do correio do Amazonas escreveu-nos uma longa carta em 2 de setembro último na qual, em *admirável* linguagem, queixa-se de nós acerca da notícia a que acima nos referimos, buscando ingenuamente defender-se da grave responsabilidade que lhe cabe no desaparecimento e não entrega a seu dono da dita encomenda.

Diz o senhor administrador nesta carta:

“A encomenda de que V. Sa. tanto fala foi entregue ao vosso correspondente e procurador cujo recibo já foi enviado ao correio do Rio de Janeiro em 12 de agosto.”

Mas quem é esse procurador a quem S. S. se refere? Como se chama? Se o nosso diretor não autorizou o senhor administrador a fazer entrega da correspondência a pessoa alguma em Manaus e tendo S. S., a pedido dele, como já dissemos, enviado para cá o restante da mesma, como é que entregou ou deixou de entregar a outrem lá, *unicamente* essa encomenda de valor? Porque não declara claramente na sua carta o nome da pessoa, que alega tê-la recebido? Será com um recibo assinado por um nome qualquer, que S. S. pretende justificar o desaparecimento da encomenda?

Não é possível, mas, em todo o caso, isto é inaudito e os leitores assim como a direção geral dos correios do Brasil que avaliem a importância do caso.

Do que o senhor administrador do correio de Manaus devia e deve tratar é de averiguar o fato e tomar mais em atenção as nossas sensatas reclamações, pois apesar de ignorarmos o nome ou quem seja a pessoa que assinou o tal recibo de recepção, estamos como os mais que nos lerem, habilitados a afirmar que sem dúvida trata-se de um furto audacioso e neste sentido resta-nos endereçarmos as nossas queixas a quem em último caso compete providenciar.

Para S. S. afirmar que o nosso diretor tem aí procurador, devia ter visto a procuração por ele firmada, mas tal não é possível porque não existe e nem ele tem correspondente nem procurador em Manaus.

Essa encomenda consta dos seguintes utensílios que eram destinados ao consultório médico-dentário que o nosso amigo teve ali pouco tempo aberto e



felizmente foi o mais pequeno e último pedido que fizera aos senhores L. Hermann e Cia.

Uma caixa de ouro para aurificações.

Um jogo de par.<sup>os</sup> para mufflo.

Uma ponta curva para motor n.º. 4.

Seis rodas de esmeril.

Um espelho superior de cabo niquelado.

Quatro coleções de dentes artificiais.

Assim talvez não seja difícil à polícia e ao senhor administrador saber a cujas mãos foram parar os objetos acima.

Ficamos por enquanto assim sem maiores explicações e o senhor administrador há de permitir-nos contudo uma coisa – S. S. tem andado muito ingenuamente neste negócio. É ainda para admirar que sendo também S. S. diretor de uma repartição postal, ignore o selo que deve trazer de lá para cá uma carta simples, pois já duas cartas suas dirigidas ao nosso diretor foram aqui multadas por virem mal seladas!

Na persuasão de que o senhor administrador saberá vir a cumprir com o seu dever e faça o possível por desencantar esta encomenda, temos o prazer de lhe ensinar que o sobrenome do nosso amigo é Leal e não Lial como S. S. escreve.

A redação.

\*\*\*\*\*

## CORREIO DE MANAUS<sup>81</sup>

O Sr. Raimundo Pires, que infelizmente ainda continua a ocupar o cargo de administrador do Correio de Manaus, pelos modos parece querer continuar a divertir-se conosco?! É isto o que podemos depreender da soberba carta que ultimamente dirigiu ao nosso diretor e da leitura do artigo por ele assinado e publicado na *Federação* e que teve a lembrança de endereçar-nos.

Que nos importa a nós que o Sr. Pires seja feliz e conte com o governo lá da sua terra e não tenha medo de demissões?! No que nós achamos graça é nesse artigo já implorar a nossa benevolência e obrigar-nos a agradecer-lhe a fineza com que nos distinguiu chamando-nos ilustrados, etc.

Muito obrigado, senhor Pires, mas o que nós queremos é saber onde para ou que destino V. Sa. deu à encomenda registrada nº. 28518 F, expedida em 20 de agosto de 1894 pelos Srs. Louis Hermann & Cia., do Rio de Janeiro para aí, ao nosso diretor, que até agora a não recebeu.

---

<sup>81</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, jan. 1896, a. 3, série 3, p. 4.

O que nós podemos, senhor Pires, é garantir que o documento que V. Sa. fez publicar com o seu artigo na *Federação* e no qual se vê o nome do diretor da *Madrugada* e a data de 6 de março de 94, é um documento falso, porque ninguém pode crer que tendo o nosso diretor justamente nessa data passado uma procuração bastante autorizando o Sr. Emiliano de Araújo para retirar do correio de Manaus a sua correspondência, *fosse também* passar esse simples documentos para o mesmo fim.

Esta Sr. Pires só um tolo a pode comer e permita dizer-lhe que V. Sa. foi enganado, porque, repetimos, esse documento é falso e há de permitir também dizer-lhe que o documento verdadeiro que lá deve existir é aquele em que o nosso diretor o avisou, antes de partir de Manaus para Lisboa e antes da chegada lá do tal registrado – que havia retirado em *julho* do mesmo ano de 94 das mãos do Sr. Araújo a procuração passada em março.

Agora do que se trata de verificar é se o Sr. Araújo recebeu do correio aí a dita encomenda sem estar mais autorizado a fazê-lo ou se assinou enganado e iludido na sua boa fé o recibo ou certificado dessa encomenda, recibo que o Sr. Pires enviou ao Diretor Geral dos Correios do Brasil, que veio aqui parar às nossas mãos e que já foi devolvido para novo procedimento.

E como o Sr. Araújo quando estava de posse da procuração recebeu e entregou ao nosso diretor outros registrados expedidos também pelos Srs. L. Hermann & Cia. trata-se de saber se o fizeram assinar esse recibo dolosamente, como se tratassem de uma das *outras encomendas* por ele recebidas em data

muito anterior, fazendo-o crer que um primeiro se perdera e sem que ele reparasse na data e no número da encomenda! (Aqui é que está o X).

Com esse recibo o Sr. Pires e o seu digno auxiliar julgam-se garantidos não é assim? Resta o Sr. Araújo explicar-se ou de defender-se porque é o Sr. Pires quem o acusa de ter recebido *em setembro de 1894* o registrado em questão, isto é, depois da partida de Oscar Leal para Portugal.

O leitor talvez a aferir pelas nossas palavras compreenda mais ou menos que tratamos duramente o Sr. Pires e por isso devemos dizer que o procedimento deste senhor era para já ter-nos feito perder a paciência, porque, podemos garantir, esse sujeito não parece um homem sério. A prova está em ter como diz entregue o registrado a um indivíduo que ele sabia não estar mais em setembro autorizado a recebê-lo, a apresentação de um documento que ele deveria ter verificado ser falso pelos motivos expostos, depois o fato de fazer entrega dessa encomenda de cartas violadas dirigidas ao mesmo destinatário, e finalmente o divertimento a que se tem entregue, enviando certas cartas ao nosso diretor por si mal escritas contendo graças e fazendo-o pagar multas por virem sem selo.

A sua última carta encerra uma série de disparates que nos fazem pasmar. Ela cá fica para o fim que deve ter, porque a questão vai ser entregue a um advogado, caso o famoso registro não tenha aparecido.

A REDAÇÃO

\*\*\*\*\*

ANÚNCIOS – GUIOMAR TORREZÃO (...) OSCAR LEAL<sup>82</sup>

*Viagem às terras goianas*, Brasil central. Um lindo volume com duzentas e setenta e cinco páginas, adornado com gravuras de Pastor, um mapa e um prólogo de Pinheiro Chagas.

À venda os últimos exemplares nas principais livrarias de Portugal e Brasil. Desenhos do autor.

*Contos do meu tempo*. Um volume ilustrado, em prosa e verso.

A respeito desta publicação, assim se exprime a imprensa brasileira:

"... Se o Dr. Oscar Leal não fosse assaz conhecido na república das letras pelo seu cultivado espírito e abalizados dotes de publicista, o livro *Contos do meu tempo* seria o suficiente para consolidar-lhe a reputação como escritor emérito..."

Do *Artista*, do Rio Grande do Sul.

"Os *Contos do meu tempo* compreendem três partes: a primeira é uma coleção de quinze mimosos contos, em estilo despretensioso e ameno, que podem ser lidos de um fôlego e deixam o espírito agradavelmente impressionado; a segunda, *Flores de maio*, é uma série de poesias diversas em

---

<sup>82</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 4.

que a elegância, a naturalidade e a correção da forma corresponde a inspiração do pensamento; a terceira *Excursões*, contém cinco descrições de viagens que interessam o leitor pela sua singeleza, e encantam pelo modo porque lhe são transmitidas as impressões e as ideias que a contemplação da natureza sugere a um homem culto, etc...”

Do *Amazonas*.

“Os *Contos do meu tempo*, de Oscar Leal, oferecem algumas horas de agradável passatempo, etc.”

Do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro

“Os *Contos do meu tempo* é uma obra digna de uma estante de literatura, como são todas as obras que saem do másculo talento do nosso distinto compatriota o Dr. Oscar Leal...”

Do *Comercial* do Pará.

“Os *Contos do meu tempo* são escritos com a *verve* que caracteriza o autor e que já o fez conhecido da imprensa brasileira e estrangeira, etc.”

Do *Goiano*.

“Pelos capítulos... que lemos ficamos fazendo boa ideia de todo o livro. Oscar Leal tem prestado à literatura pátria importantes serviços, enriquecendo-a de dia a dia.”

Do *Clarim* de Cuiabá.

"*Contos do meu tempo*, produção da cintilante pena do nosso colaborador Oscar Leal... Pela leitura que fizemos auguramos boa recepção no mundo das letras, etc."

*Da Gazeta de Uberaba.*

"... sem pretensões a romancista, o Sr. Dr. Leal mostra-se um *conteur* muito estimável, pois diz com espírito o que quer referir e por vezes cativa inteiramente o leitor... etc."

*Do Diário de Pernambuco.*

"... Compreende esta obra contos, versos e excursões que revelam muita habilidade no autor incontestavelmente inteligente."

*Do Comércio de Pernambuco.*

"Os contos são magníficos e a sua leitura deleita suavemente. A parte poética, que pode desagradar aqueles que amam a poesia antiga, é, pelo contrário, admirável e curiosa, porque pertence à arte individualista, a que sempre se filiou o Dr. Oscar.

São versos, pois, e não poesias."

*Do Correio de Notícias.*

"Como se fosse um rosário em que cada conta desfiada tivesse que deixar o sussurro de uma oração, assim desfiei as páginas dos *Contos do meu tempo*, deixando em cada uma delas a minha humilde apreciação, o culto do valor que

merece pela inspiração, pela arte, pelo estilo tão atilado, tão vivo, tão perceptivo que é traçado...”

Asdrubal de Lemos, redator da *Capital* de S. Paulo.

“... Além de dois ou três anônimos sem importância, já se vê, foram de opinião contrária ao mérito dos *Contos do meu tempo*, a *Província* de Pernambuco, que se limitou a classificar o trabalho de audácia literária; e o *Diário de Notícias* da Bahia, que fez crítica acintosa e agressiva, o que causou certa admiração, pois outrora quando eram seus redatores os ilustres jornalistas Lopes Cardoso e Lellis Piedade, esse diário mais de uma vez teceu elogios ao autor. Dente de coelho... Afinal de contas trata-se também de crítica anônima!...”

Da *Revista Bibliográfica*

\*\*\*\*\*

AYGARA<sup>83</sup>

Aygará é o nome de uma formosa rapariga, filha natural de um homem importante de Goiás, aprisionada quando pequena em companhia de sua mãe, pelos selvagens apinajés, que habitam o Tocantins e Araguaia e de quem Oscar

---

<sup>83</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 4.



Leal dá minuciosa conta, ao descrever-nos a sua estada em uma das aldeias dessa tribo, no seu esplêndido livro *Viagem a um país de selvagens*, que deve sair do prelo esta semana, editado pela Livraria de Antônio Maria Pereira.

Esta obra é dividida em duas partes, ornada de perto de trinta gravuras e possui vinte e três capítulos com as seguintes denominações: *A bordo do Xingu – Cametá – Usos e considerações – Rio acima – A lanceada – Em casa de padre – Na Vila de Mocajuba – Estudo rápido – Caçada aos jacarés – O natal no Baião – Além das cachoeiras – Os apinagés – Aygara, a filha do cacique – Casamento e vida selvagem – Os convites de Yauay – Os índios da América – O igapó – Nos igarapés – Usos e costumes – A vida no Tocantins – Uma descoberta – Últimos dias em Cametá – De volta ao Pará – Conclusão – Vocabulário*. Com vista aos maliciosos: O fim desta viagem justifica o título.

\*\*\*\*\*

#### ANÚNCIOS – NOVIDADES LITERÁRIAS<sup>84</sup>

Oliveira Martins (...). Maria Amália Vaz de Carvalho (...).

Oscar Leal:

---

<sup>84</sup> A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 4.

*Viagem a um país de selvagens* – Pitoresca e interessante excursão pelo Tocantins, com gravuras de Pastor. Volume de 232 páginas, 600 réis – Livraria Antônio Maria Pereira, Rua Augusta, 54, Lisboa.

\*\*\*\*\*

ENCARTE – propaganda de *Viagem a um país de selvagens*<sup>85</sup>

Obra adornada com muitas gravuras de Pastor – Desenhos do autor – Livraria de Antônio Maria Pereira, Lisboa, Rua Augusta, 54.

À venda nas principais livrarias de Portugal e Brasil.

(A tradução francesa desta obra pertence ao autor e a W. Battemberg)

[Acompanham as gravuras de duas paisagens florestais – “o igarapé” e “o igapó”; um retrato de Oscar Leal; uma representação da “aldeia dos apináges”, tribo visitada pelo autor; e os retratos das índias “Aygara” e “Cararay”, com as quais Leal teria formado uma espécie de triângulo amoroso].

---

<sup>85</sup> A *MADRUGADA*. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, suplemento.



◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Assim, a edição de *A Madrugada* representou um momento de inflexão na carreira literária de Oscar Leal, notadamente quanto à projeção de seu nome e a sua identificação como homem de letras. Nas páginas da revista apareceram as

suas múltiplas ações, surgindo ali o literato, o jornalista, o naturalista, o viajante e até mesmo o dentista. Constituindo praticamente uma obra unipessoal, além da ampla predominância dos escritos da lavra de Leal, ele também redigiu ou influenciou diretamente a redação da maioria das matérias não assinadas. O periódico também serviu para uma ampla divulgação dos trabalhos de Leal, por meio de um intenso intercâmbio, com o envio de exemplares para diversas partes do mundo, fundamentalmente para o Brasil, onde chegou na maioria dos estados. A recepção da folha noticiada em outros jornais invariavelmente trazia, além de elogios à publicação em si, referências ao diretor. A edição da revista também proporcionou um contato mais próximo de Leal com representantes da intelectualidade portuguesa e brasileira, que atuaram como colaboradores e tiveram seus escritos apreciados nas seções bibliográficas e até mesmo seus retratos expostos e dados biográficos apresentados, estabelecendo-se uma verdadeira rede de inter-relações, na qual Oscar Leal exercia o papel de articulador. Por outro lado, o periódico se prestava ainda a constituir o bastião de luta do diretor, nos tantos enfrentamentos que teve em relação a seus desafetos. Finalmente, *A Madrugada* também representou um dos ápices da carreira de Oscar Leal porque constituiu uma publicação de certa qualidade gráfica e textual no rol das publicações literárias e ilustradas que circularam no âmbito luso-brasileiro daquele final de século XIX.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica  
DIRECTOR OSCAR LEAL



Coleção  
Documentos

30

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 786587 216188

ISBN: 978-65-87216-18-8